

INSTITUTO DE PSICOLOGIA – IP
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA CLÍNICA E CULTURA

HERANÇA, MACHISMO E AMOR: ESTRATÉGIAS E DESAFIOS PARA A
CONSTRUÇÃO E MANUTENÇÃO DA CONJUGALIDADE EM CASAIS FORMADOS
POR DOIS HOMENS

Ronald Henrique Leal Acipreste

Brasília/DF, 2026

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA - UnB
INSTITUTO DE PSICOLOGIA – IP
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA CLÍNICA E CULTURA

HERANÇA, MACHISMO E AMOR: ESTRATÉGIAS E DESAFIOS PARA A
CONSTRUÇÃO E MANUTENÇÃO DA CONJUGALIDADE EM CASAIS FORMADOS
POR DOIS HOMENS

Ronald Henrique Leal Acipreste

Dissertação apresentada ao Instituto de Psicologia
da Universidade de Brasília como requisito parcial
para a obtenção de título de Mestre em Psicologia
Clínica e Cultura.

Orientadora: Prof.^a Dra. Isabela Machado da Silva.

Brasília/DF, 2026

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA - UnB

INSTITUTO DE PSICOLOGIA - IP

Dissertação de Mestrado avaliada pela seguinte banca examinadora:

Prof.^a Dra. Isabela Machado da Silva – Presidente

Instituto de Psicologia – Universidade de Brasília (UnB)

Prof. Dr. Fabio Scorsolini-Comin – Membro Externo

Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto – Universidade de São Paulo (EERP-USP)

Prof.^a Dr.^a Cláudia de Oliveira Alves – Membro Interno

Instituto de Psicologia – Universidade de Brasília (UnB)

Prof.^a Dr.^a Maíra Bonafé Sei – Membro Externo Suplente

Departamento de Fundamentos de Psicologia e Psicanálise - Universidade Estadual de
Londrina (UEL)

Agradecimentos

À espiritualidade pelo acolhimento. À família pelo apoio. À professora Isabela Machado da Silva pela generosidade e cuidado nas orientações, aulas e direcionamentos. Aos queridos Wellington pelo nascimento deste tema e desenvolvimento do meu percurso acadêmico. Leila pelo carinho. Prof. Liandro Lindner (doc) pelos alinhamentos, devaneios e reflexões. Professoras Nina e Fátima Aparecida dos Santos pelo apoio. Prof. Ricardo, pelas discussões no âmbito da sociologia. Luana e Cláudia pela revisão e torcida neste processo. Às “BELAS” Clara, Ana Clara, Marina e Paulo. Ao Kaio pela ajuda na divulgação da pesquisa. Aos estudantes de graduação que contribuíram para a realização desta pesquisa. E, por fim, mas não menos importante, Lanna pelo carinho e encorajamento.

Agradeço também às gerações anteriores de mulheres fortes e notáveis por me ensinarem a importância do trabalho, lealdade, honestidade, orgulho, cuidado, força e resiliência, legados importantes que recebi por herança intergeracional. Minha avó, Terezinha Luiza Leal. Minha tia Edinha, Élide Cristina Leal, a primeira pessoa LGBTQIAP+ da família. Iaia, Maria Elizanda Leal. Gratidão.

Este título é dedicado inteiramente à minha mãe, Elâina Aparecida Leal Acipreste, que deixou este plano em 2023. Com amor, fé e ciência concluo esta etapa.

“It’s handled.”

(Pope, Olívia.)

Sumário

Lista de Siglas	8
Lista de Figuras	9
Lista de Tabelas	10
Resumo	11
Abstract	12
Introdução.....	13
Apresentação da Dissertação	18
Justificativa Científica e Social	21
Estudo 1 - Eles e Nós: Uma Revisão Integrativa da Literatura sobre a Influência dos Pais na Construção da Conjugalidade de Casais Formados por Dois Homens	23
Resumo	23
Abstract	24
Método.....	28
Resultados e Discussão.....	30
A Influência da Família de Origem na Construção da Conjugalidade	36
A Adaptação dos Modelos de Conjugalidade Herdados das Famílias de Origem	39
Heteronormatividade e Performance do Papel de Gênero.....	41
A Constituição do Casal como um Fator de Proteção para os cônjuges	43
Considerações Finais.....	45
Referências	47
Estudo 2 - “E vivemos como os nossos pais”: construção e manutenção da conjugalidade em casais homossexuais formados por dois homens	53
Resumo	53
Abstract.....	54
Método.....	65
Instrumentos	65
Procedimentos	69
Procedimentos Éticos	71
Participantes.....	71
Análise dos Dados	75
Resultados e Discussão.....	76
Apresentação dos Participantes	76
Alcides: O Mensageiro	76

Fortunato: O Boticário	77
Pe. Aranha: O Resiliente	78
Antônio: O Grande Amor de Beja	80
Maurício: O Corajoso Romântico	81
A Influência da Herança Intergeracional no Modelo de Conjugalidade	82
A Relação Conjugal como um Fator de Proteção contra a Homofobia Familiar	87
O Machismo e o Racismo Estrutural como Fatores de Risco da Relação.....	95
A Não Monogamia como um Fator de Proteção da Relação	107
Considerações Finais.....	114
Referências	121
Considerações Finais da Dissertação	131
Referências.....	133
Apêndices	137
Apêndice A - Roteiro da Entrevista Narrativa.....	137
Apêndice B - Roteiro de perguntas para a construção do genograma sexual.....	138
Apêndice C - Roteiro com as instruções para a realização do procedimento de desenhos-estórias com tema	139
Apêndice D - Formulário on-line para participação na pesquisa	140
Apêndice E - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido	141
Apêndice F - Exemplo de Análise dos dados do Participante 4 - Antônio	143
Apêndice G - Parecer Consubstanciado do CEP nº 7.992.670	154

Lista de Siglas

Sigla	Descrição
A1	Homem autodeclarado branco dentro da maior faixa de renda
A2	Homem autodeclarado branco dentro da menor faixa de renda
ABEP	Associação Brasileira de Empresas de Pesquisa
APA	American Psychological Association
B1	Homem autodeclarado preto/pardo dentro da maior faixa de renda
B2	Homem autodeclarado preto/pardo dentro da menor faixa de renda
BVS	Biblioteca Virtual em Saúde Brasil
DF	Distrito Federal
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IBICT	Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia
PDE	Procedimento Desenhos-Estórias
LGBTQIAP+	Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transgêneros, Queer, Intersexo, Assexuais, Pansexuais e outros.
PDE-Tema	Procedimento Desenhos-Estórias com Tema
POF	Pesquisa de Orçamento Familiar
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
WOS	Web Of Science

Lista de Figuras

Estudo 1 – Eles e nós: Uma revisão integrativa da literatura sobre a influência dos pais na construção da conjugalidade de casais formados por dois homens

Figura 1 Fluxograma do processo de seleção do método PRISMA

Estudo 2 – “E vivemos como os nossos pais”: construção e manutenção da conjugalidade em casais homossexuais formados por dois homens

Figura 1 Genograma sexual de Alcides

Figura 2 Genograma sexual de Fortunato

Figura 3 Genograma Sexual de Pe. Aranha

Figura 4 Genograma Sexual de Antônio

Figura 5 Genograma Sexual de Maurício

Figura 6 UP 2 do PDE-Tema de Maurício

Figura 7 UP 3 do PDE-Tema de Maurício

Figura 8 UP 4 do PDE-Tema de Alcides

Figura 9 UP 3 do PDE-Tema de Alcides

Figura 10 UP 2 do PDE-Tema de Pe. Aranha

Figura 11 UP 4 do PDE-Tema de Pe. Aranha

Figura 12 UP 1 do PDE-Tema de Antônio

Figura 13 UP 1 do PDE-Tema de Pe. Aranha

Figura 14 UP 3 do PDE-Tema de Antônio

Figura 15 UP 2 do PDE-Tema de Antônio

Figura 16 UP 5 do PDE-Tema de Antônio

Figura 17 UP 4 do PDE-Tema de Alcides

Lista de Tabelas

Estudo 1 – Eles e nós: uma revisão integrativa da literatura sobre a influência dos pais na construção da conjugalidade de casais formados por dois homens

Tabela 1 Levantamento dos artigos analisados na revisão

Estudo 2 – “E vivemos como os nossos pais”: construção e manutenção da conjugalidade em casais homossexuais formados por dois homens

Tabela 1 Perfil dos participantes da pesquisa.

Resumo

Esta dissertação objetivou investigar e conhecer os fatores e risco e proteção para a construção e manutenção da conjugalidade de casais formados por dois homens. Compreende dois estudos. O primeiro, intitulado *Eles e Nós: Uma Revisão Integrativa da Literatura sobre a Influência dos Pais na Construção da Conjugalidade de Casais Formados por Dois Homens*, investigou como a herança intergeracional influencia a construção da conjugalidade de casais formados por dois homens. Usou-se o método de revisão integrativa da literatura com criação de categorias próprias e constatou-se que há influência da herança intergeracional na construção de conjugalidade de casais formados por dois homens. O segundo, intitulado “*E vivemos como os nossos pais*”: *construção e manutenção da conjugalidade em casais homossexuais formados por dois homens*, objetivou investigar e conhecer os fatores e risco e proteção para a construção e manutenção da conjugalidade de casais formados por dois homens. Realizou-se uma pesquisa qualitativa exploratória com estudo de caso coletivo que envolveu cinco homens cisgêneros de diferentes classes e raças, em união estável há pelo menos cinco anos. Foram utilizados como instrumentos entrevistas narrativas, genograma sexual e PDE-Tema. Os resultados confirmam a forte influência da família de origem dos cônjuges e identificam, como fatores de proteção, a renda, a constituição do casal e o acordo de não monogamia que distingue sexo e desejo. Como fatores de risco, identificaram-se a homofobia, o racismo e o machismo, que ameaçam tanto a continuidade relacional, como a saúde mental desses homens.

Palavras-chave: conjugalidade, homossexualidade, casal gay, teoria familiar sistêmica, herança intergeracional

Abstract

This dissertation aimed to investigate and identify the risk and protective factors involved in the construction and maintenance of conjugality among male-male couples. It comprises two studies. The first, entitled “*Eles e Nós: Uma Revisão Integrativa da Literatura sobre a Influência dos Pais na Construção da Conjugalidade de Casais Formados por Dois Homens*”, investigated how intergenerational inheritance influences the construction of conjugality in such couples. An integrative literature review method was employed, with the creation of ad hoc analytical categories, and it was found that intergenerational inheritance does indeed exert an influence on the construction of conjugality among male-male couples. The second, entitled “*“E vivemos como os nossos pais”: construção e manutenção da conjugalidade em casais homossexuais formados por dois homens*”, aimed to investigate and identify the risk and protective factors for the construction and maintenance of conjugality in male-male couples. An exploratory qualitative research design was conducted, utilizing a collective case study that involved five cisgender men from diverse socioeconomic classes and racial backgrounds, all of whom had been in a stable union for at least five years. The instruments employed included narrative interviews, the sexual genogram, and the PDE-Tema. The findings confirm the strong influence of the spouses' families of origin and identify, as protective factors, income, the couple's established dynamic, and the agreement on non-monogamy, which distinguishes between sex and desire. As risk factors, homophobia, racism, and machismo were identified, which threaten both relational continuity and the mental health of these men.

Keywords: Conjugality; Homosexuality; Male same-sex couple; Family Systems Theory; Intergenerational transmission

Introdução

Esta pesquisa surge em um contexto totalmente informal. Gosto de falar que o tema emerge de uma conversa de boteco, mesmo não sendo literal. Para desenhar o contexto, algumas informações são relevantes: Wellington Batista Moura, homem autodeclarado branco, gay, cisgênero, nascido em 1992. Wellington surge na minha vida como meu estagiário na UnB, mas as surpresas da vida nos encaminharam para uma importante amizade que nasceu em 2014 e perdura atualmente. Esse amigo poderia ser um participante desta pesquisa, pois está em um relacionamento estável, há mais de cinco anos, com outro homem, mas, por questões éticas e metodológicas, sua contribuição é por outros meios.

É importante contextualizar para compreender. Em nossas conversas frequentes, indaguei: “mas por qual motivo gays não passam mais do que um ano em uma relação?”. Tal pergunta foi feita por conversa em aplicativo de mensagem enquanto estava no meio de uma aula sobre elaboração de projeto de pesquisa. Preciso adicionar que o meu interesse por pesquisar famílias e casais vem desde 2017, ainda na graduação. Fui buscar nos livros alguma luz para esse fim de túnel, mas encontrei uma literatura construída majoritariamente dentro do conceito heterocentrado de família, ou seja, casais formados por homem e mulher.

Daí surge o que posteriormente se tornaria a pergunta de pesquisa para o projeto que resultaria nesta dissertação de mestrado. As orientações com a profa. Isabela Machado da Silva foram imprescindíveis para que uma conversa informal se tornasse metodologicamente viável para sua execução. Saímos de um questionamento sobre o porquê de não dar certo para o motivo de dar certo. Naquele primeiro momento, pensei ser mais complexo, mas hoje entendo ser mais interessante, não só pelo que me toca, mas por ser clínica e cientificamente mais relevante no processo de produção de conhecimento.

Preciso aqui destacar duas falas marcantes dos professores Rogério Lopes (IESB) e Mauricio Neubern (UnB), que, em suas aulas, sempre destacaram que não há neutralidade possível. O outro nos atravessa e nós atravessamos o outro e assim nos constituímos humanos. Isso é aplicado não apenas ao tema que me atravessa, mas toca e transforma os participantes, que gentilmente cederam seu tempo e histórias e, claro, aos demais pesquisadores e pesquisadoras que continuarão existindo e resistindo ao escolherem caminhos semelhantes.

Para compreender os termos citados e usados em muitos trechos desta pesquisa, serão apresentadas algumas definições importantes. Falcke e Wagner (2014) entendem que configuração familiar é o conjunto de personagens que compõem o núcleo da família. Como um exemplo, podemos pensar em uma família formada por um pai, uma mãe, dois filhos. As autoras defendem o uso do termo no plural: famílias – a fim de que se possa traduzir a diversidade de configurações e arranjos familiares existentes.

Já a estrutura familiar é o conjunto de exigências invisíveis que promovem o funcionamento das famílias e dão a organização dessas relações. Logo, essa estrutura é vista como algo existente na interação dos familiares. As autoras frisam que a configuração não determina como as famílias se constituem em estrutura (Wagner et al., 2011).

Detalhando esses sistemas, as pesquisadoras conceituam sistema familiar como “um grupo de pessoas que interagem a partir de vínculos afetivos, consanguíneos, políticos, dentre outros, que estabelecem uma rede infinita de comunicação e mútua influência” (Wagner et al., 2011, p. 23). Os subsistemas familiares, por sua vez, são as relações que ocorrem com o reagrupamento dos membros desse sistema maior. Por exemplo, a relação entre os irmãos é constituída de forma diferente em relação aos pais.

Boszormenyi-Nagy e Spark (2012) apresentam o conceito de lealdades como as forças que tornam um membro efetivo do grupo e, em contrapartida, ele precisa cumprir com as demandas coletivas; os valores são entendido como os aspectos que a família se empenha em

passar aos membros das demais gerações (Cervený & Berthoud, 1997); crenças são definidas como os preceitos acerca do que é certo ou errado, do que é moral ou ético para aquela família (Dallos, 1996); os mitos atuam como um motor de equilíbrio (homeostase) para que a família se mantenha coesa e protegida das influências externas (Andolfi & Angelo, 1989).

Os segredos familiares são compreendidos como as maneiras de se manter velados os sentimentos ou informações que não correspondam às exigências sociais ou aos padrões da família (Carpenter & Treacher, 1993). Podemos exemplificar o cometimento de algum crime por um membro da família e isso ser abafado pelos demais membros com o objetivo de não “manchar o nome da família”. Os ritos, por sua vez, se referem às cerimônias ou rituais familiares com regras bem definidas com a finalidade de transmitir os legados familiares aos demais membros do sistema (Bennett et al., 1988); e, finalmente, os legados são como as revelações às gerações seguintes das principais características que constituem a família atual e do que se espera das próximas no sentido de continuidade. Em outras palavras, aquilo que precisa ser mantido como importante para as próximas gerações (Steinglass et al., 1989).

A sexualidade humana e sua complexidade não são temas novos na literatura. Foucault em sua obra sobre a história da sexualidade na década de 1970, já questionava sobre as várias formas de expressão do sexo e da existência humana (Foucault, 1988). Para o autor, o sexo e o poder andam juntos como um “regime binário: lícito e ilícito, permitido e proibido” (p. 81). Zanello (2020a) explicita que a monogamia age como um dispositivo de controle de corpos, sobretudo de mulheres na sociedade ocidental.

Foucault (1988) reflete sobre a dinâmica do poder e do sexo. Em suas palavras, “afirmar que não é permitido, impedir que se diga, negar que exista” (p. 82), é uma forma de recalcar (esconder), no teor da psicanálise, aquilo que porventura possa ser usado como instrumento de poder sobre o outro, sobretudo o sexo e o desejo pelo prazer. Aquilo que não é falado, não existe. O que não é permitido jamais seria uma possibilidade. Contudo, o autor

ainda complementa que a essência humana é mais profunda que o instrumento de controle usado pelos dispositivos sociais, incluindo a monogamia em nossa sociedade ocidental (Foucault, 1984; Zanello, 2020a). Isto é, mesmo que não seja explicitamente autorizada, a busca pelo prazer é um motor que movimenta o nosso íntimo.

Vale destacar o que o próprio Foucault (1988; 1984) e Zanello (2020a) versam sobre a monogamia ser um modelo conjugal valorizado em diferentes culturas e com distintas funções. Em culturas onde impera o cristianismo, a monogamia é valorizada com o objetivo de controle de natalidade, reprodução e até de bens, a vivência monogâmica é associada principalmente com o autocontrole, com a capacidade de resistir às tentações do mal, aqui representado também pelas relações sexuais fora do casamento.

Já em culturas orientais, como na China antiga, Foucault (1984) salienta que o papel da mulher em poligâmias – quando há mais esposas para o marido – está ligado ao poder que ela exerce dentro da relação e à capacidade de manifestar um “comportamento erótico destinado a majorar tanto quanto possível o prazer dos parceiros” (p. 129). Isso proporcionava uma concorrência em relação às demais esposas, pois essa capacidade de dar prazer era acompanhada de um status dentro da relação. Nuñez (2023) ainda complementa que a não monogamia já era uma realidade há séculos em culturas de povos tradicionais nas américas. Logo, historicamente as relações não monogâmicas já eram e são uma realidade nas mais diversas culturas.

Esse resgate histórico dos modelos de conjugalidade nos mostra que a monogamia e a não monogamia não são questões recentes, mas que, por demandas culturais e sociais de cada época, constituíram formas aceitáveis ou não de se constituir uma relação conjugal. Santana et al. (2024) destacam que a própria concepção de família passou por transformações no decorrer do tempo. Saímos de modelos engessados para um questionamento sobre o que se considera legítimo ao pensar em família. Os pesquisadores ainda reforçam a necessidade da

evolução não apenas do pensamento social, mas do próprio Estado para reconhecer modelos familiares que não sejam centrados no “casal heterossexual e no amor romântico – e da cis-heterossexualidade” (p. 2). Ou seja, não se deve apenas focar nos modelos conjugais construídos a partir da monogamia, utilizada historicamente como um dispositivo de controle de corpos de mulheres (Foucault, 1984, 1988; Vassalo, 2022; Zanello, 2020a). As formas não monogâmicas de se relacionar são uma realidade social que necessita ser considerada, afinal, negar sua existência não as exclui do mundo real (Foucault, 1984).

Santana et al. (2024) trazem a definição de não-monogamias como um projeto político para romper as barreiras colonialistas de afeto, isto é, pensar em novas formas não tradicionais – leia-se, neste adendo, como monogâmicas – a fim de que as particularidades das pessoas possam ser representadas em seus modelos de relação conjugal. Nuñez (2023) afirma que termos como poligamia, poliamor, relacionamento aberto e amor livre não carregam os mesmos significados e não traduzem a mesma ideologia. Inclusive o próprio conceito de monogamia vem sofrendo evoluções desde que foi definido, como apontam Foucault (1988) e Zanello (2020a). Para Nuñez (2023), o conceito que era definido como a possibilidade de ter “apenas um (mono) casamento (gamia)” (p. 33) durante a vida passa por transformações a partir da possibilidade de divórcios formais e começa a ser entendido como não ter mais de um vínculo afetivo-sexual ao mesmo tempo.

No senso comum, a expressão poliamor faz referência direta ao prefixo poli – que dá a ideia de quantidade – e traz consigo o estigma de promiscuidade pela prática sexual e afetiva com vários parceiros/as durante a vida. Para Nuñez (2023), essa expressão está mais próxima ao pensamento de que é possível amar mais de uma pessoa ao mesmo tempo, incluindo relações que não envolvam a prática sexual, como, por exemplo, amar seus familiares.

As expressões como amor livre, não monogamia consensual, relação aberta, segundo Nuñez (2023), acabam incorrendo em questões que perpassam a noção de liberdade, afinal,

como definir o que é ou não livre? Ou o que seria amor não livre? A autora destaca que não gosta dessas expressões justamente por serem limitadas. No trabalho de Geni Nuñez (2023), a expressão mais ampla seria capaz de abarcar essas possibilidades: a não monogamia, que seria o mais próximo do conceito de liberdade de escolha sobre essas relações já pré-definidas pelas leis, normas e cultura.

Apresentação da Dissertação

Nesta dissertação, objetiva-se investigar e conhecer os fatores de risco e proteção para a construção e manutenção da conjugalidade de casais formados por dois homens. Como objetivos específicos, pretende-se: (a) compreender como os casais homoafetivos formados por dois homens elaboram as regras do seu contrato conjugal; (b) investigar como esses casais se relacionam com conceitos e práticas de infidelidade, monogamia ou poligamia no seu relacionamento e investem na manutenção da sua relação; (c) conhecer a influência do modelo de conjugalidade aprendido nas famílias de origem em suas relações; (d) investigar as repercussões das interseccionalidades de raça, gênero e realidade socioeconômica na construção e prática da conjugalidade em casais constituídos por dois homens.

Os objetivos serão respondidos com a realização de dois estudos. O primeiro sob o título *Eles e Nós: Uma Revisão Integrativa da Literatura sobre a Influência dos Pais na Construção da Conjugalidade de Casais Formados por Dois Homens* busca responder ao objetivo de conhecer a influência do modelo de conjugalidade aprendido nas famílias de origem em suas relações. O segundo intitulado “*E vivemos como os nossos pais*”: *construção e manutenção da conjugalidade em casais homossexuais formados por dois homens*, busca responder aos objetivos de compreender como os casais homoafetivos formados por dois homens elaboram as regras do seu contrato conjugal; investigar como esses casais se relacionam com conceitos e práticas de infidelidade, monogamia ou poligamia no seu relacionamento e investem na manutenção da sua relação; investigar as repercussões das

interseccionalidades de raça, gênero e realidade socioeconômica na construção e prática da conjugalidade em casais constituídos por dois homens. A pesquisa baseou-se nos estudos de gênero de Valeska Zanello (2020a, 2020b), Welzer-Lang (2001), Nuñez (2023) e na teoria familiar sistêmica de Carter e McGoldrick (1995), Bowen (1966; 1993) e Andolfi (2019).

Matos (2008) propõe que os estudos de gênero e feministas no contexto acadêmico brasileiro se estabeleçam como um novo campo científico dentro das ciências humanas e sociais e não apenas incluir a temática em teorias já existentes que exploram a complexidade do existir humano. A autora ainda critica a epistemologia ocidental moderna essencialmente positivista e androcêntrica - finca o fenômeno humano a partir do ponto de vista do homem e esse é um importante ponto de convergência com a teoria sistêmica.

Esteves de Vasconcellos (2002) em sua obra *Pensamento Sistêmico* o novo paradigma da ciência problematiza e desenha um caminho epistemológico sobre como a teoria sistêmica é capaz de construir novas formas de enxergar o fenômeno humano. Em sua obra, a autora explica que o Pressuposto da Complexidade transforma o que era simples e linear como algo que é necessário contextualizar para compreender. As demandas sociais atuais como direitos de mulheres, LGBTQIAP+ (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transgêneros, Queer, Intersexo, Assexuais, Pansexuais e outros) e demais minorias sociais passam a ser mais destacadas não apenas com o advento das redes sociais, mas com o avanço das tecnologias jurídicas, de saúde e de informação. Essas pessoas passam a ter mais voz por meio da luta pelos seus direitos formalizados e isso transforma a sociedade.

A intersecção entre os estudos de gênero, masculinidades e feminismo é possível graças à complexidade explicada por Esteves de Vasconcellos (2002). Isto é, a partir da nova forma de enxergar a dinâmica social como complexa, instável e intersubjetiva, conceitos também explorados pela autora em sua obra, é uma forma de se aproximar metodologicamente da realidade humana. Não se pretende, portanto, desvalorizar o percurso

construído pelas ciências tradicionais, mas adicionar camadas a fim de que seja possíveis novas leituras do comportamento e a dinâmica do que é ser humano em nossos tempos atuais.

Foram realizados dois estudos para comporem esta pesquisa. O Estudo 1 intitulado *Eles e Nós: Uma Revisão Integrativa da Literatura sobre a Influência dos Pais na Construção da Conjugalidade de Casais Formados por Dois Homens*, tem como foco pesquisar as repercussões da intergeracionalidade na construção e adaptação dos modelos de conjugalidade de casais formados por dois homens. A pesquisa foi realizada nas seguintes bases de dados: PsycInfo, da American Psychological Association (APA), Biblioteca Virtual em Saúde (BVS), Scopus, Web of Science e OASIS, do Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT). A revisão integrativa da literatura consiste em elaborar uma síntese do que há de relevante publicado em bases científicas, contemplando abordagens metodológicas diferentes, como estudos teóricos, empíricos e mistos (Souza et al., 2010).

O Estudo 2, intitulado *“E vivemos como os nossos pais”: Estratégias e Desafios para a Construção e Manutenção da Conjugalidade em Casais Formados por Dois Homens*, se caracteriza como um estudo empírico exploratório de caráter qualitativo, com delineamento de estudo de caso coletivo, entendido aqui como o estudo de um conjunto de casos selecionados com o objetivo de investigar e conhecer um determinado fenômeno, suas singularidades e semelhanças (Stake, 2006). Marin et al. (2021) destacam que esse tipo de estudo é amplamente utilizado na área de psicologia, pois contempla ferramentas que possibilitam conhecer um fenômeno com profundidade.

O principal problema de pesquisa proposto nesta dissertação trata da investigação sobre quais são os fatores de risco e proteção para a construção e manutenção da conjugalidade de casais formados por dois homens. A expectativa é que esse estudo ajude a compreender as estratégias (os modelos de relação) desenvolvidas por esses casais para lidarem com os fatores de risco e proteção na construção da sua conjugalidade. Inclusive,

serão investigados os modelos conjugais escolhidos pelos participantes, como relacionamentos monogâmicos ou não monogâmicos e demais estratégias usadas por eles para adaptarem o modelo conjugal aprendido à realidade do casal, além da influência da intersecção de raça e renda nesses fatores.

Justificativa Científica e Social

O Brasil, segundo a Pesquisa Nacional de Saúde 2019 (Vasconcelos, 2023), possui aproximadamente 2% de sua população identificando-se como lésbicas, gays, bissexuais, transsexuais e outros (LGBTQIAP+). Metade dessas pessoas relataram ter sofrido algum tipo de violência nos últimos 12 meses. Homens gays ocupam posição subalterna na hierarquia da Casa dos Homens (Welzer-Lang, 2001) e estar em local social inferior é motivo para o sofrimento de inúmeras violências. Conhecer, portanto, as estratégias utilizadas por esses casais para lidar com o conflito entre as expectativas familiares de continuação do seu legado - como é esperado no ciclo de vida familiar: o novo casal e casal com filhos pequenos (Carter & McGoldrick, 1995) – e o não cumprimento delas dentro do que se espera por serem filhos homossexuais pode contribuir para o enfrentamento de violências direcionadas para essas pessoas e promover reflexões e rearranjos do modo de viver e pensar em sociedade.

Os modelos de conjugalidade e parentalidade transmitidos por grande parte das famílias de origem são baseados em um processo de socialização tradicional heteronormativo, no qual homens e mulheres possuem papéis bem definidos e comportamentos esperados (Baére et al., 2015; Zanello, 2020a, 2020b). A investigação dos modelos de construção da conjugalidade adotados por casais formados por dois homens pode contribuir para identificar e conhecer como ela é desenvolvida e como é feita a adaptação dos modelos de conjugalidade fruto de herança intergeracional. Somando a isso, a literatura aponta que a busca pelo cônjuge permeia a busca por similaridade ou complementaridade, como apresentado por Silva et al. (2010). As pesquisadoras destacam que os casais buscam por “semelhanças no que se refere

aos valores, ideias, objetivos e interesses” (p. 388). Logo, a influência desses modelos aprendidos na família de origem fica evidenciada quando há a busca de um parceiro (Falcke & Wagner, 2014; Silva et al., 2010; Wagner et al., 2011).

Estudo 1 - Eles e Nós: Uma Revisão Integrativa da Literatura sobre a Influência dos Pais na Construção da Conjugalidade de Casais Formados por Dois Homens

Ronald Henrique Leal Acipreste

Isabela Machado da Silva

Resumo

Nesta revisão integrativa, investigamos como a herança intergeracional influencia a construção da conjugalidade de casais formados por dois homens. Especificamente, verificar se a heteronormatividade familiar influencia a construção de conjugalidade de filhos homossexuais que se casam e investigar as características dessas influências. Entre janeiro e fevereiro de 2026, realizamos buscas nas bases BVS, APA, OASIS, Web of Science e Scopus. Além de artigos acadêmicos, foi incluída também literatura cinzenta. Dos 101 trabalhos recuperados, selecionamos 16 pelo método PRISMA. Os resultados evidenciam a influência das famílias de origem na conjugalidade homossexual masculina, principalmente na perpetuação de valores, legados, mitos e segredos. Os estudos demonstraram a adaptação de valores familiares a normas sociais heterocentradas, incluindo papéis de gênero idealizados. As implicações práticas encontradas por esta pesquisa direcionam reflexões para os terapeutas familiares a fim de que o atendimento psicoterapêutico de casais formados por dois homens seja conduzido a partir de uma ótica científica, atual, criteriosa e técnica. Considerar as especificidades da necessidade de criação e adaptação de modelos conjugais e de como as violências interpelam essas pessoas é passo importante para um atendimento humanizado.

Palavras-chave: herança intergeracional, conjugalidade, casais homossexuais, heteronormatividade, família de origem

Abstract

This integrative review aimed to investigate how intergenerational inheritance influences the construction of conjugality among male-male couples. Specifically, it sought to verify whether family heteronormativity influences the conjugality of homosexual sons who marry and to investigate the characteristics of such influences. Between January and February 2026, searches were conducted in the BVS, APA, OASIS, Web of Science, and Scopus databases. In addition to academic articles, gray literature was also included. Of the 101 records retrieved, 16 were selected in accordance with the PRISMA guidelines. The results highlight the influence of families of origin on male homosexual conjugality, primarily in the perpetuation of values, legacies, myths, and secrets. The studies demonstrated the adaptation of family values to heterocentric social norms, including idealized gender roles. The practical implications identified in this research direct reflections toward family therapists, aiming for psychotherapeutic care for male-male couples to be conducted from a scientific, current, judicious, and technical perspective. Considering the specificities of the need to create and adapt conjugal models, as well as how violence interpellates these individuals, constitutes an important step toward humanized care.

Keywords: Intergenerational heritage; Conjugality; Homosexual couples; Heteronormativity; Family of origin

Nascer é como ser catapultado em um livro já preenchido com personagens e histórias, é como estabelecer um contato com uma realidade cujas regras já estão parcialmente escritas. Nossa presença criará algumas mudanças no enredo e no final, mas nunca seremos capazes de nos separar das páginas que precedem nossa entrada na cena, e inevitavelmente, seremos influenciados por essas páginas das quais somos filhos.

Maurizio Andolfi (1942/2019, p. 41).

Todas as ideias derivam da sensação ou reflexão? O que transformamos em questionamento para iniciar este trabalho foi afirmado pelo filósofo John Locke (1999), em sua obra *Ensaio acerca do Entendimento Humano*. A famosa frase de que nascemos como uma tábula rasa ou papel em branco, segundo o autor, diz que a experiência é a forma única de adquirir conhecimento e existência. Nascemos, portanto, desnudos de todas as formas e prontos para uma construção do zero.

É com a humildade acadêmica necessária que discordamos dessa afirmação quando nos embasamos na teoria sistêmica com sua diversidade de pensamentos. O que entendemos e projetamos como identidade não é algo nato, puramente fisiológico ou dado por deus em forma de benção divina. Não nascemos puramente lisos de identidade. Somos, antes de estarmos, idealizados, esperados e constituídos por nossas famílias. O que não quer dizer que tal afirmação seja uma determinação do que nos tornaremos no decorrer do desenvolvimento. Possuímos, em algum nível, certa autonomia para escolher e construir nossos próprios caminhos. Retomando as palavras de Maurizio Andolfi (2019) que introduzem este trabalho, inevitavelmente seremos influenciados por elas – as famílias.

Andolfi (2019) trabalha essa questão afirmando que a família passa por intersecções de histórias individuais, experiências compartilhadas e vínculos intergeracionais. Em outras palavras, nossa constituição como pessoa é perpassada por influências invisíveis e intangíveis. Somos influenciados de forma multidirecional, de forma ascendente (pelas gerações anteriores) e lateralmente (por outros membros da nossa geração).

Quando um casal se forma, ele é colocado no meio dessa convergência de complexas tramas familiares. A partir daí, é necessário estabelecer acordos e concessões para que exista a adaptação e coexistência das suas individualidades. Afinal, não é apenas um entrelace do que se tem como história, mas uma projeção do que o novo casal pretende construir (Bowen, 1966, 1993; Andolfi, 2019).

É preciso destacar que essas histórias não são meramente ensinadas em uma espécie de aula formal, tudo acontece de forma natural, inconsciente e discreta. São hábitos, comportamentos, segredos, legados e costumes que nos são ensinados para que possamos pertencer ao sistema familiar. A intergeracionalidade é o movimento de herdar o legado ético e relacional. Além de transmitir essas lealdades invisíveis, influenciam e moldam os nossos valores, comportamentos e visão de mundo (Boszormenyi-Nagy & Spark, 2012). Andolfi (2019), acrescenta a esta discussão em sua teoria sobre Terapia Familiar Multigeracional destacando que a transmissão intergeracional funciona como um alicerce da continuidade familiar. A família não começa do zero, mas funciona como uma instituição viva que recebe modelos das gerações anteriores e os adapta para continuar existindo e resistindo ao avanço do tempo.

O ciclo vital familiar (CVF), estudado por muitos autores, é um modelo teórico que mostra como o desenvolvimento familiar acontece por meio de um processo dinâmico marcado por fases desse ciclo (Andolfi, 2019; Carter & McGoldrick, 1995; McGoldrick, 2016). McGoldrick e Shibusawa (2016) apresenta as fases do ciclo de vida familiar como: (1)

O início da vida adulta; (2) A formação do novo casal; (3) Famílias com filhos pequenos, (4) Famílias com filhos adolescentes, (5) Saída de casa dos filhos e o seguir em frente e (6) A família no fim da vida. Para este trabalho, o foco será na fase dois: a formação do novo casal.

A escolha do cônjuge não é aleatória. Como já citado, carregamos as nossas gerações anteriores conosco, fazendo parte da constituição do presente e futuro. Silva et al (2010), em pesquisa realizada com casais, apontam que a busca por similaridade e complementaridade foi um movimento a ser destacado após a investigação realizada. Os casais evidenciaram a forte influência do relacionamento conjugal dos pais na construção da ideia do que seria – ou não – uma boa relação para si.

Ademais, é necessário refletir acerca das masculinidades e questões relacionadas ao gênero que perpassam a construção de nossas identidades. Butler (1998) revolucionou o entendimento da construção de gênero que embasava as teorias feministas até meados da década de 80. Para a autora, sexo ainda é um fator relevante na construção de identidade de gênero, ainda que este seja uma construção social com signos e performances ensinadas no processo de socialização.

Zanello (2020a), em sua teoria sobre os dispositivos de gênero, enfatiza que o processo de socialização constitui as identidades de gênero sob a ótica binária. Ou seja, para homens é ensinado e esperado uma performance máscula, viril, dominadora e violenta, enquanto para mulheres, o cuidado, fragilidade e submissão são características hipervalorizadas. Dentro desta ótica, a autora cria os dispositivos materno – mulheres são ensinadas a cuidar de homens; o dispositivo amoroso – mulheres constituem identidade a partir de uma relação amorosa com um homem; e o dispositivo da eficácia – homens são ensinados a esperar o cuidado e submissão de mulheres.

Mesmo que a literatura (Carter & McGoldrick, 1995; McGoldrick, 2016; Nichols & Schwartz, 2007), aponte para o caminho que casais homossexuais (formados por homens ou

por mulheres) enfrentem desafios semelhantes aos casais heterossexuais (formados por homem e mulher), é necessário contextualizar sobre como as relações de gênero e seus papéis influenciam os seus comportamentos enquanto casais. Afinal, os modelos intergeracionais de conjugalidade herdados das gerações anteriores normalmente são construídos dentro da perspectiva binária e heterossexual e a falta de referências para estes casais constituírem sua conjugalidade é um desafio para eles (Underwood, 2023).

A família funciona como um importante fator de proteção. Não é apenas responsável por nos proteger, alimentar, aquecer e cuidar; é uma instituição essencial para o desenvolvimento humano. É nela que se perpetuam os legados, valores, mitos, segredos e tudo o que a história familiar nos transferirá por meio das heranças intergeracionais (Bowen, 1966, 1993; Carter & McGoldrick, 1995; Boszormenyi-Nagy, 2012).

O objetivo geral deste trabalho é investigar como a herança intergeracional influencia a construção da conjugalidade de casais formados por dois homens. Como objetivos específicos, elencam-se: (a) verificar se a heteronormatividade familiar influencia a construção de conjugalidade de filhos homossexuais que se casam por meio da herança intergeracional; e (b) investigar as características dessas influências.

Método

Esta pesquisa é resultado de uma revisão integrativa da literatura, aqui definida como um método de investigação científica que objetiva buscar, dentre estudos empíricos e/ou teóricos publicados, dados que permitam compreender um determinado tema (Sampaio et al., 2022; Whittemore & Knafl, 2005). Assim como a revisão sistemática, esse método possibilita potencializar a busca e encontrar o maior número possível de resultados, além de organizá-los de forma clara e estruturada.

Foi usada como estratégia de busca, seleção e organização dos dados, o método *Preferred Reporting Items for Systematic Reviews and Meta-Analyses* - PRISMA (Moher et

al., 2009). Os autores definem esse método como uma diretriz desenvolvida para melhorar a qualidade do relato de revisões sistemáticas e meta-análises.

As buscas foram realizadas no período de 19/01/2026 a 12/02/2026 nas seguintes bases de dados: Biblioteca Virtual em Saúde (BVS), PsycInfo, OASIS, Web of Science e Scopus. Por se tratar de um tema ainda pouco explorado pela literatura, optou-se por levantar e analisar todos os resultados obtidos nas buscas realizadas, incluindo literatura cinzenta. As pesquisas recuperadas foram publicadas no período entre 1997 e 2024. Optou-se por não limitar a busca temporalmente a fim de resgatar o que era disponível a partir dos descritores escolhidos.

As buscas foram realizadas utilizando-se quatro *strings*: 1: ("intergenerational transmission" OR "transgenerational patterns" OR "family of origin" OR "role models" OR "social influences") AND (gay OR "male homosexuality") AND ("marital relation*" OR "romantic relation*"); 2: (masculinity OR masculinities OR sexism) AND (gay OR "male homosexuality") AND ("marital relation*" OR "romantic relation*"); 3: ("family of origin" OR "intergenerational transmission" OR "transgenerational patterns" OR "intergenerational trauma") AND ("same-sex couple*" OR "gay couple*" OR "homosexual couple*") AND ("Journal"); 4: (“herança intergeracional” OR “padrões intergeracionais” OR “família de origem” OR “modelos de comportamento” OR “influência social”) AND (gay OR homossexualidade) AND (conjugalidade OR casamento OR “casamento gay”). Ressalta-se que os *strings* foram adaptados, traduzidos e pensados para o tipo de conteúdo e idioma predominante em cada base.

Os descritores foram selecionados a partir das leituras prévias realizadas pelos pesquisadores e termos comumente utilizados na teoria sistêmica familiar. O conjunto foi escolhido a partir dos resultados alcançados nos buscadores acerca de quantidade e do tema dos trabalhos exibidos nas bases.

Para o procedimento de análise foi realizada uma síntese qualitativa narrativa com criação de categorias próprias. Sampaio et al. (2022) preconizam que em estudos qualitativos as categorias criadas objetivam comparar os resultados de forma a evidenciar suas similaridades e divergências. Ainda embasados nas autoras, é comum na psicologia esse tipo de estratégia, pois as revisões costumam abarcar resultados heterogêneos, evidenciando as características relevantes dos artigos revisados.

Foram criadas quatro categorias para sintetizar os trabalhos selecionados: 1. A influência da família de origem na construção da conjugalidade; 2. Heteronormatividade e performance do papel de gênero; 3. A adaptação dos modelos de conjugalidade herdados das famílias de origem; e 4. A constituição do casal como um fator de proteção. A organização em categorias objetiva construir critérios de análise para os dados. Sampaio et al.. (2022) explicam que essa organização deve ser feita de forma coerente, sendo os trabalhos organizados a partir de suas similaridades e diferenças. Essas sínteses devem levar em consideração os delineamentos dos estudos selecionados.

Resultados e Discussão

Este trabalho selecionou 16 estudos (Carvalho, 2020; Ceballos-Fernández, 2014; Da Mata e Scorsolini-Comin, 2022; Daoultzis e Kordoutis, 2024; Defendi, 2010; Moraes, 2019; Napier, et al., 2023; Reczek, 2016; Rodriguez, 2012; Sá, 2021; Sánchez et al., 2009; Toledo, 2008; Tombolato, 2014; Underwood, 2023; Wade e Donis, 2007; e Wenger, 2023), os quais são apresentados na Tabela 1, acima. A seguir será apresentada sua análise de acordo com as quatro categorias construídas. Os estudos recuperados foram publicados no período entre 1997 e 2024 e selecionados selecionadas para análise compreendem o período de 2007 e 2023.

Recuperou-se o total de 101 trabalhos, sendo 71 artigos, 2 resumos, 1 livro, 1 resenha, 3 capítulos de livros, 2 trabalhos de conclusão de curso, 18 dissertações, 2 teses e 1

desenvolvimento de instrumento de teste. Ressalta-se que a opção de utilizar literatura cinzenta, aqui entendida como o conjunto de documentos produzidos e publicados fora dos circuitos tradicionais de publicações comerciais e acadêmicas, objetivou a coleta de dados em fontes diversas, haja vista que o tema desta pesquisa ainda não é bastante explorado e divulgado nas publicações convencionais. Como exemplos, temos relatórios técnicos, dissertações, teses, documentos governamentais e materiais institucionais (Urbizagastegui, 2001). Esse tipo de literatura desempenha papel fundamental na comunicação científica, pois fornece dados e informações que somente aparecerão nas publicações formais posteriormente. Esse tipo de material possui um caráter estratégico na divulgação de informações científicas e sua relevância deve ser considerada em análises e revisões.

Na primeira etapa de seleção, foram excluídos 15 trabalhos recuperados em duplicidade e analisados 86 resumos. Foram incluídos os resumos que (a) mencionavam as relações de casais formados por dois homens; e (b) faziam referência à influência familiar nesse contexto de relação conjugal. Nesta etapa, 29 trabalhos foram incluídos.

Na segunda etapa de seleção, foram excluídos os estudos publicados em idiomas que não o inglês, o português ou o espanhol, bem como aqueles que não se encontravam disponíveis integralmente. Os 25 trabalhos restantes foram lidos e analisados na íntegra. Incluíram-se, na seleção final, apenas os estudos que abordavam (a) a influência da família de origem na relação conjugal ou (b) as dificuldades dos cônjuges para lidar com a família de origem em suas relações conjugais, totalizando-se 16 artigos para a análise.

Considerando o método PRISMA, o fluxograma abaixo retrata as três seleções anteriormente detalhadas:

Figura 1: *fluxograma do processo de seleção do método PRISMA*

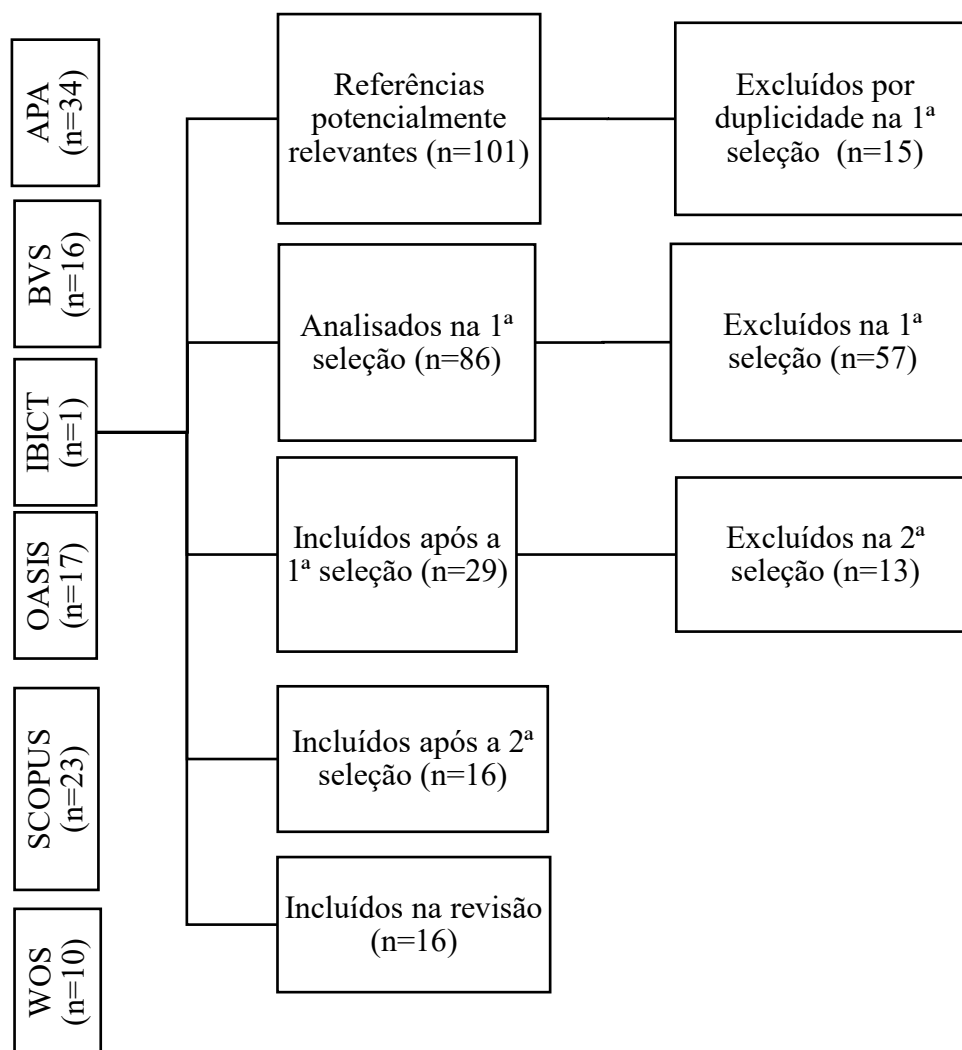


Tabela 1*Levantamento dos artigos analisado na revisão*

n	Autores	Ano	Local de Realização do Estudo	Abordagem	Resultados	Aborda a intergeracionalidade
1	Wade, J.C., Donis, E.	2007	Estados Unidos da América	quantitativo	Não há disparidades significativas na satisfação romântica percebida de acordo com a orientação sexual.	Indiretamente
2	Toledo, L. C. C. D.	2008	Brasil	qualitativo	O discurso de família-afeto é uma "produção de verdade" que, embora permita a afirmação e o reconhecimento de famílias homoparentais, também funciona como um instrumento de normalização.	Indiretamente
3	Sánchez, F. J., Greenberg, S. T., Liu, W. M., & Vilain, E	2009	Estados Unidos da América	qualitativo	Masculinidade associada a controle emocional, aparência heteronormativa e comportamentos socialmente definidos como masculinos.	Indiretamente
4	Defendi, E. L.	2010	Brasil	qualitativo	Compreender as dinâmicas de revelação e redes sociais em casais homossexuais é relevante para a prática clínica e para intervenções em saúde mental.	Indiretamente
5	Rodriguez, B. C.	2012	Brasil	qualitativo	A constituição de uma família homoparental masculina depende intrinsecamente da resolução dos conflitos com a família de origem.	Diretamente

6	Ceballos-Fernández, Marta.	2014	Espanha	qualitativo exploratório	A aceitação da identidade homossexual não é um processo puramente individual, mas profundamente mediado pelo contexto familiar e social.	Indiretamente
7	Tombolato, M. A.	2014	Brasil	qualitativo	A família homoparental cumpre as mesmas funções protetivas e de socialização de qualquer outra família.	Indiretamente
8	Reczek, C.	2016	Estados Unidos da América	qualitativo	A desaprovação dos pais não necessariamente leva à dissolução da relação.	Indiretamente
9	Moraes, B. C. S. d.	2019	Brasil	etnografia	O pertencimento familiar para pessoas LGBT no Brasil apresenta um equilíbrio precário entre a visibilidade e a negociação de afetos.	Indiretamente
10	Carvalho, M. A. d.	2020	Brasil	qualitativo	Casais gays organizam o trabalho doméstico de forma não estereotipada, representando uma ruptura com o modelo imposto pelo regime cisheteronormativo.	Indiretamente
11	Sá, F. N. d.	2021	Brasil	qualitativo	A vivência homoafetiva no contexto rural caipira não é necessariamente marcada pelo isolamento ou pela tragédia, mas por uma negociação constante de espaços.	Indiretamente
12	Da Mata, J. J., & Scorsolini-Comin, F.	2022	Brasil	qualitativo	A família de origem atua como base para o desejo de formar família. Há a adaptação dos modelos de parentalidade aprendidos por casais gays e lésbicas.	Indiretamente
13	Napier, Jaime L., van der Toorn, Jojanneke,	2023	Estados Unidos da América e Reino Unido	quantitativo	Os membros de grupos oprimidos podem, sutilmente, reforçar as ideologias dominantes que os subjugam ao tentar emular valores heteronormativos.	Indiretamente

14	& Vial, Andrea C. Wenger, Sandy.	2023	Estados Unidos da América	etnografia	As experiências de amor são integrais ao processo de "tornar-se" (becoming) desses homens.	Indiretamente
15	Underwood, C. R.	2023	Estados Unidos da América	misto	Os papéis de gênero geram desafios tanto para adesão às normas, quanto para adaptá-las.	Indiretamente
16	Daoultzis, K., & Kordoutis, P.	2024	Grécia	qualitativo	As atitudes dos homens gays gregos são profundamente moldadas por uma história de marginalização social e opressão.	Indiretamente

A Influência da Família de Origem na Construção da Conjugalidade

Os estudos sobre a formação de casais trazem importantes contribuições sobre o que nos leva ao desejo de se casar, e, principalmente, quem escolhemos e nos escolhe para encarar essa nova e desafiadora fase do nosso desenvolvimento. A clássica teoria do Ciclo Vital Familiar encabeçada por Carter e McGoldrick (1995) diz que a fase da formação de novo casal é uma das mais desafiadoras. Cervený e Berthoud (2010) endossam essa afirmação ao pesquisarem o ciclo de vida de famílias paulistanas. Esta categoria objetiva relacionar os artigos que evidenciam a influência das famílias de origem na construção da ideia de conjugalidade dos novos casais.

Casar-se, em qualquer configuração, enseja a adaptação e negociação de pontos essenciais à existência da individualidade das pessoas. Não se trata de uma mera parceria, mas de entrelaces de complexos e intrincados sistemas familiares (Andolfi, 2019; Cervený e Berthoud, 2010). Da mesma forma, a escolha desses parceiros não se dá de forma aleatória, à deriva da sorte de encontrar um amor avassalador. É longe do descrito nos clássicos contos de fadas infantis, como a Branca de Neve ou a Bela Adormecida (Cervený e Berthoud, 2010). É necessário refletir acerca das influências dos modelos de conjugalidade que recebemos das nossas famílias de origem, pois são eles um dos grandes responsáveis por construir o desejo de estar romanticamente com o outro em uma relação conjugal.

Rodriguez (2012) evidencia que a constituição de uma família formada por dois homens, aqui definida por ela como família homoparental, depende intrinsecamente da resolução dos conflitos com a família de origem. Essa afirmação clareia o movimento de nos sentirmos pertencentes aos grupos. E a família é o nosso primeiro grupo social, que assume a missão de preparar a nova pessoa que chega a este mundo. O desejo de continuidade da família por meio do casamento e da criação de filhos é gerado e transmitido dentro dessa herança intergeracional. Somos, enquanto espécie, seres grupais. Viver no coletivo é essencial

para a nossa sobrevivência e desenvolvimento. A busca pela aceitação é importante para nós e isso faz com que o sentimento de pertencimento seja valorizado nessa dinâmica social (Aronson et al., 2015).

Reczek (2016) afirma, em pesquisa realizada com 30 casais adultos homossexuais (formados por dois homens e duas mulheres) juntos há pelo menos um ano, que o processo de aprovação da família não é necessariamente um motivo para a dissolução da relação, mas pode funcionar como um catalisador para a resiliência. O estudo utiliza o conceito de *glass closet* (Sedgwick, 1990), em tradução livre *Armário de Vidro*, definido aqui como uma vivência da sexualidade não explícita, porém não disfarçada.

Mesmo que a não aceitação da família não enseje necessariamente o término dessas relações, ela pode estar associada à redução da qualidade e estabilidade de relacionamentos homoafetivos. A pesquisa também enfatiza que a não aprovação dos pais, em algumas falas dos entrevistados, propiciaram o fortalecimento da relação de modo que os cônjuges sejam um para o outro apoio mútuo para lidarem com a rejeição familiar.

Se antes de nascermos e ingressarmos em nosso sistema familiar de origem já somos idealizados e de alguma forma pré-concebidos (Carter e McGoldick, 1995), afinal a família já existe, somos também atravessados por esses modelos de como se relacionar. Ceballos-Fernández (2014) afirma que a aceitação da identidade homossexual não se dá puramente no âmbito individual e depende profundamente da mediação do contexto familiar e social.

Ceballos-Fernández (2014), em pesquisa realizada com quatro famílias homoparentais espanholas (duas famílias compostas por casais formados por dois homens e duas por duas mulheres), obteve como resultados a presunção de que os pais destes homens e mulheres sobre sua heterossexualidade e raramente consideravam a possibilidade de terem filhos homossexuais. Outro ponto relevante levantado pela autora é que a falta de um modelo passível de identificação de família e casal e o silêncio dos pais acerca de sexualidade,

forçavam os jovens a auto sugerirem esses modelos e, de forma solitária, construírem sua noção de identidade. Além disso, o caminho encontrado por eles era a performance da heterossexualidade a fim de evitar conflitos.

A não conformidade com a norma padrão heteronormativa de se relacionar pode gerar conflitos na família. Afinal, aquilo que era esperado e idealizado não foi concretizado. Essa complexa rede de relações que formam as famílias (Andolfi, 2019) as influencia de forma sistêmica. A herança deste modelo de conjugalidade e a consequente adaptação ao espaço (local), tempo (era) e cultura (Andolfi, 2019; Carter e McGoldrick, 1995; McGoldrick, 2016), possibilita o avançar do processo de mudança social. Afinal, a família é dinâmica e acompanha o curso de desenvolvimento humano.

Moraes (2019), ao pesquisar sobre as dinâmicas relacionais de homens e mulheres brasileiros homossexuais com suas famílias de origem, destaca que a revelação da sexualidade não é um evento único, mas um processo contínuo de negociações de identidades e afetos. Para a autora, a revelação da orientação sexual é calculada a partir de parâmetros como estabilidade financeira, emprego de sucesso e estabilidade emocional. O poder aquisitivo aqui funciona como um escudo que proporciona a proteção necessária em caso de rejeição da família. O trabalho classifica o padrão das reações familiares em três tipos: Imposição de Mudança – é a tentativa de cura da homossexualidade; Aceitação Condicional: a homossexualidade é aceita desde que seja vivenciada de forma velada e discreta; e Plena Aceitação: como o próprio nome diz, a identidade homossexual é aceita pela família e é integrada à dinâmica familiar.

Murray Bowen (1966, 1993; Nichols e Schwartz, 2007), importante teórico e terapeuta sistêmico, destaca que temos menos autonomia emocional em relação à família de origem do que imaginamos. A aprovação de nossos familiares é ponto importante para a continuidade de seus legados, logo, essa necessidade de aprovação é um movimento esperado em muitas

relações conjugais. Quando se fala em relações entre pessoas homossexuais em famílias de origem heterossexuais, a ausência de um modelo de conjugalidade que reflita a realidade do novo casal faz com que modelos heteronormativos sejam utilizados para balizar essas relações (Rodriguez, 2012).

É na família de origem que nasce o desejo de continuidade do ciclo vital familiar (Carter e McGoldrick, 1995; Da Mata e Scorsolini-Comin, 2022; McGoldrick, 2016) e casais formados por dois homens ou duas mulheres, precisam adaptar o modelo de conjugalidade herdado de suas famílias, já que elas os influenciam, mas não fornecem um modelo condizente com suas realidades. Este ponto será explorado na próxima categoria de análise. Da Mata e Scorsolini-Comin (2022), ao realizarem pesquisa com casais homossexuais no interior de Minas Gerais, identificaram que os participantes consideram a família de origem um modelo influente na construção dessas novas relações. Na pesquisa, os autores ressaltam, ainda, a influência dos pais na concepção do conceito de parentalidade, principalmente nas práticas parentais vividas pelos participantes durante o seu curso de desenvolvimento.

A família de origem é ponto essencial no curso de desenvolvimento humano e sua influência no processo de socialização é mobilizador do tornar-se pessoa. É na família onde aprendemos sobre os valores, mitos, segredos e os modelos de conjugalidade e parentalidade. Aqui identifica-se uma clara influência dos modelos de conjugalidade das famílias de origem em casais formados por dois homens.

A Adaptação dos Modelos de Conjugalidade Herdados das Famílias de Origem

Nesta categoria, os trabalhos foram selecionados a partir da ideia da necessidade de adaptação do modelo de conjugalidade herdado das famílias de origem. Afinal, em relações formadas por dois homens, há a necessidade da adaptação de como se enxergar como casal, construir uma vida a dois e como serem reconhecidos socialmente em uma relação.

Defendi (2010), em pesquisa realizada com dois casais homossexuais formados por homens, reflete sobre as adaptações necessárias que podem ocorrer neste tipo de relação. Dentre elas, temos o movimento de publicizar ou não o afeto, delimitar os limites necessários sobre a presença da família nessa dinâmica e ter como rede de apoio os amigos próximos. Mesmo reconhecendo a influência das famílias de origem na conjugalidade, é necessário destacar como os casais formados por dois homens precisam se preocupar com questões relacionadas à segurança financeira, social e psicológica, pontos que não são, neste primeiro momento, prioridades para casais heterossexuais.

A adaptação desses modelos depende intimamente da flexibilidade das famílias dos casais gays. Sá (2021), descreve o conceito de conservadorismo dinâmico ou contemporâneo, segundo o qual essas famílias consideradas tradicionais aceitam, mesmo que parcialmente, as relações dos filhos homossexuais a fim de que possa ser mantido o vínculo afetivo e a convivência. Há de se destacar que homens gays passam pelo mesmo processo de socialização baseado nos pilares atuais de nossa cultura, o que inclui o machismo e a misoginia (Zanello, 2020a). Diante deste fato, também enfrentam desafios próximos de outros homens em relações afetivas e amorosas heterossexuais. Sá (2021) adiciona que a homoconjugalidade e a satisfação sexual são vistas como resultado do investimento social e afetivo baseados no diálogo, apoio mútuo e responsabilidade. Características próximas ao que Porreca (2019) descreve em sua pesquisa.

Daoultzis e Kordoutis (2024) adicionam a este debate que, em sociedades patriarcais e machistas, a percepção de homens gays acerca dos relacionamentos afetivos é um desafio a mais. Os autores identificaram que a maioria dos participantes de sua pesquisa descreveram relacionamentos gays como desafiadores, complexos e, por vezes, destrutivos ou até meras imitações de modelos heterocentrados. A misoginia, na fala dos participantes, também merece destaque quando eles preferem parceiros com trejeitos considerados masculinos e exibem

uma aversão à feminilidade. Homens homossexuais também passam por uma socialização machista e misógina (Baére et al., 2015). Enquanto os homens másculos eram vistos como possíveis parceiros, os lidos como afeminados eram encarados como possíveis amigos.

Ultrapassar essas barreiras impostas por uma cultura construída a partir do patriarcado e machismo e, conseqüentemente, a misoginia e homofobia, demanda investimento psíquico e adaptações importantes na forma de se relacionar. Wenger (2023), destaca que o amor entre dois homens não é só um sentimento isolado, mas uma oportunidade de agir para construir laços afetivos fortalecidos. O estudo também frisa a importância das comunidades de apoio para a saúde mental e o bem-estar de minorias.

Homens homossexuais criados em famílias com pais heterossexuais recebem por herança intergeracional modelos de conjugalidade baseados em comportamentos afetivos e sexuais heterocentrados. Quando se enxergam como gays, é necessária mais do que a adaptação esperada acerca das influências do espaço, tempo e escolhas individuais. Afinal, esses homens não receberam um modelo claro sobre como é uma relação com outro homem dentro do espectro conjugal e afetivo, seus desafios e demandas específicas. Essa adaptação se dá, muitas vezes, de forma solitária, sendo, muitas vezes, o responsável por modificar como o sistema familiar lida com a temática da homossexualidade.

Heteronormatividade e Performance do Papel de Gênero

Heteronormatividade é um termo criado por Warner (1991) e define a heterossexualidade como a forma padrão da vivência da sexualidade humana. Isto é, uma relação se dá a partir da junção de um homem com uma mulher. Essa definição foi dada a partir dos estudos da teoria *queer* e da terceira onda do movimento feminista, a partir dos quais se entende que a sociedade cria, fiscaliza e determina comportamentos para que nós sejamos incluídos e não marginalizados das dinâmicas sociais. Esta categoria pretende reunir

os dados que discutem sobre a expectativa social de impor normas de comportamento e sobre os papéis de gênero que somos ensinados a performar.

Wade e Donis (2007) identificaram que a construção da masculinidade e a interiorização de normas de gênero são mais determinantes para a saúde do relacionamento do que a orientação sexual em si. A pesquisa foi realizada com 100 homens, sendo a metade autodeclarados homossexuais. Tal dado aponta para a binariedade do nosso processo de socialização e de como as questões de gênero atravessam a construção de uma relação afetiva entre homens gays. Sánchez et al. (2009) complementam que os ideais tradicionais de masculinidades exercem forte influência negativa na vida psicológica e relacional de homens gays, reforçando o que Zanello (2020b) diz sobre as masculinidades hegemônicas serem também danosas para homens.

Consubstanciados nos pilares da importância de se compreender a dinâmica dos papéis de gênero em nossa sociedade, Carvalho (2020), em pesquisa realizada com três casais gays cisgênero do interior de São Paulo, afirma que a divisão dos afazeres domésticos nessas relações não segue as normas sociais patriarcais de que homens esperam ser servidos e mulheres constroem vínculos identitários por meio de relações (Zanello, 2020a), afinal, são dois homens que precisam dialogar e negociar esses espaços e concessões. A capacidade de cuidado é algo ensinado e não herdado geneticamente.

Napier et al. (2023), em contraponto ao argumento anteriormente utilizado, afirmam que o conceito de complementaridade – buscar no outro aquilo que é identificado como ausente em si (Silva et al., 2011), contribuiu para a divisão das tarefas domésticas baseada em normas rígidas de gênero. Os autores utilizam em seu estudo a expressão traduzida livremente de Estigma Sexual Internalizado (Internalized Sexual Stigma) definida como um conjunto de características negativas socialmente atribuídas que a pessoa gay internaliza em si. O estudo foi realizado com homens gays e mulheres lésbicas e foi capaz de identificar que o estigma

sexual internalizado identificado não levou ao desejo de uma divisão complementar dessas tarefas, mas associou-se à evitação de tarefas tidas como não compatíveis com o gênero: mulheres com alto estigma preferiam que a parceira fizesse tarefas masculinas (provedoria, trabalhos manuais etc.), enquanto homens com alto estigma preferiam que o parceiro fizesse tarefas consideradas femininas (associadas às mulheres, como o cuidado). Aqui a pesquisa evidencia que a percepção de gênero impacta a construção da relação.

Underwood (2023) ainda adiciona à essa complexa equação a identificação de uma forte inclinação para a troca de sobrenomes entre casais homossexuais, ou seja, no lugar de um dos cônjuges apenas receber o sobrenome do outro – comumente feito em casamentos heterossexuais com a esposa recebendo o sobrenome do esposo - um recebe o sobrenome do outro. Tal comportamento indica importante adaptação às normas patriarcais. Segundo os participantes, a ideia de suprimir ou ceder um dos sobrenomes reforça a desigualdade de poder.

Contudo, há de se destacar a adaptação e não a rejeição total desses legados familiares, afinal, os sobrenomes ainda são incorporados aos nomes. A flexibilização e a criação de novas tradições, como, por exemplo, a junção dos nomes por hífen ou a decisão de não trocar sobrenomes direciona a reflexão sobre a adaptação desses modelos aprendidos nas famílias de origem.

A Constituição do Casal como um Fator de Proteção para os cônjuges

Houve destaque, nas categorias anteriores, da influência da família e das possíveis violências que podem ser desencadeadas no contexto familiar para casais homossexuais. Contudo, nesta categoria, o foco será na própria conjugalidade construída pelos parceiros como instituição capaz de proteger e acolher, o que também é um dos seus papéis (Andolfi, 2019; McGoldrick, 2016; Nichols & Schwartz, 2007).

Segundo Toledo (2008), em pesquisa realizada com famílias homoparentais formadas por homens, os dez entrevistados foram divididos entre casais sem filhos (seis) e com filhos (quatro). O pesquisador apresenta em seus resultados um destaque sobre a rapidez com que esses casais decidiram morar juntos. Os entrevistados justificaram essa decisão como algo impulsivo, intenso e irresistível. Como uma força que foge à lógica da decisão e, segundo eles, inexplicável.

Ainda no mesmo estudo, Toledo (2008) acrescenta outro denominador comum entre os entrevistados: todos levantaram o “companheirismo, cumplicidade, ajuda, suporte e apoio” (p. 72) como características importantes em suas relações. Essa ajuda mútua entre o casal se dava quando questões relevantes na rotina, como problemas de saúde, tarefas domésticas e demandas financeiras. Essas negociações geraram o sentimento de segurança ao saber que o companheiro estaria disponível para o suporte quando fosse necessário. Destaca-se aqui que, segundo o autor, esses conflitos eram resolvidos sem a recorrência de brigas entre eles.

Toledo (2008) acrescenta que os participantes possuem uma visão distinta acerca do que entendem sobre sua família (centrada na relação de casal) e sobre família estendida (pais, irmãos e demais gerações). Enquanto na família os participantes enxergam o afeto, cuidado e apoio, nas relações construídas na família estendida, relatos sobre ausência de diálogo, rejeição relacionada à sexualidade, medo, sofrimento e violências foram destacados.

Vale destacar que as famílias homoparentais cumprem as mesmas funções protetivas e de socialização de qualquer outra família (Tombolato, 2014). Essa constatação é ampliada sobre a estrutura social construída para o desenvolvimento saudável dos filhos. Isso tudo se dá mesmo com a ausência de legislação específica para o cuidado dessas configurações familiares diversas, o que demonstra a resiliência dessas famílias.

A homofobia dentro do sistema familiar age com um segregador. Isto é, a rejeição dos membros pela sua orientação sexual os coloca em espaço social separado dentro da dinâmica

familiar. A constituição de outras relações, como amigos ou cônjuges, é uma forma de proporcionar segurança e pertencimento que a família de origem não é capaz de promover.

Considerações Finais

Este trabalho buscou investigar por meio de revisão da literatura como a herança intergeracional influencia a construção da conjugalidade de casais formados por dois homens. Após a análise dos dados, a pesquisa concluiu que essa herança influencia a construção do conceito de conjugalidade aprendido pelas gerações anteriores.

A revisão encontrou evidências sobre a forte influência das famílias de origem na construção e manutenção da conjugalidade de casais homossexuais (Ceballos-Fernández, 2014; Moraes, 2019; Reczek, 2016; Rodriguez, 2012). Essa influência se dá principalmente na perpetuação de valores familiares, que proporcionam o pertencimento a partir do compartilhamento de características das famílias de origem, ou seja, da continuidade de legados, mitos e segredos (Daoultzis & Kordoutis, 2024; Defendi, 2010; Sá, 2021; Wenger, 2023).

Mesmo com indícios que casais e famílias formadas por pessoas homossexuais enfrentem desafios próximos aos de famílias heterossexuais, identificou-se um movimento de adaptação de valores familiares, principalmente no que se refere às questões de gênero que atravessam essas construções. A questão da homofobia também é mobilizadora da dinâmica conjugal destes casais, afinal, eles precisam adaptar um modelo heteronormativo de casal para as suas realidades e isso é gerador de conflitos na família. Sá (2021) demonstra essa situação como uma aceitação parcial dos pais. Ou seja, aceita-se a homossexualidade, mas a expressão de afeto, cuidado e desejo devem ficar restritas à intimidade.

Há ainda uma forte pressão para se adaptar às normas sociais heterocentradas, como ideais já estabelecidos de papéis de gênero: homens “masculinos” e mulheres “femininas” (Carvalho, 2020; Napier et al., 2023; Sánchez et al., 2009; Underwood, 2023; Wade e Donis,

2007). Esse movimento é evidenciado pela troca de sobrenomes e pela criação e adaptação das formas mais convencionais, como por exemplo, no lugar da supressão de nomes, o uso do hífen para a adição de sobrenomes. É a influência da família de origem adaptada às novas demandas do espaço-tempo-cultura. Assim como qualquer outra família, as famílias homossexuais também atuam como fator de proteção, agindo como uma instituição acolhedora e construtora de ambiente social e psicológico para proporcionar desenvolvimento humano (Toledo, 2008; Tombolato, 2014).

Como limitações, apontamos as escolhas metodológicas no que se refere a seleção dos buscadores nos idiomas português e inglês e critérios de inclusão e exclusão dos trabalhos encontrados. Os critérios escolhidos para busca, seleção e análise dos dados alteram como as pesquisas são exibidas nas bases e, conseqüentemente, tomadas como objetos de estudo.

Esses apontamentos são necessários para evidenciar até que ponto a pesquisa pode alcançar para responder aos seus objetivos propostos. Além disso, ressaltamos que apenas um estudo encontrado trata diretamente da influência da família de origem na construção da conjugalidade do casal formado por dois homens (Rodriguez, 2012), o que limita o alcance da análise aqui proposta, conforme demonstra a Tabela 1. Os demais estudos foram considerados com relevância indireta, pois abordam de forma acessória a temática da influência das famílias em casais homossexuais.

A fim de mitigar as limitações, os pesquisadores escolheram um percurso metodológico capaz de adicionar mais pontos relevantes à pesquisa do que os limitadores poderiam afetar. Logo, os dados foram capazes de demonstrar que há evidências da influência intergeracional na construção de conjugalidade de homens gays e as características dessas influências versam sobre a adaptação dos modelos conjugais recebidos das famílias de origem e o estabelecimento de outras estratégias para construir sua identidade como casal. A exemplo

disso, destacamos a construção de relações afetivas e sociais mais profundas e fortalecidas fora da família de origem.

As implicações práticas encontradas por esta pesquisa direcionam reflexões para os terapeutas familiares a fim de que o atendimento psicoterapêutico de casais formados por dois homens seja conduzido a partir de uma ótica científica, atual, criteriosa e técnica. Considerar as especificidades da necessidade de criação e adaptação de modelos conjugais e de como as violências interpelam essas pessoas é passo importante para um atendimento humanizado.

Os achados desta revisão evidenciam que há avanços nas pesquisas sobre conjugalidade de casais homossexuais, principalmente fruto de pesquisas em nível de pós-graduação (dissertações e teses). Contudo, é necessário destacar que o período de busca aqui selecionado foi entre 1997 e 2024. Logo, em 27 anos de intervalo, apenas 101 trabalhos foram encontrados, o que demonstra um lento progresso. É mister o investimento em pesquisas com a temática em diversidade sexual e de gênero para que mais trabalhos possam investigar a temática.

Referências

- Andolfi, M. (2019). *A terapia familiar multigeracional. Instrumentos e recursos do terapeuta*. Artesã Editora.
- Aronson, E., Wilson, T. D., & Akert, R. M. (2015). *Psicologia social*. LTC.
- Aube, J., & Koestner, R. (1995). Gender characteristics and relationship adjustment: Another look at similarity-complementarity hypotheses. *Journal of Personality*, 63(4), 879-904.
<https://doi.org/10.1111/j.1467-6494.1995.tb00319.x>
- Baére, F. de, Zanello, V., & Romero, A. C. (2015). Xingamentos entre homossexuais: Transgressão da heteronormatividade ou replicação dos valores de gênero? *Revista Bioética*, 23(3), 623–633. <https://doi.org/10.1590/1983-80422015233099>

- Boszormenyi-Nagy, I., & Spark, G. (2012). *Lealtades invisibles*. Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1973)
- Bowen, M. (1966). The use of family theory in clinical practice. *Comprehensive Psychiatry*, 7(5), 345–374.
- Bowen, M. (1993). *Family therapy in clinical practice*. Jason Aronson.
- Butler, J. (1998). Fundamentos contingentes: O feminismo e a questão do pós-modernismo. *Cadernos Pagu*, 11, 11–42. (P. M. Soares, Trad.)
- Carvalho, M. A. d. (2020). *Lugar de homem é na cozinha? um estudo sobre a organização do trabalho doméstico em uniões gays* [Dissertação de mestrado, Universidade Estadual Paulista]. Repositório Institucional da UNESP.
https://oasisbr.ibict.br/vufind/Record/UNSP_b3160fe80b02de9a4af3b4fce9ee0cc3
- Carter, B., & McGoldrick, M. (1995). As mudanças no ciclo de vida familiar (M. A. V. Veronese, Trad.). Artes Médicas. (Original publicado em 1989)
- Ceballos-Fernández, M. (2014). Identidad homosexual y contexto familiar heteroparental: Implicaciones educativas para la subversión social. *Revista Latinoamericana de Ciencias Sociales, Niñez y Juventud*, *12*(2), 643-658. <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=77331488009>
- Da Mata, J. J., & Scorsolini-Comin, F. (2022). Conjugalidade e parentalidade adotiva em casais de gays e lésbicas: Costuras a partir da transmissão psíquica. *Avances en Psicología Latinoamericana*, 40(2), 1–16.
<https://doi.org/10.12804/revistas.urosario.edu.co/apl/a.7897>
- Daoultzis, K. C., & Kordoutis, P. (2024). Have a woman's heart but a man's face: Perceptions of gay relationships in Greek gay men. *Trends in Psychology*. Advance online publication. <https://doi.org/10.1007/s43076-024-00372-5>

- Defendi, E. L. (2010). *Homoconjugalidade masculina, revelação e redes sociais: Um estudo de caso* [Dissertação de mestrado, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo].
Repositório PUC-SP. <https://tede2.pucsp.br/handle/handle/15921>
- Levy, M. S. F. (2009). A escolha do cônjuge. *Revista Brasileira de Estudos de População*, 26(1), 117–133. <https://doi.org/10.1590/S0102-30982009000100009>
- Locke, J. (1999). *Ensaio acerca do entendimento humano* (A. Aiex, Trad.). Nova Cultural.
- McGoldrick, M. (2016). Becoming a couple: The joining of families. Em M. McGoldrick, N. G. Preto, & B. Carter (Orgs.), *The expanding family life cycle: Individual, family and social perspectives* (5ª ed, pp. 259–279). Pearson.
- Meyer, I. H., & Dean, L. (1998). Internalized homophobia, intimacy, and sexual behavior among gay and bisexual men. In G. M. Herek (Ed.), *Stigma and sexual orientation: Understanding prejudice against lesbians, gay men, and bisexuals* (pp. 160–186). Sage Publications, Inc. <https://doi.org/10.4135/9781452243818.n8>
- Moher, D., Liberati, A., Tetzlaff, J., Altman, D. G., & PRISMA Group. (2009). Preferred reporting items for systematic reviews and meta-analyses: The PRISMA statement. *Annals of Internal Medicine*, 151(4), 264–269.
<https://doi.org/10.1371/journal.pmed1000097>
- Moraes, B. C. S. d. (2019). *Assumindo em família: Homossexualidade e família de origem no Brasil contemporâneo* [Dissertação de mestrado, Universidade Federal de Mato Grosso]. Portal de Dados Abertos da CAPES.
https://oasisbr.ibict.br/vufind/Record/BRCRIS_f4ea565ad0bf66c847606dafa3f63e2d
- Napier, J. L., van der Toorn, J., & Vial, A. C. (2023). The personal is political: Internalized sexual stigma and the desire for gender complementarity in (some) same-gender relationships. *Sex Roles*, 89(3–4), 97–118. <https://doi.org/10.1007/s11199-023-01384-8>

- Nichols, M. P., & Schwartz, R. C. (2007). *Terapia familiar: Conceitos e métodos* (7ª ed.). Artmed.
- Porreca, W. (2019). Relação conjugal: Desafios e possibilidades do “nós”. *Psicologia: Teoria E Pesquisa*, 35(spe), e35nspe7. <https://doi.org/10.1590/0102.3772e35nspe7>
- Reczek, C. (2016). Parental disapproval and gay and lesbian relationship quality. *Journal of Family Issues*, 37(15), 2189–2212. <https://doi.org/10.1177/0192513X14566638>
- Rodriguez, B. C. (2012). *A representação parental de casais homossexuais masculinos* [Dissertação de mestrado, Universidade de São Paulo]. Biblioteca Digital de Teses e Dissertações da USP. <https://doi.org/10.11606/D.47.2012.tde-07022013-092525>
- Sá, F. N. d. (2021). *Vivência de casais homoafetivos no contexto caipira paulista* [Dissertação de mestrado, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo]. Repositório Institucional da PUC_SP. https://oasisbr.ibict.br/vufind/Record/PUC_SP-1_f9a5a0f2f31b2754df18a9b7e8149252
- Sampaio, M. I. C., Sabadini, A. A. Z. P., & Koller, S. H. (2022). *Produção científica: Um guia prático*. Instituto de Psicologia – USP.
- Sánchez, F. J., Greenberg, S. T., Liu, W. M., & Vilain, E. (2009). Reported effects of masculine ideals on gay men. *Psychology of Men & Masculinity*, 10(1), 73–87. <https://doi.org/10.1037/a0013513>
- Sedgwick, E. K. (1990). *Epistemology of the closet*. University of California Press
- Silva, I. M. da, Menezes, C. C., & Lopes, R. de C. S.. (2010). Em busca da "cara-metade": motivações para a escolha do cônjuge. *Estudos de Psicologia (Campinas)*, 27(3), 383–391. <https://doi.org/10.1590/S0103-166X2010000300010>
- Toledo, L. C. C. D. (2008). *A família no discurso dos membros de famílias homoparentais* [Tese de doutorado, Universidade de São Paulo]. Biblioteca Digital de Teses e

Dissertações da USP.

https://oasisbr.ibict.br/vufind/Record/USP_f69ffa7c237e6ff5043370e375c1eb0d

Tombolato, M. A. (2014). *Desvelando a família homoparental: Um estudo sobre os relatos de casais homossexuais com filhos* [Dissertação de mestrado, Universidade Estadual Paulista]. Repositório Institucional da UNESP.

https://oasisbr.ibict.br/vufind/Record/UNSP_62ad7595cde1ef9566eee28163f29e72

Underwood, C. R. (2023). Multiple approaches to examining gender norms in romantic relationships (Publication No. 36114819) [Doctoral dissertation, University of Nevada, Las Vegas]. UNLV Theses, Dissertations, Professional Papers, and Capstones.

<https://doi.org/10.34917/36114819>

Urbizagastegui, R. (2001). Literatura cinzenta: Teoría y práctica. *Revista Española de Documentación Científica*, 24(2), 227-229.

Zanello, V. (2020a). *Saúde mental, gênero e dispositivos: Cultura e processos de subjetivação*. Editora Appris.

Zanello, V. (2020b). Masculinidades, cumplicidade e misoginia na “Casa dos Homens”: Um estudo sobre os grupos de WhatsApp masculinos no Brasil. In L. Ferreira (Ed.), *Gênero em perspectiva* (pp. 79-102). CRV.

Wade, J. C., & Donis, E. (2007). Masculinity Ideology, Male identity, and romantic relationship quality among heterosexual and gay men. *Sex Roles*, 57, 775–786.

<https://doi.org/10.1007/s11199-007-9303-4>

Warner, M. (1991). Introduction: Fear of a queer planet. *Social Text*, 9(4[29]), 3-17.

Wenger, S. (2022). Gut feelings: Queer love and embodiment among bears in Malaysia [Doctoral dissertation, University of California, Irvine]. eScholarship.

<https://escholarship.org/uc/item/2zp329vb>

Whittemore, R., & Knafl, K. (2005). The integrative review: Updated methodology. *Journal of Advanced Nursing*, 52(5), 546–553.

Estudo 2 - “E vivemos como os nossos pais”: construção e manutenção da conjugalidade em casais homossexuais formados por dois homens

Ronald Henrique Leal Acipreste

Isabela Machado da Silva

Resumo

Esta pesquisa objetivou investigar e conhecer os fatores e risco e proteção para a construção e manutenção da conjugalidade de casais formados por dois homens. Realizou-se uma pesquisa empírica qualitativa exploratória com estudo de caso coletivo e criação de categorias de análise próprias que envolveu cinco homens cisgêneros de diferentes classes e raças, em união estável há pelo menos cinco anos. Foram realizadas entrevistas narrativas, genograma e PDE-Tema como instrumentos. Os resultados confirmam a forte influência da família de origem dos cônjuges e identificam, como fatores de proteção, a renda, a constituição do casal e o acordo de não monogamia que separa sexo e desejo. Como fatores de risco, identificaram-se a homofobia, o racismo e o machismo, que ameaçam tanto a continuidade relacional, como a saúde desses homens. Os resultados destacados nesta pesquisa pretendem auxiliar a prática clínica de psicólogos e psicólogas que atendem casais formados por dois homens. Mesmo que a literatura aponte que esses casais enfrentem desafios semelhantes aos casais heterossexuais, a contextualização sobre as dores, desafios e especificidades desses homens é essencial para que o atendimento em psicologia seja ético, técnico e humanizado.

Palavras-chave: conjugalidade, homossexualidade, casal gay, teoria familiar sistêmica, herança intergeracional

Abstract

This research aimed to investigate and identify the risk and protective factors for the construction and maintenance of conjugality among male-male couples. An exploratory qualitative empirical research design was conducted, utilizing a collective case study with the creation of *ad hoc* analytical categories. The study involved five cisgender men from diverse socioeconomic classes and racial backgrounds, all of whom had been in a stable union for at least five years. The instruments employed included narrative interviews, genograms, and the PDE-Tema. The findings confirm the strong influence of the spouses' families of origin and identify, as protective factors, income, the couple's established dynamic, and the agreement on non-monogamy, which distinguishes sex from desire. As risk factors, homophobia, racism, and machismo were identified, which threaten both relational continuity and the health of these men. The results highlighted in this research are intended to assist the clinical practice of psychologists who work with male-male couples. Although the literature indicates that these couples face challenges similar to those of heterosexual couples, contextualizing their pains, challenges, and specificities is essential for psychological care to be ethical, technical, and humanized.

Keywords: Conjugality; Homosexuality; Male same-sex couple; Family Systems Theory; Intergenerational transmission

A constituição do novo casal é possível devido a um elemento comum que compartilham: sua humanidade. Nesse ponto comum, as humanidades se relacionam. Não se trata, contudo, de uma fusão de individualidades, mas de duas individualidades que, juntas, formam uma nova realidade conjunta: o nós (Caillé, 1994; Porreca, 2019; Prandini, 2010). Esse processo de construção do “nós” não se dá de forma pacífica e linear, passando por estressores horizontais – que incluem a ansiedade produzida pelas transições familiares, conforme a família avança no tempo – e verticais – padrões de relacionamentos e funcionamentos que são transmitidos para as gerações seguintes (McGoldrick, 2016).

Ao decidirem se relacionar como casal, as pessoas passam por processos de escolha do cônjuge a partir das suas expectativas e idealizações. Essa escolha não é por acaso, pois todas as pessoas buscam em outras algumas características específicas (Silva et al., 2010). O contrato conjugal, que é construído a partir do início da união apresenta elementos como “confiança, compromisso e respeito e derivam formas de ser e estar em casal” (Bertoncello, 2021, p. 101). São nesses acordos, nem sempre formais, que questões relacionadas à configuração, estrutura, funcionalidade, comunicação e a história pessoal e conjugal são acertadas, funcionando como um norteador da relação conjugal.

Além disso, a escolha de um parceiro ou parceira, recebe influências das gerações anteriores fruto de heranças familiares. Os modelos recebidos da família moldam boa parte das escolhas, pois é como recebemos os mitos, legados, segredos e tudo que nos tornam pertencentes ao sistema familiar (Boszormenyi-Nagy e Spark (2012) propõem que cada família possui um livro invisível de créditos e débitos emocionais, uma espécie de manual que promove a adesão dos membros do sistema familiar a fim de que gere pertencimento. É um conjunto de regras que devem ser seguidas, compartilhadas e, principalmente, perpetuadas. Aí é que torna a família uma instituição perene que se perpetua com a passagem do tempo.

Essa influência contribui para a construção do que entendemos como amor, cuidado e apoio dentro da família. As heranças intergeracionais – passadas de geração em geração – não nos ensinar boa parte dos comportamentos esperados dos nossos parceiros. Dos limites que suportamos e das expectativas que criamos sobre relações amorosas e do próprio conceito de amor (Boszormenyi-Nagy e Spark, 2012).

Foucault (1984; 1988) reflete que o amor não é um sentimento puramente romântico, transcendental como construído pela cultura ocidental. O autor destaca que o amor é uma prática relacional e fórmula a ser seguida de moral a fim de moldar a própria existência. É pelo amor que nos constituímos. Uma outra perspectiva sobre o amor é dada por Del Priore (2006) que o entende como uma construção histórica e social e vai sendo transformada com o decorrer do curso de desenvolvimento. Isto é, sua expressão é cultural e historicamente construída, ensinada e perpetuada por meio das interações humanas. Destacamos aqui que a família é o nosso primeiro grupo social e nos ensina os conceitos e direcionamentos necessários para a vida em sociedade. Aqui entra, novamente, o papel das heranças intergeracionais no nosso processo de socialização.

O estudo do desenvolvimento da conjugalidade em casais cisgêneros e heterossexuais é tema já explorado pela literatura científica e pelas artes em geral. Diversas pesquisas (Beach et al., 2003; Fincham et al., 1997; Kouros & Cumming, 2011; Kurdek, 1999; Whisman, 2001, as cited in Choi & Jung, 2021) relatam associações relevantes entre elementos como comunicação, satisfação conjugal, gestão de conflitos e a qualidade de vida do casal com a saúde mental dos cônjuges (Choi e Jung, 2021). Esses estudos apontam a importância do desenvolvimento dessas habilidades para que a relação prospere, permaneça e promova a saúde mental, diminuindo a incidência de depressão dentre os membros dos casais.

Permeando a influência de espaço, tempo e cultura, as masculinidades afetam as relações em sua constituição e permanência. Quando há a constituição de um casal formado

por dois homens, são duas masculinidades que interagem para a construção do “nós” (Caillé, 1994; Porreca, 2019; Prandini, 2010). Ademais, a união entre dois homens interpela suas masculinidades, que são atravessadas pela cultura e história. No Brasil, especificamente, nos referimos à “certa forma de masculinidade (hegemônica) que é danosa para os próprios homens e para todos e todas aqueles/aquelas com quem eles têm convivido” (Zanello, 2020b, p. 80). Essa constatação gera questionamentos acerca do seu processo de constituição e permanência quando se fala em conjugalidade. Tal fato não deve ser desconsiderado quando esses casais são formados e encontram, como quaisquer outros, seus desafios cotidianos na construção da sua entidade plural (nós).

No caso da homossexualidade masculina, valores identitários (de ser um “verdadeiro” homem) são colocados em xeque e, muitas vezes, há uma reprodução da hierarquia binária de gênero e a manutenção do falocentrismo, típico das relações tradicionais e historicamente estabelecidas. Nesse sentido, podemos afirmar que a subversão do dispositivo da sexualidade não necessariamente leva à subversão dos dispositivos de gênero, não sendo incomum a existência de homens gays misóginos (Baére et al., 2015). A misoginia persiste, assim, como um valor importante na afirmação das masculinidades, mesmo naquelas consideradas subordinadas.

Connell e Messerschmidt (2013) trazem uma importante reflexão acerca da masculinidade hegemônica quando abordam a evolução do conceito originalmente proposto entre as décadas de 80 e 90. Com a replicação do conceito em diversas áreas das ciências humanas, passou-se a entender que esse conjunto de características entendidas como másculas, tais como a agressividade, virilidade, competitividade e independência, não era estático, mas evoluía conforme o tempo e espaço onde se desenvolvia a partir das novas demandas e influências. O que é ser “macho” muda de espaço para espaço e de tempo em tempo, mas algo é comum, mesmo com essas mudanças: um modelo que beneficia e reforça

as masculinidades (plurais). Há um espaço de privilégio que, além de ser protegido, é maximizado para continuar beneficiando homens, mesmo com as mudanças esperadas com o passar do tempo.

Ao se pensar em masculinidades, é necessário compreender que há um jogo de poder complexo de dominância (o mais forte domina os mais fracos). Esse processo é semelhante a uma estrutura de pirâmide, pois o topo é menos habitado que a base. Um ponto comum entre as diferentes masculinidades é a cumplicidade, de forma que os homens se defendem e protegem. Além disso, um homem de verdade é um “comedor”. A virilidade e ereção são pontos hipervalorizados nessa dinâmica. Logo, um homem de verdade está sempre pronto (rígido, ereto), seja para a prática sexual ou para a dominância no ambiente (Zanello, 2020a).

Em um estudo que analisou o comportamento de homens em grupos de Whatsapp, Zanello (2020b) destaca que homens precisam demonstrar um desejo sexual irrefreável, como se não fosse possível resistir ou negar. Isso faz com que homens ajam de forma desrespeitosa e antiética a fim de alcançar esse objetivo, pois negar ou demonstrar falta de interesse se torna um ataque direto à sua masculinidade.

Ainda no mesmo trabalho, Zanello (2020b) destaca seis categorias importantes que ajudam a entender o processo de dominação e subjetivação na Casa dos Homens. Esse conceito foi proposto por Welzer-Lang (2001), que o define como um espaço social e simbólico onde as normas da masculinidade hegemônica são aprendidas, reforçadas e perpetuadas, sendo a objetificação sexual das mulheres como prova/dar a ver que se é homem; ser homem é não ser gay; o homem é guiado pelo sexo, enquanto o poder das mulheres está em sua genitália; a aproximação entre mulher e comida; o fato de que mulher gosta é de dinheiro; e a condescendência do riso e cumplicidade diante das violências cometidas contra as mulheres. Ou seja, não passa de uma brincadeira.

As categorias “ser homem é não ser gay” e “homem é guiado pelo sexo” nos trazem interessantes aspectos sobre o funcionamento das masculinidades. Enquanto a expressão do masculino é o máximo de afastamento de tudo que é próximo às mulheres – categoria ser homem é não ser gay – a variabilidade de parceiros sexuais é uma forma clara de reforço dessa masculinidade. Isto é, quanto mais sexo fizer, mais homem será (Zanello, 2020b).

Welzer-Lang (2001) complementa a compreensão do tema quando se refere à Casa dos Homens como “um lugar onde a homossociabilidade pode ser vivida e experimentada em grupos de pares. Nesses grupos, os mais velhos, aqueles que já foram iniciados por outros, mostram, corrigem e modelizam os que buscam o acesso à virilidade” (p. 462). Considerando o fato de que há subordinação nas masculinidades, a analogia do autor nos confere um exemplo quase palpável disso: há cômodos privilegiados na Casa dos Homens em detrimento a outros. Isto é, homens homossexuais são parte de uma masculinidade subalterna àquelas consideradas dominantes.

A pesquisa de Zanello (2020b) trata de categorias analíticas contextualizadas no espectro da heterocisnormatividade, mas no contexto desta pesquisa são aplicadas para problematizar os comportamentos de homens homossexuais. Isso se justifica porque a socialização masculina, mesmo dentre homens gays, ocorre dentro de uma cultura marcada pelo machismo e pela misoginia.

Sendo assim, pode-se entender que homens homossexuais também são “guiados pelo sexo”, de acordo com a perspectiva cultural, considerando que o pilar organizador das masculinidades é a misoginia e o machismo, no caso do Brasil (Zanello, 2020a). Acerca da prerrogativa misógina do processo da nossa socialização, Lagarde (2005) traz a ideia de que a monogamia é uma exigência específica para mulheres, enquanto aos homens é permitida a poligamia consentida, não formalizada. Isto é, aos homens, é permitida e estimulada a prática

sexual com variabilidade de parceiros/as, mesmo que estejam em relações monogâmicas e tradicionais, pois é considerado um comportamento esperado deles.

A expressão do que é ser homem perpassa a negativa do que é próximo ao feminino. Zanello (2020a) destaca que para ser reconhecido como um homem de verdade é preciso performar como um penetrador, isto é, rechaçar qualquer erotismo anal que compreenda ser penetrado, pois isso remete a uma posição feminina, mesmo que ocasionalmente. Essa ideia da homofobia como um traço comum na dominância das masculinidades hegemônicas ainda é reforçada por Connell e Messerschmidt (2013).

Se a homossexualidade é “vista como aberração e desvio da natureza” (Zanello, 2020a, p. 120) e, por isso, os homens homossexuais ocupam posição considerada inferior na Casa dos Homens (Welzer-lang, 2001), o resultado se reflete no movimento de recalcar seu desejo e não deixar explícito o seu afeto. Ou seja, vivenciar sua afetividade de forma velada para ser aceito ou não ser perseguido na dinâmica da Casa, pois homens considerados afeminados são perseguidos e atacados por isso.

Batista et al. (2024) realizaram um estudo transversal baseado nos dados do inquérito de saúde LGBTQIAP+ aplicado no Brasil entre agosto e novembro de 2020, com um total de 937 participantes. Os pesquisadores coletaram, por meio de formulário, o autorrelato de diagnóstico médico de depressão e aplicaram a escala validada de Homofobia Internalizada para Gays e Lésbicas Brasileiros. Os resultados da pesquisa evidenciaram uma associação positiva entre a depressão e a homofobia internalizada. Além disso, o estudo reconheceu a importância de se pensar em intervenções não só com médicos e psicólogos, mas que ultrapassem a barreira dos consultórios e atinjam políticas públicas de saúde voltadas a essa parcela da população.

Historicamente a monogamia age como um instrumento de controle para o comportamento de mulheres que determina “a dedicação intensa para elas; enquanto para eles,

permite a poligamia e o baixo investimento” (Zanello, 2020a, p. 65). Um ponto relevante sobre a afirmação da autora é que esse conceito é internalizado em grande parte das famílias brasileiras por meio de herança intergeracional. Ou seja, o modelo de conjugalidade herdado (Falcke & Wagner, 2014) por homens pode implicitamente autorizar a variabilidade de parceiros sexuais a fim de reforçar a sua masculinidade.

Scheeren e Wagner (2019), em estudo realizado com 1042 pessoas formando casais heterossexuais, identificaram que os participantes que declararam praticar traição em seu relacionamento foram majoritariamente os homens. Outro dado importante levantado pelas autoras refere-se ao modelo de conjugalidade adotado pelos pais desses participantes: a monogamia. Encontra-se aqui a ideia de repetição, mesmo que de forma contextualizada, de padrões comportamentais aprendidos nos modelos anteriores (Falcke & Wagner, 2014; Silva et al., 2010).

Portanto, os comportamentos são baseados nas vivências familiares e no aprendizado de estratégias de enfrentamento empregadas pelos pais ou outros agentes familiares de socialização, como avós, tios etc. Essa transmissão é realizada de duas formas. A primeira delas é dada a partir da proximidade do contato direto e entre os membros familiares, aqui definida como herança intergeracional. A segunda, nomeada como herança transgeracional, é transmitida pela família de uma geração a outra e presente ao longo de sua história (Falcke e Wagner, 2014; Silva et al., 2010). Isto é, mesmo os homens em relacionamentos homoafetivos não estão isentos de repetir padrões comportamentais herdados de suas relações familiares. Afinal, as masculinidades hegemônicas enraízam o conceito de superioridade do gênero masculino em detrimento do gênero feminino e tudo que dele se aproxime, criando um ideal de supremacia masculina, que impera em diferentes espaços (Gomes da Costa & Nabarro, 2024).

Para Féres-Carneiro e Magalhães (2005), somos produzidos e constituídos pelo que falamos e contamos sobre nossa história, principalmente quando ela é desenhada pela emoção. Nossos valores, lealdades, costumes, mitos, crenças, segredos, ritos e legados familiares constituem um importante modelo de vivência e construção da nossa conjugalidade e parentalidade (McGoldrick, 2016). A família de origem, por meio da transmissão de suas heranças, ocupa um papel importante na construção da noção de relação do novo casal e a construção do próprio conceito de amor. Féres-Carneiro e Magalhães (2005) refletem que esse movimento é necessário para a noção de pertencimento íntimo do casal.

Maesima et al. (2024), em estudo de caso realizado com três casais heterossexuais que se encontravam na etapa de formação do casal revelaram, durante sua investigação, que as experiências da família de origem se refletem na construção de conjugalidade do casal, inclusive no que se refere a modelos a não serem seguidos. Tal resultado corrobora o que Falcke e Wagner (2014), Silva et al. (2010) e Wagner et al. (2011) acharam em seus estudos, que destacam a forte influência dos modelos de parentalidade e conjugalidade aprendidos nas famílias de origem na fase de busca de um parceiro e constituição do subsistema conjugal.

Além da questão de gênero que separa o que é esperado de homens e de mulheres, é preciso pensar na interseccionalidade de outros fatores que nos atravessam. Homens negros, gays e com poder econômico inferior ocupam o mesmo local na hierarquia da Casa dos Homens criada por Welzer-Lang (2001)? O Brasil é um país com uma história complexa e construída diante de pilares marcados por forte desigualdade social, racismo, machismo, homofobia e viés religioso (Santana e Felizmino, 2026) e isso se reflete no cotidiano da população que constrói sua visão de mundo embasada nessas origens.

Akotirene (2018) avança no conceito de interseccionalidade cunhado pela teórica afro-estadunidense Kimberlé Crenshaw. A autora critica o feminismo branco, por desconsiderar a complexidade das diversas realidades enfrentadas por mulheres negras, e o próprio

movimento negro, que centra a pauta acerca das demandas de homens. Para ela, uma visão interseccional da realidade possibilita o uso de uma lente política imprescindível para compreender como o racismo, o capitalismo e o patriarcado funcionam de forma simultânea. Neste trabalho, o conceito é aplicado com vistas a analisar como esses diferentes elementos sociais vão construir a realidade e impactar a vivência de homens cisgênero gays pretos e brancos. Trata-se de pontos que vão além da raça, mas perpassam a renda, escolaridade e como isso afeta as relações conjugais.

Negar o racismo no Brasil é negar a nossa própria realidade. Gonzales (2020) afirma que a cultura brasileira é neurótica por negar suas origens no fundamento africano, além de sua violência racista, sexista e machista. A mulher negra é colocada em um local específico onde seu corpo, sua sensualidade e sexualidade é exaltada, mas rebaixada quando falamos de direitos básicos como empregabilidade, educação e saúde.

Os corpos negros de homens homossexuais são comumente reduzidos a objetos para satisfação de prazer de homens brancos. São buscados pelas características físicas, como tamanho do pênis, virilidade e força. Silva e Ramos Filho (2026), em pesquisa realizada em um aplicativo de relacionamento voltado para o público gay contribuem para uma importante reflexão. Não apenas há a hipervalorização desses corpos negros para a prática sexual, mas esse investimento é direcionado aos homens ativos (que penetram outros homens). Os autores compararam como eram as interações dentro do aplicativo com dois perfis construídos para a pesquisa: o ativo recebeu mais manifestações de interesse dos usuários do que o passivo (o penetrado). Tal afirmação não apenas mostra como racismo molda as relações sexuais e conjugais de homens negros, mas como há a hipervalorização de uma posição máscula e a desvalorização daquilo que é associado ao feminino: o homem passivo.

O principal problema de pesquisa proposto nesta dissertação trata da investigação sobre quais são os fatores de risco e proteção para a construção e manutenção da

conjugalidade de casais formados por dois homens. A expectativa é que esse estudo ajude a compreender as estratégias (os modelos de relação) desenvolvidas por esses casais para lidarem com os fatores de risco e proteção na construção da sua conjugalidade. Inclusive, serão investigados os modelos conjugais escolhidos pelos participantes, como relacionamentos monogâmicos ou não monogâmicos e demais estratégias usadas por eles para adaptarem o modelo conjugal aprendido à realidade do casal, além da influência da intersecção de raça e renda nesses fatores.

Segundo Poletto e Koller (2008), os fatores de risco e proteção são pontos centrais para compreender o desenvolvimento humano. As autoras definem fator de risco como eventos ou condições negativas que maximizam a probabilidade de problemas físicos, sociais ou emocionais no curso de desenvolvimento. Um exemplo disso seria a situação socioeconômica de uma família, contudo, esse não é um fato determinante para que a situação socioeconômica aja como um precursor de fatalidades. Isso dependerá de cada contexto e de cada pessoa. Já os fatores de proteção são definidos como as influências que melhoram ou modificam as respostas individuais aos eventos de risco. Tal adaptação melhora e promove o que a pesquisa chama de resiliência. Para Poletto e Koller (2008), a resiliência é um conceito dinâmico e aplicado em várias áreas de conhecimento. No contexto social e psicológico, pode ser entendida como um processo de enfrentamento e superação das adversidades.

Este estudo tem como objetivo investigar e conhecer os fatores de risco e proteção para a construção e manutenção da conjugalidade de casais formados por dois homens. Como objetivos específicos, pretende-se (a) Investigar como os casais homoafetivos formados por dois homens elaboram as regras do seu contrato conjugal; (b) Investigar como esses casais se relacionam com conceitos e práticas de infidelidade, monogamia ou poligamia no seu relacionamento; (c) Investigar a influência do modelo de conjugalidade aprendido nas famílias de origem em suas relações; (d) Compreender a repercussão da interseccionalidade

de raça e realidade socioeconômica na construção e prática da conjugalidade em casais constituídos por dois homens.

Método

A pesquisa se caracteriza como um estudo empírico exploratório de caráter qualitativo, com delineamento de estudo de caso coletivo, entendido aqui como o estudo de um conjunto de casos selecionados com o objetivo de investigar e conhecer um determinado fenômeno, suas singularidades e semelhanças (Stake, 2006). Marin et al. (2021) destacam que esse tipo de estudo é amplamente utilizado na área de psicologia, pois contempla ferramentas que possibilitam conhecer um fenômeno com profundidade. A sua fundamentação teórica é fundamentada na teoria familiar sistêmica.

Instrumentos

A pesquisa utilizou entrevistas narrativas a fim de investigar e conhecer os fatores de risco e proteção para a construção e manutenção da conjugalidade de casais formados por dois homens. Elliott (2005) conceitua as narrativas como “a organização de uma sequência de eventos em um todo, de modo que o significado de cada evento possa ser compreendido por meio de sua relação com esse todo.” (p. 3). Para a autora, as narrativas possuem três elementos essenciais: são cronológicas – percorrem um período definido no tempo; são significativas – deriva tanto de sua ordenação temporal, quanto do contexto social em que a narrativa é contada; e, por fim, são sociais, pois retratam uma realidade para um público específico. Esses elementos não são estritamente separáveis, mas necessários para a compreensão da história. As entrevistas narrativas são definidas como um método de estudo qualitativo baseado na coleta de informações por meio de histórias e experiências contadas pelos narradores (participantes da pesquisa). Esse tipo de entrevista possibilita acessar o universo do outro a partir da sua perspectiva, tendo, como referência, a sua noção cronológica e significativa dos acontecimentos (Elliott, 2005).

Usar esse direcionamento metodológico em pesquisas qualitativas possibilita acessar parte da realidade a partir das experiências e vivências das pessoas. Nesse tipo de entrevista, o pesquisador atua como um ouvinte ativo e possui pouca autonomia no direcionamento da narração. Ou seja, a pergunta inicial mostra o tema da narrativa, mas não há forma de prever e direcionar o conteúdo que será acessado com os participantes (Elliott, 2005). O roteiro da entrevista realizada com os participantes está disponível no Apêndice A.

Além da entrevista narrativa, um genograma sexual (Forgearini & Hintz, 2012) foi construído com cada um dos participantes da pesquisa, com o objetivo de representar graficamente suas relações familiares e reconhecer as suas lealdades, segredos e padrões comportamentais que possivelmente influenciam a construção do modelo de conjugalidade do casal. Esta pesquisa adotará o que McGoldrick et al. (2020) apresentam como definição de genograma, sendo uma ferramenta capaz de registrar informações sobre os membros de uma família e suas relações em pelo menos três gerações.

O genograma sexual, criado na década de 1980 por Hof e Berman (1986), é uma adaptação do genograma original desenvolvido por Bowen (Forgearini & Hintz, 2012). Os autores o definem como uma ferramenta que combina aspectos da história familiar com o sexual das relações e como os parceiros impactam as relações familiares. Por meio dele, é possível compreender se o sexo foi um assunto discutido durante o processo de desenvolvimento ou se foi um assunto proibido durante a vida. Não se trata apenas do diálogo, mas de suas práticas e como isso influencia a visão acerca da prática sexual e impacta as relações atuais das pessoas, visão ratificada por McGoldrick et al. (2020) e Forgearini e Hintz (2012).

Ao construirmos o genograma sexual é possível visualizar graficamente como os papéis de gênero são performados e perpetuados por meio das heranças intergeracionais. Historicamente a prática sexual é estimulada apenas aos homens, enquanto as mulheres são

ensinadas a aguardarem até o casamento (Zanello, 2020a). A ferramenta possibilita enxergar como o sistema familiar lida com a temática sexual e como esses ensinamentos são passados para as gerações. Além disso, informações sobre como a homossexualidade é abordada na família, se o sexo também é estimulado para homens homossexuais se relacionarem com outros homens da mesma forma como é feito com homens heterossexuais com as mulheres. Ou até se esse estímulo ocorre para que homens homossexuais adotem uma performance heterossexual para aceitação familiar, são investigações passíveis a partir do genograma.

Hof e Berman (1986) sugerem essa investigação utilizando questões que versam sobre quais são as mensagens veladas ou não sobre sexo e intimidade na família de origem: como é a abertura sexual do casal, quem era o parceiro mais aberto sexualmente, tanto para a prática sexual quanto para falar sobre sexo; quais eram os segredos da sua família sobre sexo e intimidade, como gravidez indesejada, incestos, casos extraconjugais e outros; como esses eventos impactam a prática sexual e se já conversou com alguém sobre esses assuntos; como o seu parceiro enxerga, caso ele saiba, essas especificidades em relação aos temas mencionados e como enxerga a história da família dele. Tais questionamentos, segundo os autores, buscam nortear o processo de investigação para a construção do genograma sexual. O roteiro dessas perguntas encontra-se no Apêndice B.

O uso do genograma sexual possibilita acessar e representar graficamente os principais mitos, crenças, legados e modelos familiares, especificamente focado nas histórias conjugais da família. Além disso, o instrumento dá acesso a informações sociais, comportamentais e culturais da família, sendo relevante para esta pesquisa conhecer os nomes e idades de todos os membros da família, datas de nascimentos, casamentos, separações, divórcios, mortes, abortos e outros acontecimentos significativos, bem como as relações entre os seus membros (Wendt & Crepaldi, 2008). A construção do genograma possibilitará enxergar, graficamente, como essas relações familiares funcionam e suas repercussões na relação conjugal atual.

E, por fim, foi utilizada a técnica nomeada como Procedimento Desenhos-Estórias (D-E). Desenvolvida por Trinca na década de 70 (Trinca, 2020), essa ferramenta objetiva ampliar o conhecimento acerca da dinâmica psíquica no diagnóstico psicológico. O autor destaca que não se trata de um instrumento de avaliação psicológica, mas de uma técnica importante que possui características de usar a associação livre do participante no processo de investigação do fenômeno; atingir a exploração de aspectos inconscientes da personalidade; a participação em recursos de investigação utilizando técnicas projetivas; usar meios indiretos de expressão como desenhos, histórias, sonhos e outros.

Essa técnica consiste na elaboração de cinco unidades de produção (desenhos), pelo examinando, sendo cada uma composta por desenho livre, história, inquérito e título. Trinca (2020) detalha o procedimento no qual o “examinando faz o primeiro desenho livre, com o qual verbaliza uma história e, em seguida, responde às questões do examinador por meio de associações dirigidas do tipo ‘inquérito’, oferecendo, finalmente, um título para essa unidade de produção.” (Trinca, 2020, p. 16). A ordem sequencial, que consiste na realização do desenho livre, história, inquérito e título, é a mesma durante todo o processo até que cinco produções sejam realizadas.

Trinca (2020) destaca que a construção do D-E pode ser feita a partir de um tema. A Profa. Dra. Tânia M. J. Aiello-Vaisberg é apontada pelo autor como uma importante referência na utilização deste instrumento com esse desdobramento metodológico. A modificação do D-E original se refere ao pedido do desenho e das histórias considerando um tema que diz respeito a um assunto que interesse ao pesquisador investigar.

Visintin et al. (2023) acrescentam que a definição desse tema não é uma cópia do objeto de pesquisa, mas um tema que “possibilite que a entrevista seja facilitadora da comunicação subjetiva dos participantes acerca de um campo experiencial humano definido pelo pesquisador” (p. 106). Isto é, o tema deve partilhar o preceito metodológico que propicie

alcançar a resposta que a pesquisa se propõe e sem causar constrangimento ou gerar ansiedade no participante.

Para Visintin et al. (2023), o Procedimento de Desenhos-Estórias com Tema (PDE – Tema), abrange três pontos: (a) amorfia do tema – que assume a característica de ser flexível e não diretivo e capaz de traduzir suas experiências subjetivas sem restrições impostas pelo pesquisador/aplicador; (b) delimitação de um campo experiencial – como o próprio nome diz, o tema deve ser capaz de limitar o campo de investigação proposto pelo pesquisador/aplicador; e (c) pedido de figuras humanas – é o pedido explícito de que haja figuras humanas no desenho, sendo afim ao objetivo da pesquisa (Visintin et al., 2023).

Cada participante recebeu o seguinte tema: casamento e família. A partir disso, foi solicitado que fizesse cinco desenhos com figuras humanas. Cada desenho teve sua estória. Após a estória, o pesquisador inquiriu sobre ela e, por fim, o participante deu um título para o desenho. Esse procedimento foi repetido até que cinco unidades fossem produzidas. Os comandos para a realização dos PDE – Tema estão explicitados no Apêndice C.

Procedimentos

Os participantes foram selecionados por meio da rede de convites divulgados em redes sociais (*Instagram, Facebook, Threads, Whatsapp ou X*) e em cartazes divulgados em locais de grande circulação, como a UnB. Na arte de divulgação, o pesquisador apresentou a pesquisa e seus contatos (telefone e e-mail). Os interessados entraram em contato com o pesquisador, por e-mail ou por telefone, para receberem o link do formulário on-line (Apêndice D), no qual apresentaram suas informações socioeconômicas e de contato. Foram selecionados os interessados que primeiro preencheram o formulário e cumpriram o recorte delimitado nesta pesquisa: estar em uma relação conjugal com outro homem há mais de cinco anos, que declare sua identidade de raça e sua renda média. Após verificar esses pré-requisitos, o pesquisador entrou em contato para confirmação da participação na pesquisa até

que fosse atingido o número de participantes estabelecidos de acordo com a identidade racial e classe social. O formulário foi encerrado assim que o grupo de participantes se completou.

O Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE; Apêndice E) foi encaminhado aos participantes selecionados para leitura prévia e conhecimento sobre a pesquisa.

Posteriormente foi agendada a realização de entrevista narrativa presencial para construção do genograma e do PDE-Tema. Os encontros foram realizados nas dependências da UnB, na residência ou local de trabalho dos participantes ou em espaço alugado/cedido que propiciasse sigilo e segurança na realização das entrevistas, conforme a conveniência dos participantes.

No início da aplicação dos procedimentos, verificou-se se os participantes tinham alguma dúvida em relação ao TCLE e se receberam todas as informações necessárias para decidirem se realmente desejavam participar da pesquisa. Foi destacada a confidencialidade das suas informações pessoais e a garantia de que poderiam interromper sua participação a qualquer momento. Após o esclarecimento das dúvidas, a assinatura do TCLE foi solicitada.

Os instrumentos foram aplicados entre 2/4/2026 e 8/5/2026 e a duração média dos encontros foi de duas horas. Foi realizado um encontro com cada participante, totalizando cinco encontros para a aplicação dos instrumentos e realização das entrevistas.

Depois da aplicação dos instrumentos – entrevista, genograma sexual e PDE-Tema, o pesquisador transcreveu os áudios com o auxílio da plataforma Requalify.ai (Martins et al., 2024), empresa privada que utiliza inteligência artificial para a transcrição de áudios para o português brasileiro, e posteriormente revisou o material. Segundo a plataforma, os dados são criptografados e não divulgados para outras finalidades, como é comum em outras plataformas no mercado. Considerando isso, o uso da plataforma não violou os preceitos éticos de sigilo da informação.

Os genogramas sexuais foram construídos manualmente durante o encontro com o participante e posteriormente replicado em meio digital utilizando a ferramenta aberta *Álbum*

de Família – Genograma, desenvolvida pelo Núcleo de Educação em Saúde Coletiva da Universidade Federal de Minas Gerais (Chapadeiro et al, s. d.).

O PDE-Tema foi aplicado e analisado individualmente conforme as instruções de Trinca (2010). No Apêndice F desta pesquisa, consta uma análise completa de um caso para ilustrar o processo. Por uma questão metodológica, os autores decidiram não inserir todas as análises integrais na pesquisa, pois demandaria espaço inviável na dissertação.

Após a finalização do processo de organização dos dados coletados, inclusive dos genogramas sexuais e PDE-Tema, o pesquisador principal enviou os documentos aos participantes (de forma digitalizada), a fim de verificar se eles gostariam de complementar ou corrigir algo, com o prazo de manifestação de até sete dias. O único participante a revisar e solicitar alterações foi Fortunato (qualificado na seção Participantes). Os pontos solicitados consistem em detalhar a religião da família que é cristã católica; a supressão de informações consideradas pessoais e complemento acerca da interpretação do PDE-Tema. As alterações e correções foram realizadas pelo pesquisador.

Procedimentos Éticos

A pesquisa foi submetida ao Comitê de Ética do Instituto de Ciências Humanas e Sociais da UnB, Parecer nº 7.992.670 (Apêndice G).

Participantes

Participaram do estudo cinco homens gays cisgêneros que estavam em um relacionamento conjugal há pelo menos cinco anos. O modelo conjugal parental vivenciado pelos participantes foi caracterizado segundo o padrão heteronormativo (pai e mãe ou cuidadores autodeclarados como heterossexuais). De acordo com o critério de heterogeneidade proposto por Patton (2015), buscou-se que o conjunto de participantes fosse composto por dois homens autodeclarados como brancos (um deles pertencente ao estrato socioeconômico A, B1 ou B2 – que possui renda média entre R\$28.331,26 e R\$7.874,72, aqui

denominado A1, e um pertencente ao estrato C1, C2 ou DE – com renda média entre R\$7.874,71 e R\$1.177,55, aqui denominado como A2) e dois homens autodeclarados como pretos ou pardos (um pertencente ao estrato socioeconômico A, B1 ou B2, aqui denominado como B1, e um pertencente ao estrato C1, C2 ou DE, aqui denominado como B2. Para o recorte de renda média dos participantes, esta pesquisa adotou o Critério de Classificação Econômica Brasil, da Associação Brasileira de Empresas de Pesquisa (ABEP) do ano de 2026. O Critério é baseado na Pesquisa de Orçamento Familiar (POF) do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE (Associação Brasileira de Empresas de Pesquisa, 2026).

Essa seleção intencional de perfil se deu a partir da necessidade de compor um grupo de participantes diverso e condizente com a realidade brasileira, estratégia sugerida por Patton (2015), como forma de garantir que múltiplas perspectivas sejam representadas. Logo, ao analisamos a realidade do Brasil, o censo realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em 2022, apontou que a população brasileira é composta por 203,1 milhões de pessoas. Destas, 55,5% se identificam como preta ou parda (IBGE, 2022).

O conceito de amostragem de máxima variação (heterogeneidade), segundo Patton (2015), é caracterizado pela diversidade e variabilidade presentes em um determinado grupo, população ou fenômeno que será investigado durante a pesquisa. Por exemplo, neste trabalho, optou-se por fazer uma intersecção de raça e classe social dentre os participantes, a fim de identificar as diferentes experiências dentro do processo de construção de conjugalidade. Essa estratégia objetiva capturar e descrever os temas que são centrais e atravessam a variação de conteúdo que se espera encontrar em relação ao recorte de raça e classe social. Afinal, diferentes desafios são enfrentados por pessoas que vivem em diferentes condições em relação à sua socialização e renda, principalmente no Brasil, um país diverso com extensão territorial continental. Patton estabelece que, em amostras pequenas, como é caso desta pesquisa, participantes com características heterogêneas podem indicar um problema, pois

suas posições individuais podem apresentar resultados muito diferentes entre si, o que dificultaria a categorização dos temas a partir dos dados coletados. Contudo, a estratégia descrita pelo autor mostra que essa fraqueza pode ser transformada em vantagem quando o foco é dado para quaisquer padrões surgidos nos dados coletados, pois suas similaridades possibilitam uma generalização conceitual e a criação das categorias necessárias para analisar o conteúdo obtido nas entrevistas.

Ao todo, os pesquisadores receberam as inscrições de 13 interessados e a convocação se deu por ordem de disponibilidade para a coleta de dados dentro do recorte definido da pesquisa. Os interessados não convidados para integrar a pesquisa receberam um e-mail de agradecimento pelo seu interesse.

Foram selecionados cinco participantes a partir dos recortes acima mencionados: dois participantes da categoria A1, um participante da categoria A2; um participante da categoria B1 e um participante da categoria B2. A decisão de coletar dados de dois participantes da categoria A1 se justifica pelo objetivo de realizar uma coleta piloto. Isto é, testar os instrumentos e verificar a noção de tempo necessário para captar os demais participantes voluntários. Os dados coletados seguiram o rígido padrão ético e técnico do pesquisador e foram utilizados na análise da pesquisa.

O número de participantes foi definido de acordo com o definido por Stake (2006), que sugere um número entre quatro e dez casos. O autor destaca que, com menos de quatro casos, o pesquisador pode não alcançar a interatividade suficiente para a análise aprofundada do tema a ser investigado e, com mais de 15, pode sobrecarregar a capacidade de interpretação. Destaca-se que, em decorrência da limitação de tempo de duração do curso de mestrado bem como de recursos humanos e financeiros, optou-se por trabalhar com cinco participantes.

Embora o estudo se proponha a investigar a dinâmica conjugal de casais formados por dois homens, optou-se por entrevistar apenas um dos integrantes do casal. Essa decisão teve como objetivo evitar quebras de confidencialidade que poderiam ocorrer se as respostas de ambos os cônjuges fossem analisadas em conjunto, por comporem um mesmo caso. Ao identificar a sua fala no trabalho final, o participante também identificaria as respostas de seu cônjuge, já que os dois fariam parte de um mesmo caso.

Por uma questão de proteção da identidade dos participantes, seus nomes foram substituídos pelos nomes de personagens da recém-lançada releitura do clássico brasileiro Dona Beja pelo canal HBO Max (Silva et al., 2026). A Tabela 1 demonstra o perfil dos participantes que se voluntariaram para a pesquisa, conforme detalhado a seguir:

Tabela 1

Perfil dos participantes da pesquisa.

<i>Participante</i>	<i>Autodeclaração de raça</i>	<i>Renda</i>	<i>Escolaridade</i>	<i>Tempo de relação em anos</i>	<i>Data da Entrevista</i>
<i>Fortunato</i>	Branco	A1	Superior	10	2/4/2026
<i>Alcides</i>	Branco	A1	Superior	10	7/4/2026
<i>Pe. Aranha</i>	Pardo/Preto	B2	Médio	7	9/4/2026
<i>Antônio</i>	Pardo/Preto	B1	Superior	4,83	10/4/2026
<i>Maurício</i>	Branco	A2	Superior	6	8/5/2026

Considerando a dificuldade de encontrar participantes voluntários que se disponibilizassem para a coleta presencial dentro do perfil buscado, o participante Antônio foi inserido nesta pesquisa mesmo estando fora do desenho inicial de estar numa relação de no mínimo cinco anos, pois os pesquisadores avaliaram a viabilidade entendendo que quatro anos e dez meses (4,83 anos) de relação completados na data da coleta é uma diferença ínfima diante do contexto da pesquisa.

Análise dos Dados

A análise dos dados já transcritos e devidamente aprovados pelos participantes foi feita por meio do que propõe Stake (2006). O autor destaca que cada categoria deverá ter pelo menos três confirmações. É necessário um equilíbrio entre a tendência à generalização e as particularidades de cada caso. Para Stake, ambas possuem valor e considerá-las é essencial para uma análise mais efetiva. O autor ainda destaca três caminhos para essa análise: o primeiro foca nos resultados dos casos e sua situacionalidade e é o mais profundo deles, pois considera suas particularidades; o segundo busca pontos comuns entre os casos; e o terceiro busca fatores e características que possam ser agrupados, inclusive estatisticamente. Como uma segunda análise acerca da criação das categorias, os pesquisadores utilizaram a ferramenta de criação e análise de TAGs do Requalify (Martins et al., 2024) e identificou que a plataforma criou marcadores próximos aos elaborados de forma analógica no processo metodológico desta pesquisa. Como exemplos, citamos: impactos da herança familiar e intergeracional; desafios da conjugalidade e aceitação familiar; abertura da relação e homofobia e tabu familiar.

A análise, suas interpretações e atribuições de significados seguiram a abordagem teórica da teoria sistêmica baseando-se em autores clássicos da literatura, como Bowen (1966, 1993), Andolfi (2019), Carter e McGoldrick (2016, 2020) e outros conforme elencados nas referências. Além da criação dos temas, os genogramas sexuais foram interpretados a partir da obra de McGoldrick et al. (2020) e Hof e Berman (1986) e os Desenhos-Estórias com Tema pelo que estabelece Trinca (2020) e Visintin et al. (2023), conforme já explorado anteriormente.

Para organizar, analisar e discutir os dados, foram criadas quatro categorias: A Influência da Herança Intergeracional no Modelo de Conjugalidade; A Relação Conjugal

como um Fator de Proteção contra a Homofobia Familiar; A Não Monogamia como Fator de Proteção da Relação; e O Machismo e o Racismo Estrutural como Fator de Risco da Relação.

Resultados e Discussão

Apresentação dos Participantes

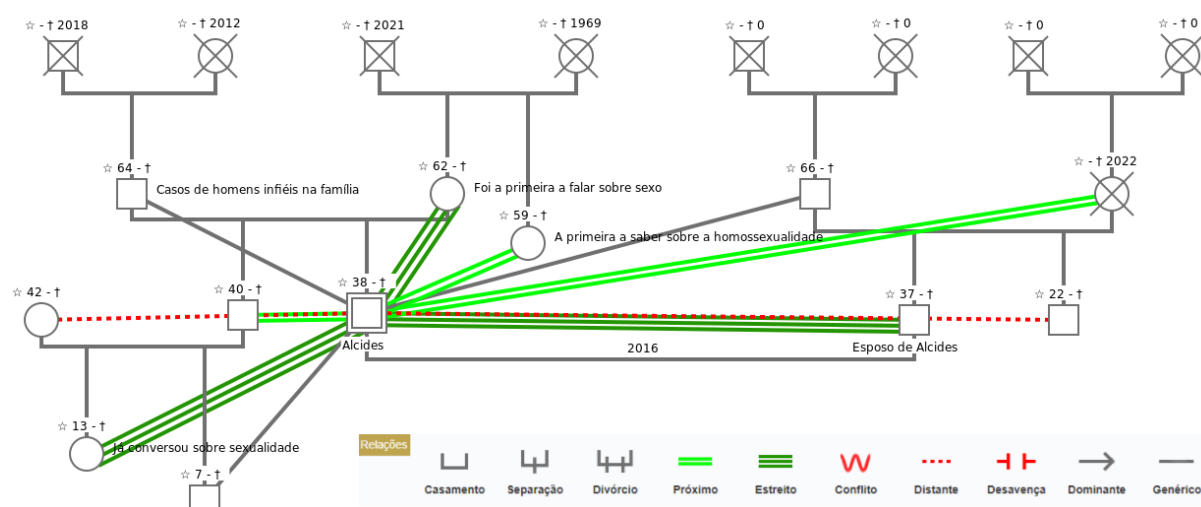
Alcides: O Mensageiro

O personagem na trama de Dona Beja (Silva et al., 2026) faz parte de um enredo importante sobre a introdução da homossexualidade e do desejo homoerótico. Interpretado pelo ator Bruno Suzano, é o responsável por viabilizar o afeto e desejo de Fortunato (o boticário).

Aqui, Alcides é um homem branco, cisgênero, com 38 anos, nível superior, renda e raças inseridas na categoria A1, residente e domiciliado no Distrito Federal. Atualmente mora com o seu esposo e estão juntos desde 2016. Ele vem de uma família tradicionalmente religiosa cristã católica, com costumes rígidos quanto à conduta moral, sexual e conjugal. A Figura 1 retrata o Genograma Sexual construído com o participante:

Figura 1

Genograma sexual de Alcides



Sua primeira relação pública se deu aos 22 anos por exposição de terceiros. Tal fato o forçou a revelar detalhes de sua intimidade para a família. Como condição para ser aceito, chegou a procurar orientação espiritual e psicoterapia, mas, obviamente sem sucesso, na expectativa dos pais de algum tipo de mudança em sua orientação sexual. Um ponto relevante é que, tanto pela orientação do padre quanto pela intervenção em psicoterapia, relatou ter ouvido que não havia nada de errado com sua sexualidade. A vivência de sua afetividade sempre foi discreta e resumida em contextos de intimidade familiar. Foram anos até os pais aceitarem a convivência harmoniosa com seus namorados e o então esposo.

Seu genograma sexual demonstra que mesmo de forma tímida a interação com sua tia foi um importante norteador acerca da sua vivência da sexualidade. O tema sobre consensualidade e segurança na prática sexual foi abordado de forma genérica, mas influenciou o modo de lidar com o outro dentro da perspectiva sexual e afetiva.

Fortunato: O Boticário

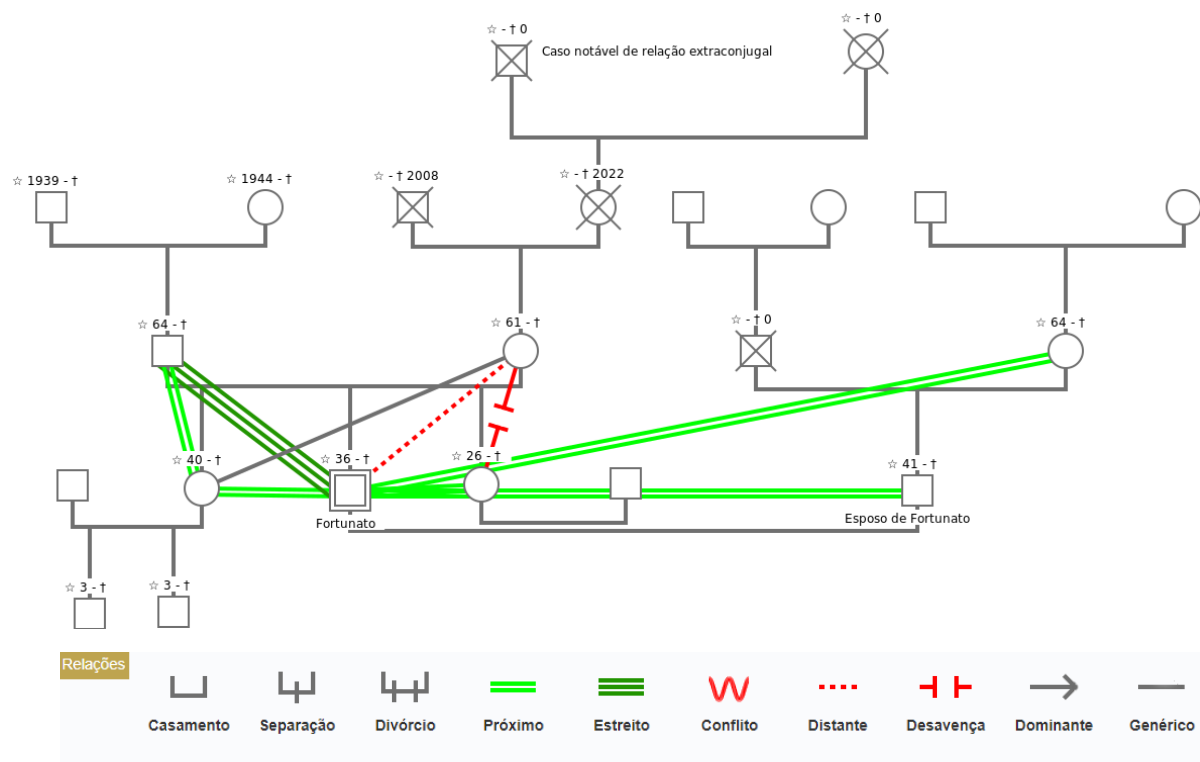
É o boticário na novela, conhecedor de ervas, remédios e garrafadas para curar as mazelas do povo de Araxá. É o personagem que vive um importante conflito interno: ceder aos desejos homoeróticos ou manter a imagem respeitosa da família e do cargo que ocupa? Dúvidas permeiam pontos relevantes durante sua trajetória.

Fortunato, para esta pesquisa, é um homem branco, cisgênero, 36 anos, com nível superior e pertencente à categoria A1. Casado com seu marido há 10 anos, residem no Distrito Federal. Nascido no interior do estado de Minas Gerais, possui uma tradicional família formada por pai, mãe e duas irmãs. Ele é o filho do meio. A família se desenvolveu em um lar cristão católico. Na ausência dos pais, a avó materna desempenhava o papel de cuidado. Tem lembranças do avô alcoolizado e passava em seu bar para pegar doces. Possui primos homossexuais (homens) e deliberadamente mantém distanciamento afetivo para não ser associado à homossexualidade. Esse foi um movimento de proteção contra a homofobia e

rejeição. Para os familiares homossexuais, é visto como o “pioneiro” do movimento por ser o primeiro a vivenciar a afetividade e sexualidade de forma plena e aberta. É motivo de orgulho ter recebido este título. Por se tratar de uma família religiosa tradicional, a vivência da sexualidade é algo velado, não explícito e punido, o que alimenta o sentimento de culpa relatado sobre o fato de assumir e viver sua sexualidade.

Figura 2

Genograma sexual de Fortunato



Pe. Aranha: O Resiliente

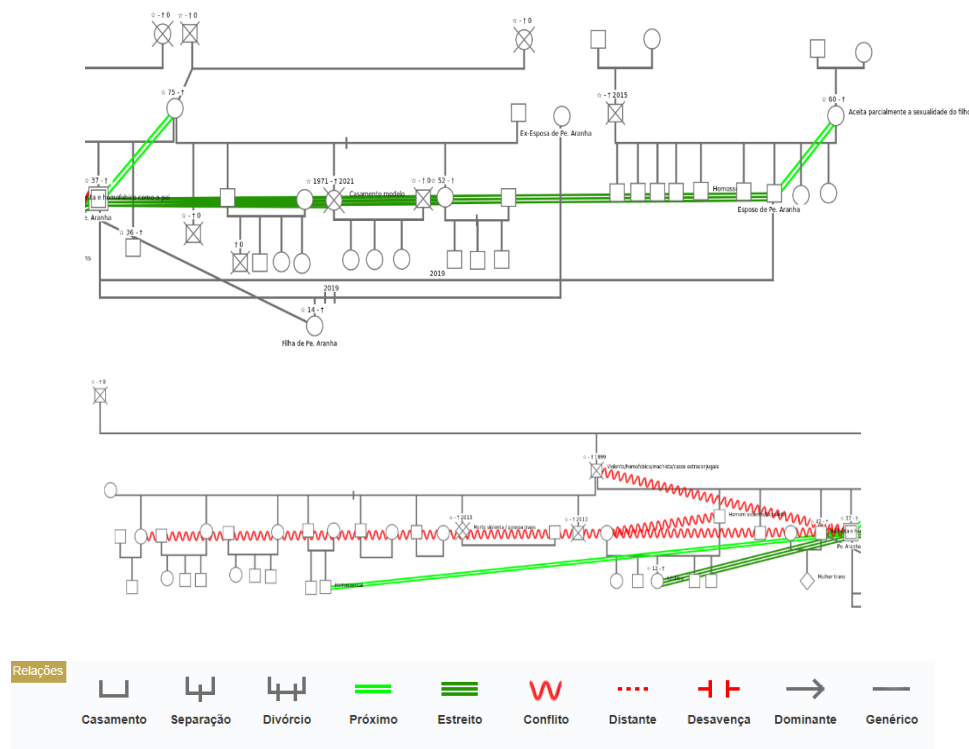
Pe. Aranha é o pároco da igreja da vila de Araxá. Mesmo representando uma igreja antiga e patriarcal, seus pensamentos progressistas o colocaram numa posição de confiança e apoio para Dona Beja, irreverente figura feminina de Minas Gerais do século 19. Aranha teve a coragem de viver um amor proibido e abdicou de sua batina para arriscar o caminho da felicidade. A resiliência é a sua maior característica, pois lutou contra tudo e todos por um amor não padrão naquele tempo, mas ainda um tabu moderno: uma mulher transexual.

Para representar o personagem, aqui Pe. Aranha é um homem autodeclarado pardo, nível médio completo, 37 anos, residente na cidade de Luziânia/GO (entorno do Distrito Federal) e casado com seu esposo há 7 anos. Ele vem de uma família com fortes características tradicionais heteronormativas, marcadas pelo machismo, homofobia e misoginia, com os papéis de gênero bem definidos. Os homens, másculos, machos e viris, as mulheres como cuidadoras, recatadas e direcionadas à discrição de comportamento, conforme é demonstrado na Figura 3, que apresenta o seu Genograma Sexual.

Seu núcleo familiar é formado por duas famílias recasadas, tanto da parte da mãe, que possui quatro filhos de uma relação anterior, quanto do seu pai, com cinco filhos de outra relação. Na relação que deu origem à sua vida, foram mais cinco filhos, incluindo o participante. Ao todo são quatorze irmãos, incluindo ele. O Pe. Aranha vem de uma longa relação heterossexual e tem uma filha jovem. Sua ex-esposa e filha sabem da sua sexualidade e da nova relação com o seu esposo.

Figura 3

Genograma Sexual de Pe. Aranha



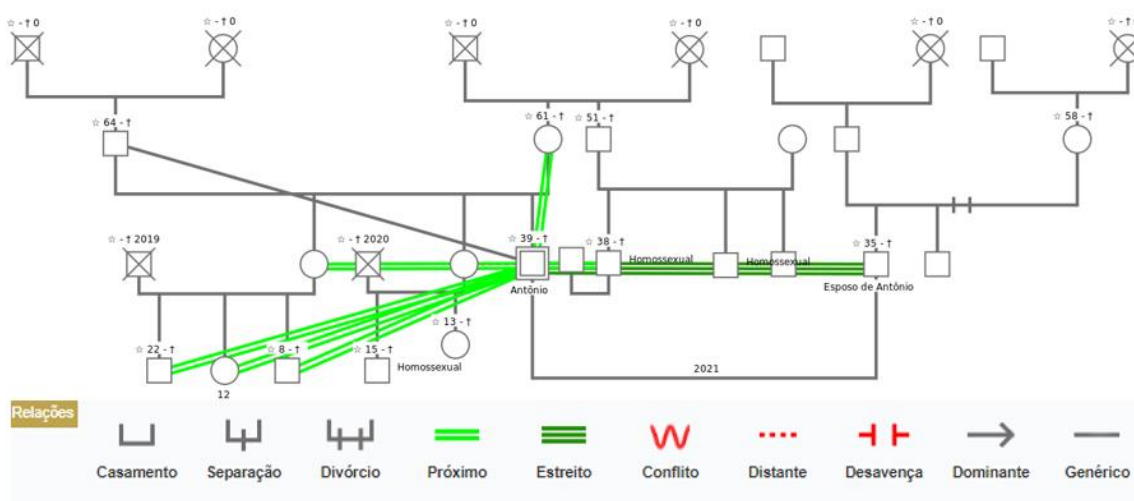
Antônio: O Grande Amor de Beja

Antônio pertencia à elite de Araxá. Vinha de uma família com posses e era o grande herdeiro do nome e dos bens da família, que carregava o legado de uma importante ativista negra pela libertação dos escravizados: sua avó. Era o grande amor de Beja, mas acabou não se casando com ela pelas convenções sociais. Afinal, quem assumiria uma mulher da vida? Na trama, passou por vários relacionamentos pontuais, mas sempre retornava aos braços da amada, mesmo já casado. Antônio é leal principalmente a si, aos seus sentimentos e desejos, como um homem daquela época, queria tudo o que as mulheres podiam oferecer.

Aqui, Antônio é um homem cisgênero, autodeclarado pardo e pertencente à categoria B1. Tem 39 anos e possui nível superior completo. Sua família segue o modelo considerado tradicional cristão católico e é formada por pai, mãe, duas irmãs e o participante. Seus pais não tiveram contato com as gerações anteriores, portanto, informações sobre seus avós não foram acessadas. Durante sua infância, todos foram muito próximos, sendo eles mesmos a principal forma de apoio. A religião católica ocupou, durante muito tempo, o lugar central da mobilização moral e ética da família, logo, comportamentos que não se adequavam às expectativas dos dogmas eram desencorajados ou punidos.

Figura 4

Genograma Sexual de Antônio



No que se refere ao recorte desenhado por esta pesquisa, Antônio e seu marido são o único casal selecionado com menos de cinco anos de relação. Na data da coleta de dados os participantes estavam juntos há quatro anos e dez meses. Contudo, eles enfrentam desafios semelhantes aos demais casais investigados neste trabalho.

Maurício: O Corajoso Romântico

Maurício era o investigador forasteiro que chega à tradicional Araxá para trabalhar mudanças importantes na pacata e conservadora vila. Investigou a morte de mulheres marginalizadas e consideradas sem valor com seriedade e energia. Sensível, vibrante, apaixonado e aventureiro, Maurício mostra para Fortunato que o amor entre iguais é possível além do gozo. Foi capaz de construir uma história de amor em um ambiente inóspito e árido, enfrentou multidões e vive na ideia daqueles que amam.

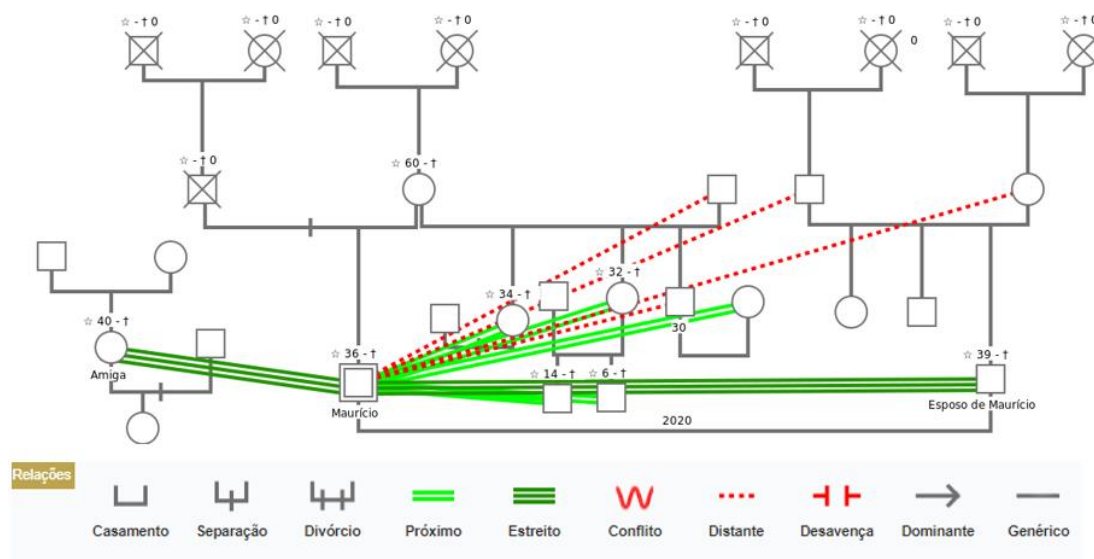
Aqui, Maurício vem de uma família recasada formada pela mãe, padrasto, a quem se refere como pai, duas irmãs e um irmão. Sua família estendida atualmente mora no Distrito Federal. Desde o período da adolescência não mantém contato com a família paterna, pois sua mãe se casou novamente quando tinha apenas nove meses. Sua noção de família é construída a partir dessa nova união e as relações afetivas e importantes também. Possui maior afinidade com sua irmã do meio, o que constitui uma rede social de apoio dentro da família. Inclusive, ela teve um papel importante no processo de revelação e aceitação da sua homossexualidade, principalmente pelo pai.

Segundo Maurício, ele e o esposo são diagnosticados com o Transtorno de Espectro Autista e isso é visto de forma que facilita o reconhecimento de limites e construção de segurança dentro da relação e da família. Maurício relata que viveu sempre rodeado por mulheres, não apenas na família, mas foi rodeado por mulheres lésbicas. Entendia que isso limitava sua compreensão como um homem gay, afinal, se sentia constrangido para falar

sobre sexo com outras mulheres. A solidão acompanhada o motivou a procurar seus semelhantes: outros homens gays em grupos de práticas de esporte e afins.

Figura 5

Genograma Sexual de Maurício



A Influência da Herança Intergeracional no Modelo de Conjugalidade

Esta categoria objetiva explorar a influência da família de origem e das gerações anteriores na construção do conceito de conjugalidade dos participantes desta pesquisa. Quando o casal decide iniciar o novo ciclo na vida familiar, essa escolha perpassa uma série de caminhos já trilhados anteriormente (McGoldrick & Shibusawa, 2016).

Em outras palavras, a escolha não é aleatória, mas fruto de uma série de adaptações e influências oriundas de nossas famílias de origens e de gerações anteriores a elas. O que era anteriormente normal, idealizado e esperado, agora enfrenta novos desafios que vão de encontro às expectativas das famílias (Silva et al., 2011; Walsh, 2016). Expectativas essas que são o espelho dos caminhos anteriormente percorridos e que passam a nortear os passos dos filhos. Ou seja, se o novo membro do sistema familiar é um menino, a família projeta o desenvolvimento baseada na expectativa de que, quando adulto, este se casará com uma mulher e juntos possibilitarão o nascimento da próxima geração.

McGoldrick e Shibusawa (2016) estabelecem que a formação de um casal tende a ser erroneamente entendida como a soma de dois indivíduos, quando, na verdade, é a mudança de dois sistemas familiares inteiros. E é neste ponto que os casais enfrentam grandes desafios, como a negociação do status novo das famílias de origem, as novas prioridades para os cônjuges e as negociações necessárias à convivência.

Quando um casal não formaliza sua união, isso pode indicar dificuldade de se desligar da família de origem, afinal, ela precisará, necessariamente, ser colocada em outro nível de prioridade, pois não mais será o centro da relação (McGoldrick & Shibusawa, 2016). A aprovação e aceitação da família é ponto essencial para que o novo casal não apenas seja reconhecido, mas tenha sua participação ativa na família.

A busca pela similaridade é um movimento importante feito pelas pessoas no momento de busca por um parceiro. Isto é, busca-se em parceiros aquilo que é próximo, familiar ao que somos e ao que conhecemos e idealizamos no outro. Muito disso vem das gerações anteriores (Botwin et al., 1997; Silva et al., 2010).

Maurício é um homem branco, cisgênero, com nível superior e feliz pela recém posse em um cargo público desejado. Em uma relação conjugal há 6 anos, Maurício construiu dentro de sua relação um espaço psicológico seguro para os dois, já que eles estão dentro do espectro autista, além da busca pela similaridade pelo casal que fica evidenciada na Figura 6 que descreve a UP 2 do PDE-Tema.

No inquérito, o participante relata: “Eu queria mostrar o tempo de convivência meu e do Esposo, de coisas que gostamos de fazer que é ficar com a Pet, andar de bicicleta, andar no parque. Eu acho que é um dos desenhos que representa casamento e família”.

Figura 6

UP 2 do PDE-Tema de Maurício

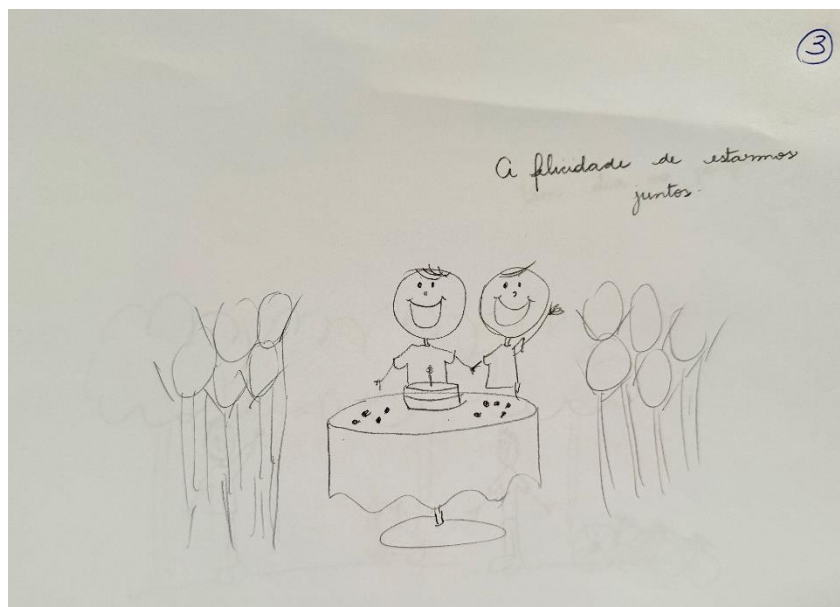


A complementaridade é conceituada como a busca no parceiro daquilo que de alguma forma preenche lacunas, faltas. Silva et al. (2010) descrevem como a valorização das diferenças entre os parceiros. Na Figura 7, abaixo, Maurício relata o desejo de realizar eventos familiares que celebrassem datas importantes com as duas famílias reunidas. Durante o inquérito do PDE-Tema, ao ser questionado se esses eventos eram comuns na sua família, o participante respondeu:

Não. Só depois de adultos, quando nós filhos começamos a fazer. E depois que eu me casei com o meu esposo, pois a família dele tem esse hábito de cantar parabéns. Aí todo mundo se junta, come uma comidinha, toma uma cerveja e eu acho muito legal essas coisas. Na verdade, eu achava legal antes disso. Mas é muito bom saber que, pelo menos em um dos cantos, isso funciona (Maurício).

Figura 7

UP 3 do PDE-Tema de Maurício



A UP 3 de Maurício (Figura 7, acima) demonstra a influência da busca por complementaridade no parceiro. Uma característica buscada que não há na família: as socializações em grupo em momentos como festas e datas comemorativas. O fato do eu (ego) estar centralizado no desenho como o aniversariante indica um desejo latente sobre o pertencimento familiar. Trinca (2010) ainda destaca que o não uso de cores ao realizar os desenhos pode indicar dificuldade de acessar sentimentos profundos acerca do tema abordado. Ressalta-se aqui que todas as UPs deste participante foram construídas apenas com o uso de lápis de grafite e sem o uso de cores. O participante relatou ao ser questionado sobre o não uso de cores que era resultado da preguiça e por entender a ausência de cores como uma representação de memórias, situações passadas. Contudo, a Figura 7 representa um desejo futuro: a reunião familiar para comemorações.

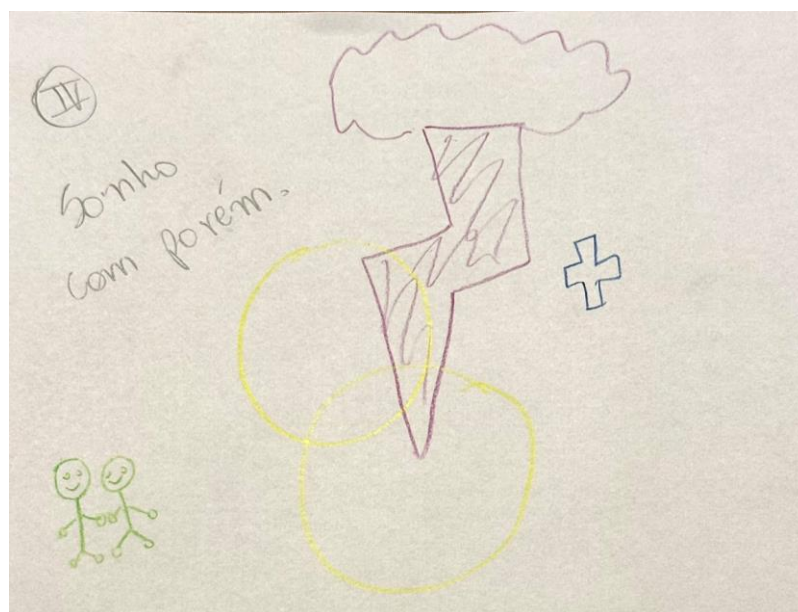
Com forte apelo religioso católico, a família de Alcides sempre priorizou os ritos e dogmas da igreja como norteadores dos seus caminhos familiares. Logo, tanto para Alcides

quanto para o seu irmão, havia uma projeção de expectativas heterocentradas: deveriam se casar com uma mulher e terem filhos.

O genograma sexual de Alcides (Figura 1) demonstra como as mulheres da família mobilizam as referências e as relações. Não apenas sobre os papéis de gêneros desenhados pelo processo de socialização por que passamos, a partir dos quais Zanello (2020a) define os dispositivos de gênero materno e afetivo, mas elas também foram as responsáveis por falar sobre sexo e homossexualidade na família. O que se entende hoje sobre educação sexual parte de uma premissa pedagógica e preventiva. Sua mãe e sua tia foram as primeiras pessoas a instruírem minimamente os homens da família sobre o uso de preservativos e sexo em diferentes contextos. Como era esperando de acordo com os papéis de gênero, às mulheres o celibato até o casamento; aos homens, a instrução para se casar, mas não a proibição da prática sexual. Tal ponto demonstra como a influência da família é constituidora de significados, mitos e legados para os seus membros.

Figura 8

UP 4 do PDE-Tema de Alcides



Ao contar a história durante o PDE-Tema (Figura 8, acima), Alcides descreveu um sonho de ter um tradicional casamento católico, já que a religião foi algo relevante ao realizar

a busca de um parceiro – aqui novamente fica evidenciada a busca por similaridade descrita por Silva et al. (2010). Durante o inquérito, Alcides relata:

Vejo que realmente é o nosso sonho fazer essa união ainda, morro de vontade de ter um casamento entrando no altar, fazendo toda a papagaiada, de festa, daminhas, padrinhos, enfim, mas é realmente algo que talvez possa fazer com os meus pais em vida ou em morte, não sei ainda. Desenhar direito essa situação, porque realmente vai ser um choque, um raio dessas ideologias a serem quebradas. Esse é um sonho de inspiração. Tenho muita vontade de fazer esse casamento dentro desses padrões (Alcides).

Trinca (2010) descreve que o uso de cores nos desenhos do PDE indica a profundidade dos sentimentos relatados ali. Foi evidente, durante a coleta dos dados do participante, que esse é um sonho importante para o casal e o desejo toca em partes sensíveis de suas vidas. A aprovação e aceitação da família estendida é algo relevante para ambos, mas a homofobia é um impeditivo não apenas no sistema familiar estendido, mas nos próprios dogmas da Igreja Católica.

A Relação Conjugal como um Fator de Proteção contra a Homofobia Familiar

Esta categoria explora um ponto comum mencionado pelos participantes da pesquisa: a homofobia intrafamiliar. Sá (2021), em pesquisa realizada com casais homossexuais (formados tanto por homens, quanto por mulheres), descreve um sentimento relatado pelos participantes como algo semelhante à aceitação parcial de sua família de origem. É um conservadorismo relativo, que aceita e até possibilita construir boas convivências com os parceiros e parceiras dos seus filhos, contudo, há limitações quanto à expressão de afeto e sinal de cuidados entre o casal.

Alcides relata, durante sua entrevista, que tem uma boa relação com sua família e que seu esposo participa de eventos sociais e datas comemorativas importantes como Natal,

aniversários e outros, contudo, sente-se limitado quando há alguma desavença com seus familiares:

Quando tem alguma uma briga familiar, alguma coisa assim, eles vão bem no meu ponto fraco que é “não te aceito do jeito que você é, mas eu respeito, mas não te aceito”. Então eu fico naquela, tipo, cara já faz quase dez anos. Eu tô num relacionamento, casado. E mesmo assim eles gostam de falar que não existe aceitação dentro do 100% que eu sou, sabe? (Alcides).

A fala acima transcrita da entrevista reforça os achados de Sá (2010). A aceitação parcial insere, dentro da rotina de convivência da família, um limitador e um sentimento de preterimento em relação aos irmãos heterossexuais, que estão dentro das expectativas das famílias de origem.

Borrillo (2010) define homofobia interiorizada (outros autores nomeiam de homofobia internalizada [Santana & Felizmino, 2026]) como o movimento de pessoas homossexuais incorporarem, mesmo que inconscientemente, os valores, preconceitos e violências da sociedade heteronormativa contra a homossexualidade, isto é, contra elas mesmas. Essa visão negativa de si interfere em como essas pessoas se posicionam no mundo e, sobretudo, como encaram o seu próprio processo de vida. Borrillo ainda relata que a homofobia interiorizada pode gerar sentimentos de ódio a si mesmo ou vergonha, culpa, ansiedade e baixa autoestima. Inclusive, o autor alerta para a incidência de comportamentos autodestrutivos, incluindo ideação e tentativa de suicídio. Esse processo de internalizar a homofobia é fruto de violências cotidianas, como piadas, insultos, agressões e rejeições. De maneira geral, a herança intergeracional que é passada entre as gerações é construída dentro de uma perspectiva heterocentrada com a hipervalorização dos símbolos representantes das masculinidades e com a cultura de negatizar tudo que se aproxima do que é feminino, incluindo a homossexualidade.

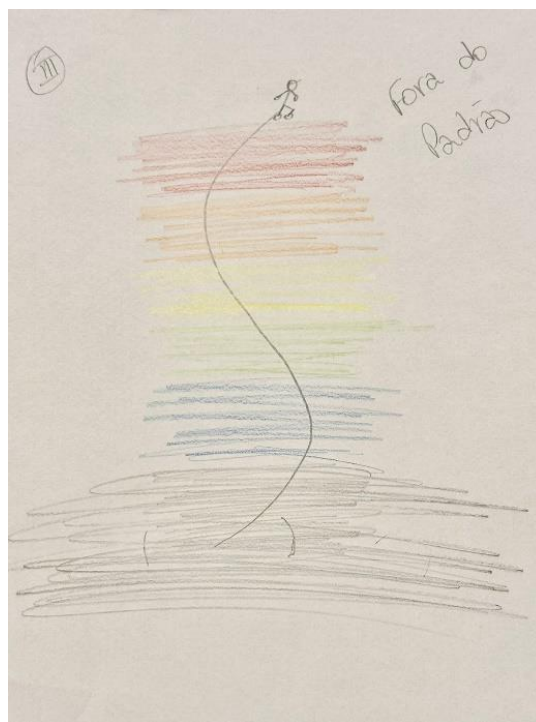
Outro tema relevante abordado por Alcides refere-se ao processo de revelação da sua sexualidade para os pais. Considerando que sua família se desenvolve dentro de um contexto católico fervoroso e tradicional, movimentos como o encaminhamento à psicoterapia e ao aconselhamento religioso foram feitos pelos seus pais. Alcides relata: “meus pais me mandaram para a terapia e para falar com um padre. O mais interessante foi que os dois me falaram que não tinha nada de errado comigo”. Borrillo (2010) destaca que procurar as causas da homossexualidade é uma expressão da homofobia. O fato de alguém ser destacado pela sua sexualidade exemplifica o movimento de comparar com algo “normal” e isso desenha a expressão não normativa como excepcional, um desvio.

A Figura 9, que exibe a UP 3 do PDE-Tema de Alcides, vem acompanhada com a estória:

Aqui eu quis representar a minha trajetória como pessoa mesmo. Saindo de um núcleo escurecido, um núcleo que eu não via luz. Eu sempre fui muito moldado de uma maneira que eu ficasse nessa escuridão, nessa viseira. Depois que fui me descobrindo uma pessoa mais colorida, mais iluminada do jeito que sou hoje. Eu tenho certeza do que sou. Não tenho dúvida que sou um gay feliz com o que eu criei, com o que eu concebi com a minha história. Logicamente que foi uma trajetória, nada daqui para cá, sempre foi uma construção. Sempre vi para frente. Nunca pensei em retornar para cá (mostra o lado escuro). Sempre quis seguir na minha verdade. Nunca pensei “ah, é tão difícil namorar escondido. Não seria mais fácil namorar uma menina para fazer a vontade dos meus pais?” Não. Sempre preferi estar nessa trajetória de ser quem eu sou, independente das dores que teria que carregar, das lutas que teria que enfrentar. Decidi sair de um... barreiras, colocar parênteses aqui (para representar as barreiras). (Alcides).

Figura 9

UP 3 do PDE-Tema de Alcides



Alcides relata uma trajetória e expressão de sentimentos semelhantes aos descritos por Borrillo (2010) e da Silva Oliveira Neto e Júnior Ferreira Moura (2023), que definem a “homofobia internalizada como um inviabilizador da vivência digna e integral de gays e lésbicas em uma sociedade heterossexista e homofóbica” (p. 13). O PDE-Tema de Alcides, especificamente a UP na Figura 9, demonstram os pensamentos de se adequar às expectativas dos pais para ter uma vida dita como mais fácil aos julgamentos sociais, mas se descreve como um “gay feliz com o que eu criei” (Alcides).

A Figura 9 ainda representa um marco importante do desenvolvimento de resiliência. Poletto e Koller (2008) entendem que o enfrentamento de crises pode ser um fator gerador de resiliência, pois o uso de ferramentas próprias para o enfrentamento das adversidades pode fazer com que novas e criativas formas sejam desenvolvidas ou até aprimoradas. Claro, não estamos falando de uma forma romantizada acerca da rejeição familiar vivida por Alcides, Pe.

Aranha, Fortunato, Antônio e Maurício, mas a superação dos episódios de homofobia dentro da família, mesmo deixando marcas, possibilitou que esses homens construíssem novas formas de estar e existir no mundo. E essa capacidade de resiliência é algo a se destacar.

Marcada por muitas relações violentas em sua família estendida, Pe. Aranha relata episódios de violência sexual praticada por irmãos mais velhos e homofobia direta por seu pai. É possível observar, no genograma (Figura 3), a perpetuação dessas violências com o comportamento dos irmãos agredindo suas esposas e praticando violência sexual. Aranha descreve situações difíceis e relata superação com o decorrer do seu desenvolvimento ao adquirir maturidade. Contudo, como é possível enxergar no genograma, há a perpetuação de padrões violentos, homofóbicos e conflituosos na família. McGoldrick et al. (2020) detalham que a complexidade do genograma precisa ser considerada no momento de sua construção. Observa-se, na Figura 3, que o genograma da família de Pe. Aranha é complexo e numeroso. A escolha metodológica utilizada pelos pesquisadores versou sobre as interações com o participante da pesquisa. Por exemplo, identificou-se que o padrão de comportamentos homofóbicos e machistas partem do pai – aqui fazemos um adendo de que as raízes desses valores provavelmente transcendem aos registros do genograma, mas o participante não tinha informações detalhadas de gerações anteriores aos pais – e são reproduzidos pelos filhos do primeiro e do segundo casamento do genitor.

Pe. Aranha relata vários casos de violências cometidas pelos irmãos contra suas esposas, além, claro, da violência sexual cometida pelos irmãos mais velhos contra ele. A repetição desses padrões pode ser enxergada em diversas gerações e essas manifestações não necessariamente ocorrem de forma linear. McGoldrick et al. (2020) exemplificam que filhos de pais alcoolistas podem não consumir álcool, mas os netos podem se tornar adictos à substância. Nos atendo aos objetivos deste trabalho, esse ponto da violência sexual foi

acolhido durante a entrevista, mas não explorado por questões éticas e de cuidados com o participante.

É possível identificar, no genograma de Pe. Aranha, que ele possui pouca proximidade afetiva com sua filha, mesmo, na entrevista, o relato ter caminhado para o desejo de tê-la criado sozinha:

Na minha cabeça, antes, quando eu era mais novo, eu sempre quis ter uma filha mulher. Aí tive, Deus me deu o privilégio de ter, mas, na minha cabeça, eu queria ela só para mim. Mas eu queria eu sozinho criar. Ela ter a neném e ter me dado para criar sozinho e viver minha vida. (Pe. Aranha)

Há um claro desejo de compensar a segurança nunca recebida dos pais em relação aos episódios de violência já descritos e o desenvolvimento de resiliência familiar que McGoldrick et al. (2020) descrevem. Segundo os autores, é a resiliência da família que possibilita sua sobrevivência e continuidade. A resiliência é o fruto dessas interações dinâmicas das características individuais – as ferramentas e os instrumentos aprendidos no curso de seu desenvolvimento – e a complexidade do ambiente em que a pessoa vive (Cowan & Cowan, 1996; Poletto & Koller, 2008).

É na continuidade na busca dos sonhos e objetivos relatados por Pe. Aranha, apesar das profundas violências vividas, que reside a resiliência relatada Cowan & Cowan (1996) e Poletto & Koller (2008). A constituição de uma nova família, o cuidado com a filha, o fortalecimento de relações familiares que funcionam como um alicerce de apoio e, sobretudo, na visão de que o seu esposo ocupa um papel de porto-seguro em sua vida.

As Figuras 10 e 11 demonstram as UP 2 e 4 do PDE-Tema de Pe. Aranha. Nelas, há a expressão de como a relação é constituidora de segurança para ambos.

Figura 10

UP 2 do PDE-Tema de Pe. Aranha



Em sua história sobre a Figura 11, ele descreve como sendo o melhor momento do dia a chegada em casa com o esposo:

Esse desenho, a gente, eu e meu esposo, a gente chegando do mercado.

Geralmente vamos ao mercado já quase de tardezinha. E a gente gosta de fazer compra juntos. A gente só faz as coisas juntos. Sempre estamos juntos. É o representativo e família. Estamos sempre unidos os dois. (Pe. Aranha)

O casamento é uma das mais complexas etapas do ciclo de vida familiar (Carter e McGoldrick, 1995). As pessoas comumente enxergam no casamento a resolução de todos os graves problemas enfrentados nas famílias de origem, mesmo que eles não se resolvam dessa forma. Uma das expectativas dos casais é que sentimentos como solidão e abandono desapareçam com a nova relação.

Nichols e Schwartz (2007) destacam que casais homossexuais enfrentam os mesmos desafios que casais heterossexuais como tristezas, confusões, anseios e adaptações. Contudo, além desses desafios comuns, casais homossexuais passam por caminhos de vivências

violentas como a rejeição da família de origem após a revelação de sua sexualidade, experiências pelas quais casais heterossexuais não passam. Essas fortes pressões podem gerar isolamento, estresse e ciúmes entre os parceiros.

Figura 11

UP 4 do PDE-Tema de Pe. Aranha



Como outro fator de proteção da relação e da homofobia na família, destacamos o recorte de renda. O primeiro destaque é sobre a facilidade de encontrar participantes autodeclarados brancos, pretos ou pardos dentro da categoria A1 e B1, níveis mais altos de renda. Os pesquisadores receberam a maior parte de interessados em participarem da pesquisa dentro dessa faixa. A maior dificuldade encontrada no decorrer da procura de voluntários foi por participantes das categorias A2 e B2.

Ou estavam fora do recorte temporal de pelo menos cinco anos de relação ou estavam dentro de uma faixa de renda alta. Allan (2016) salienta que homens gays tendem a investir em carreira, dinheiro e em corpo a fim de construírem a noção de segurança e aceitação que não recebiam em suas famílias de origem.

Situação próxima ao que Allan (2016) constatou foi identificada durante a entrevista. Alcides relata que a aquisição de um imóvel próprio como a construção de noção de segurança para o casal:

Então vamos continuar daqui para frente com outros projetos para que a gente consiga alcançar aquele projeto, tanto é que veio a ideia de comprar uma casa, que a gente morava em um apartamento alugado, então vamos partir então por um passo a mais, vamos comprar uma casa, porque aí comprando uma casa temos aí quarenta anos para pagar essa casa (Alcides).

Fortunato também relata que ao sair de casa para estudar em outra cidade e depois o fato de morar junto com o esposo em área nobre proporciona a noção de segurança que antes não tinha. Ressalta-se aqui que a questão financeira não é um fator de segurança exclusiva para casais homossexuais, mas funciona de forma particularmente estruturadora para que estes homens possam vivenciar de forma segura e plena sua identidade homossexual, conforme Allan (2016) especifica.

O Machismo e o Racismo Estrutural como Fatores de Risco da Relação

Esta categoria explora a influência e as consequências do racismo estrutural e do machismo na construção da relação conjugal. O Brasil é um país de dimensões continentais e marcado pela desigualdade social, racial e de gênero. Zanello (2020a) demonstra, em estudos sobre masculinidades e os dispositivos de gênero, que a nossa socialização se dá diante de dois pilares importantes: o racismo e o machismo.

Para os homens é ensinada a virilidade, hipervalorização da ereção, força, violência e dominação (aqui se inclui o aspecto financeiro), ou seja, o extremo de tudo que é desenhado em relação aos papéis do gênero feminino: cuidado, sensibilidade, delicadeza, fragilidade, expressão de sentimentos e outros. Estar próximo do que é considerado feminino é motivo para que a sexualidade seja questionada. Nesse sentido, não apenas homens homossexuais que

sofrem homofobia, mas qualquer homem que, de alguma forma, não performe o que é esperado para seu gênero.

Uma relação conjugal formada por dois homens pressupõe o ajuste e equilíbrio de duas masculinidades que são, em sua origem, dominantes (Zanello, 2020a; Welzer-Lang, 2001). A Casa dos Homens (analogia de Welzer-Lang [2001] já explorada na introdução teórica deste trabalho) pressupõe um topo dominante e como casais formados por dois homens equilibram isso? Seria como pensar o que o dito popular fala sobre “onde canta o galo, não canta a galinha” (autoria desconhecida).

Diferente do que o senso comum dita sobre a homoconjugalidade, os desafios desses casais são próximos aos de casais heterossexuais (Nichols e Schwartz, 2007). Acordos, ajustes, flexibilidade e parceria são necessários para a constituição de qualquer tipo de relação. Meletti e Scorsolini-Comin (2015), em pesquisa realizada com casais homossexuais, demonstram que a “constituição da família se dá baseada no respeito, companheirismo, amor e lealdade” (p. 46). Resultados como esse foram descritos por muitos estudiosos sobre casais e famílias como Silva et al. (2011), McGoldrick (2016), McGoldrick e Shibusawa (2016), Andolfi (2019) e McGoldrick (2020).

Homens aprendem a serem homens com outros homens. É a prática do conceito de herança intergeracional com a perpetuação desses comportamentos (Boszormenyi-Nagy e Spark, 2012; Falcke e Wagner, 2014). Outros homens de gerações anteriores transmitem esses comportamentos que, em conjunto, formam o que é esperado para o roteiro do papel de gênero masculino a fim de que ocupem seu local na dinâmica da Casa dos Homens (Welzer-Lang, 2001).

Há de se considerar, ainda, o atravessamento do espaço e do tempo em que vivemos. As novas demandas sociais exigem que certos comportamentos sejam adaptados. Isso vale dentro da ótica da evolução ética e moral e das violências machistas e misóginas. Duarte et al.

(2025) discutem sobre a adaptação do discurso misógino dentro das modernidades tecnológicas atuais. Para os autores, que pesquisaram sobre o movimento misógino dos *redpills* – analogia retirada da trilogia de filmes Matrix, na plataforma *Reddit*, esse tipo de espaço virtual funciona como um reforçador e formador de homens que se identificam por compartilharem sentimento de frustração, rejeição e insegurança com o seu próprio corpo.

Os espaços virtuais continuam ainda seguindo a lógica da Casa dos Homens, onde os participantes funcionam como uma importante rede de apoio entre eles. Vale destacar novamente o que já foi dito na introdução deste trabalho: homens homossexuais são homens e, portanto, não estão isentos de praticarem machismo e a rejeição do feminino (Baére et al., 2015).

Zanello (2020b) destaca que, para homens, a variabilidade de parceiros sexuais é um reforçador de suas masculinidades. Isto é, quanto mais parceiras – o estudo da pesquisadora foi realizado com homens heterossexuais – mais macho, mais homem. A lógica pode ser aplicada a homens homossexuais, considerando que o processo de socialização como homem precede até a descoberta e exploração da própria sexualidade.

Alcides relata que sente muito mais desejo sexual que o seu marido, pois o uso de psicotrópicos afeta a libido do parceiro. Isso faz com que ele adote estratégias para estimular e praticar sexo com o parceiro. Inclusive, a possibilidade da abertura da relação foi levantada com o objetivo de explorar novas formas de se relacionar:

Querendo ou não, a medicação inibe um pouco a libido dele, não me procura mais, mas eu tento ao máximo me expressar do desejo, então sempre eu falo: “olha, eu tô com uma vontade de transar e tal, vê aí como é que tá se você também está com vontade, está com esse desejo”. (Alcides)

A fala evidencia a constatação apresentada por Zanello (2020b) quando Alcides relata ser bem mais sexual que o esposo, mesmo que neste momento influenciado pelo uso de

psicotrópicos. Isto é, segundo o participante, ele procura mais por sexo que o marido.

Inclusive, Alcides relata que tem pensado sobre discutir com o marido acerca da possibilidade deles se relacionarem sexualmente com outras pessoas.

Eu vou chegar hoje para o meu marido e falar, vamos abrir um relacionamento hoje? Ele vai falar, mas por quê? De onde veio essa ideia? Por que agora? É uma ideia nova. Posso vir construindo, posso vir mostrando novos olhares. Pode ser construído (Alcides).

A variabilidade de parceiros sexuais parece reforçar as masculinidades dos participantes. Dos cinco participantes entrevistados, apenas Maurício revelou que, no que se refere ao sexo, a relação com o marido era suficiente para saciar o desejo dos dois e que não há, no momento, qualquer debate acerca da participação de outros homens para práticas sexuais ou até casos de relações extraconjugais.

Maurício descreve a necessidade de em certo ponto da sua vida se reunir com outros homens para construir sua identidade. Em seu relato, há o destaque que se relacionou durante boa parte da sua vida apenas com mulheres lésbicas e isso de alguma forma o limitava para conhecer sobre sua sexualidade, identidade como homem e sobre o universo gay.

Começa ali em 2020, eu muito sozinho durante essa parte de vida adulta, então eu senti a necessidade de participar de um grupo, porque eu via que dentro de um grupo eu conseguia ser um pouco mais sociável, conseguia ter alguma coisa que conectasse. Então eu fui atrás de um grupo de futebol, um grupo de vôlei, que todos fossem gays, de preferência, para eu meio que me enturmar, me inteirar, me atualizar também. E aí eu conheci esse grupo e foi um momento muito feliz da minha vida, foi um dos momentos muito felizes da minha vida ter encontrado esse grupo, porque eu me senti pela primeira vez parte da cultura gay, consegui entender muitas coisas que para mim faziam, eu tinha muita dúvida.

Homens se socializam com outros homens. Essa é a premissa da dinâmica da Casa dos Homens de Welzer-Lang (2001). Zanello (2020a) reflete sobre que homens direcionam afeto a outros homens, enquanto às mulheres é esperado o cuidado, alívio sexual e submissão.

Outro ponto relevante é que o referencial de masculinidade apontado pelos participantes apresenta reflexões acerca dos tradicionais papéis de gênero. Fortunato, por exemplo, enxergou no pai uma figura de afeto e cuidado, já que sua mãe precisou assumir temporariamente a função de mantenedora financeira da família em decorrência de um processo de adoecimento do marido.

Alcides relata que inicialmente seu pai ocupava este lugar de referência masculina, contudo, com a maturidade e experiência de vida, entendeu que ser homem vai além do que aprendeu sobre o papel de chefe provedor da família. Antônio traz uma fala racializada e gendrada acerca dos papéis de gênero definidos no processo de socialização como estáticas: o homem é o provedor e a mulher é a promotora de cuidado (Zanello, 2020a). Antônio constrói histórias no PDE-Tema sobre mulheres fortes, provedoras e chefes de família, logo, fora desse papel idealizado e romantizado de fragilidade e com pouca voz ativa. Pe. Aranha procurou outro referencial de homem em sua família e indicou como ocupante desse lugar um irmão. Características sobre cuidado, carinho e proteção da família foram elencadas como motivadoras para receber esse título. Tal movimento vem por não ter recebido cuidado e afeto do pai, afinal, como já explorado em categoria anterior, este foi um vetor de fortes violências de gênero e homofobia.

Outra característica identificada nas entrevistas foram as diferentes formas de vivenciar as suas masculinidades. Cicco (2020) traduziu a obra *Homosexual Categories: Some Research Problems in the Labelling Perspective of Homosexuality*, do sociólogo Ken Plummer, que investigou categorias homossexuais e problematizou conceitos importantes. Já é explorado na literatura que a homofobia é resultado direto do machismo, isto é, dentro dessa

perspectiva teórica, a defesa das masculinidades hegemônicas – dominantes – consiste na recusa de tudo aquilo que não é genuinamente masculino: misoginia, machismo e homofobia (Borrillo, 2010; Welzer-Lang, 2001; Zanello, 2020a; Zanello, 2020b). Dentro dessa dinâmica, a defesa pela posição hegemônica e hierárquica na Casa dos Homens é um movimento constante deles. Criticando essa ideia, o sociólogo destaca que processo de socialização desses homens, iniciado com o nascimento e reforçado pelas experiências na infância, restringem possibilidades, contudo, a vida adulta as transcende construindo novos caminhos para que a identidade masculina seja redesenhada (Cicco, 2020).

Os papéis de gênero passam por transformações no decorrer do tempo e novas formas de estar e existir no mundo são pensadas. Lima e Couto (2022), em pesquisa realizada sobre o consumo de pornografia digital por homens gays, levantam uma importante reflexão acerca dessas mudanças. Enquanto, no século passado, a prática sexual era transformada pela chegada dos telefones celulares, carro e pílulas anticoncepcionais, que possibilitaram que o sexo fosse desvincilhado do casamento e da religião; neste século, a internet transforma o modo não apenas de se procurar relações, mas como elas são performadas e exibidas no contexto social.

Historicamente oprimidos pela estrutura patriarcal e ocupando uma posição subalterna na hierarquia das masculinidades (Welzer-Lang, 2001), homens homossexuais são ensinados desde cedo que o comportamento heterossexual, tanto na performance, quanto no desejo é o correto e toda dissidência desse ponto é condenada.

Mesmo que Cicco (2020) construa uma linha de raciocínio de que, na fase adulta, é possível ir por outro caminho, esses modelos ensinados durante as primeiras fases do desenvolvimento são mobilizadores de visões de si e do mundo. Os movimentos de militância gay reforçam que homens homossexuais são seres distintos, criando seus próprios espaços de socialização gay e identidades de referência. Contudo, a dinâmica desses grupos passa a ser

controlada pelos próprios rotulados. Isso, de fato, é um avanço no reconhecimento dessas representações sociais, mas o funcionamento da dinâmica de grupo não é diferente de qualquer outro.

A estigmatização dessas pessoas rotuladas como gays e a consequente desvalorização da sua existência e identidade é constantemente reforçada por estruturas patriarcais que objetivam manter os seus privilégios. Aqui retornados à hierarquia da Casa dos Homens, local social em que o topo é habitado por um homem heterossexual, branco e pertencente à elite (Welzer-Lang, 2001).

A identidade humana não é estática e congelada, pelo contrário, é negociada e transformada no decorrer da vida. O que aprendemos quando criança nos guia de forma interpretativa para o futuro, mas não nos condiciona de forma fatalista. Da mesma forma que a cultura é viva e nos atravessa, somos os responsáveis por construir a própria cultura (Cicco, 2020).

Antônio em sua primeira produção relata e reforça essa nova forma de existir no mundo (Figura 12 abaixo). Ao contar a história, reflete sobre os caminhos que ele e o esposo já percorreram nos quase cinco anos de relação:

De mãos dadas, olhando para o horizonte e para os caminhos que vão vir, para as estradas que vão construir. Lutando por uma família diversa, mas por uma família que existe, que é válida até mesmo na nossa sociedade que tenta aniquilá-los e dizer que não é válido, mas que estão de mãos dadas lutando para o melhor. (Antônio).

Figura 12

UP 1 do PDE-Tema de Antônio



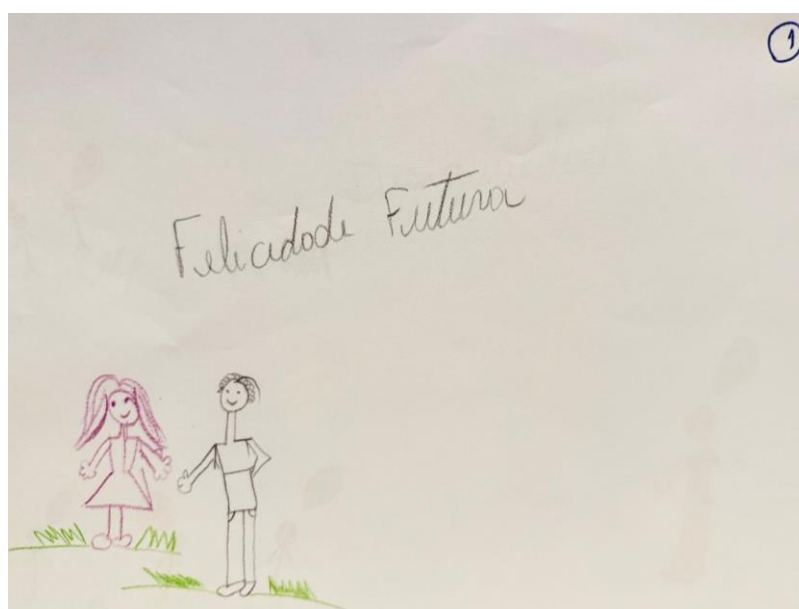
A própria existência é construída no cotidiano, já que a aceitação e consolidação de espaços sociais para homens gays não surge pronta, pacífica e totalmente privilegiada como é para os homens heterossexuais. Isto é, a própria vivência de suas masculinidades passa por transformações importantes. Os resultados encontrados na pesquisa não apontam para um caminho explicitamente machista e misógino, contudo, é necessário destacar que o processo de socialização que recebemos é marcado pelo machismo, racismo e misoginia e todos nós nos desenvolvemos dentro desse contexto social (Zanello, 2020a). O machismo impera na vivência de homens por meio da sua independência no processo de tomada de decisões. O privilégio masculino consiste em pensar pouco nas consequências desde que isso não impacte o seu ideal de masculinidade.

Pe. Antônio, ao se divorciar do seu primeiro casamento com uma mulher, perdeu o contato próximo com a filha da forma como ele imaginou que teria. A UP 1 (Figura 13, abaixo) de Aranha descreve a cena dele e de sua filha e vem acompanhada da fala: “Ai eu vivi dez anos e separei e a menina ficou. Tenho contato, mas não é da mesma forma que eu queria

que fosse” (Pe. Aranha). A facilidade de constituir outra família e perder o contato próximo com os filhos seria facilmente aceito e oportunizado a uma mulher? Aqui podemos rapidamente citar o dispositivo materno (Zanella, 2020a), que ensina a mulheres o seu papel de cuidado e que, em decorrência disso, diminuiria a possibilidade de escolha voluntária por esse caminho.

Figura 13

UP 1 do PDE-Tema de Pe. Aranha



O racismo, outro pilar do nosso processo de socialização, é outra intersecção importante para o escopo dessa pesquisa. A investigação da interseccionalidade não apenas da renda, mas da raça na constituição desses casais. Para o recorte desta pesquisa, Antônio e Pe. Aranha foram selecionados por se autodeclararem como pretos/pardos e por pertencerem a faixas de renda diferentes. Para procedermos uma discussão contextualizada, vale resgatar que Antônio possui nível superior completo, pós-graduação e renda na categoria B1. Pe. Aranha possui nível médio completo e renda na categoria B2. Do ponto de vista do conteúdo coletado e analisado, apenas Antônio apresenta um discurso com letramento racial evidente não apenas

nos PDE-Tema, mas nas histórias elaboradas e nos discursos manifestados durante a entrevista narrativa.

Figura 14

UP 3 do PDE-Tema de Antônio



A Figura 14 (acima) retrata a família tradicional brasileira: branca, elitista, religiosa cristã, heterossexual. Na fala de Antônio, um discurso racializado surge de forma evidente:

Essa é a família tradicional brasileira diante de tudo que estamos conversando aqui. É a família branca, heteronormativa, é a família do padrão a ser seguido, mas difícil a ser alcançado. A mulher bela, recatada e do lar. É o pai presente, família composta pela mulher e os filhos. Mas é uma família que tem dinheiro, tem fé, muita fé em Deus e que está acima dos mortais. E que é um padrão que vem ainda sendo colocado como normal na nossa sociedade (Antônio).

O letramento racial não é automático e funciona como um processo de aprendizagem. Twinen e Steinbugler (2006), sociólogas norte-americanas, definem essa aprendizagem como um conjunto de práticas, isto é, não se trata de um curso formal para ensinar temas

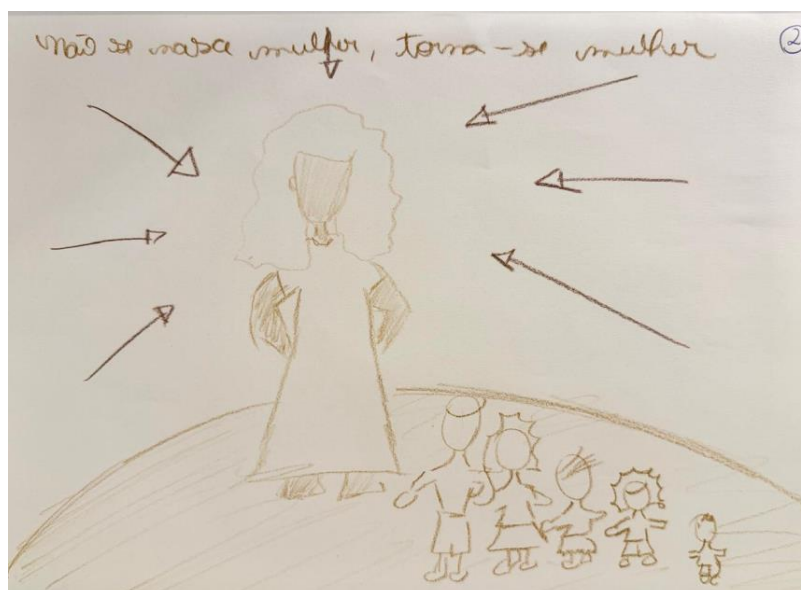
relacionados ao racismo. Trata-se de um exercício que não se dá apenas pelo recebimento de instruções, mas com a vivência daquilo que precisa ser aprendido. As autoras incluem alguns critérios para o letramento ser identificado:

- 1) O reconhecimento do valor simbólico e material da branquitude; 2) A definição do racismo como um problema social atual, e não como um legado histórico; 3) A compreensão de que as identidades raciais são aprendidas e constituem um resultado de práticas sociais; 4) A posse de uma gramática racial e de um vocabulário que facilite a discussão sobre raça, racismo e antirracismo; 5) A capacidade de traduzir (interpretar) códigos raciais e práticas racializadas; 6) Uma análise das formas pelas quais o racismo é mediado por desigualdades de classe, hierarquias de gênero e heteronormatividade. (Twinen e Steinbugler, 2006, p. 344)

Antônio apresenta em sua fala todas as características levantadas pelas autoras. Em sua UP 2 do PDE-Tema (Figura 15), demonstra como a intersecção de raça, gênero e renda compõe sua visão de mundo:

Figura 15

UP 2 do PDE-Tema de Antônio



Durante o processo de inquérito, o pesquisador questionou quem seria a mulher retratada na UP e Antônio respondeu: “pra mim, várias mulheres. Diante do público que atendo. É a mulher periférica, a mulher negra. Uma mulher pobre. Reflete essa mãe sobrecarregada.” (Antônio). O participante ainda complementa com a UP 5 do PDE-Tema intitulada “Fomilha” (Figura 16). Na estória, Antônio retrata famílias em situação de rua como invisibilizadas, inexistentes para a sociedade. E ressalta que todas as famílias merecem reconhecimento e dignidade.

Figura 16

UP 5 do PDE-Tema de Antônio



Antônio demonstra a forte influência da sua família de origem na constituição da sua imagem como um homem negro. Seu processo de letramento racial pode ser entendido como um resultado de reflexões no decorrer da sua vida, além do seu nível de escolaridade declarado e renda. Contexto diferente de Pe. Aranha que não possui nível superior e tem uma renda familiar significativamente menor.

A Não Monogamia como um Fator de Proteção da Relação

As novas formas de se relacionar afetivamente e sexualmente ganham fôlego com o avanço da sociedade (Wahba & Simão, 2020). O que era visto puramente como imoral e pecado dentro do viés cristão que valoriza o sacrifício e a monogamia (Foucault, 1984; Santana, et al., 2024; Zanello, 2020a), hoje passa a ser relativizado e mais aceito em alguns aspectos. A não monogamia passa dividir o espaço com a clássica configuração familiar formada por duas pessoas, sobretudo por homem e mulher. Esta categoria discutirá como a não monogamia – conceito aqui usado conforme Nuñez (2023) propôs como uma forma mais abrangente de se referir a relações conjugais em que mais de duas pessoas se relacionam afetiva e sexualmente – funciona como um fator de proteção para as relações afetivas objeto desta pesquisa. Esse ponto foi explicitamente abordado pelos participantes, sendo que Fortunato, Alcides, Pe. Aranha e Antônio afirmaram que já aceitam se relacionar sexualmente com outras pessoas ou pretendem adaptar o contrato conjugal para que essa seja uma prática vivenciada pelo casal.

Juntos há cerca de 10 anos, Fortunato relatou uma crise importante em sua relação. Seu esposo teve acesso a mensagens de cunho íntimo em que ele relatava, para um amigo, vivências sexuais antigas, pregressas ao seu relacionamento. Passaram por turbulência e término nessa fase, mas a situação só se resolveu quando o marido teve uma relação extraconjugal, o que foi entendido por Fortunato como um “troco”. Tal situação o motivou a refletir sobre o futuro da relação e sobre como poderiam lidar com aquilo, considerando que acreditava no futuro da relação. Eles decidiram continuar juntos a partir de novos acordos, segundo os quais os dois seriam honestos um com o outro. Hoje descreve a relação como estável e relata que acredita ter uma separação nítida entre o amor e o desejo sexual e que pretende negociar com o marido a inserção de outras pessoas para atividades sexuais.

Por que que não pode ser uma parceria, por que que não pode ser uma amizade? Por que que, já que a gente acha o mesmo cara bonito, ou tem desejo pela mesma pessoa, por que que não pode também ser uma conjugalidade nossa que a gente está vivendo juntos dentro dessa relação? Então eu comecei a questionar um pouco isso (Fortunato).

A fala de Fortunato corrobora os achados de Zanello (2020a, 2020b) sobre os estudos das masculinidades hegemônicas. Homens são socialmente ensinados à liberdade – inclusive sexual, enquanto, para as mulheres, destaca-se a discrição e pudor. Zanello (2020a) destaca que a poligamia não consentida é permitida aos homens, enquanto mulheres devem se manter dentro da relação com apenas um parceiro.

Wahba e Simão (2020), em pesquisa realizada com homens e mulheres heterossexuais, demonstram que, mesmo com a evolução dos papéis de gênero, o que é considerado tradicional ainda é um ponto fortalecido nas relações. Mulheres ainda se sentem julgadas por se relacionarem sexualmente de forma livre, enquanto homens sequer enfrentam questões e sentimentos como medo do julgamento e culpa.

Fortunato reforça o achado de Wahba e Simão (2020) acerca da clara distinção entre amor e sexo vivenciada por homens. Além dessa clara distinção, homens também tendem a procurar relações casuais para a prática sexual:

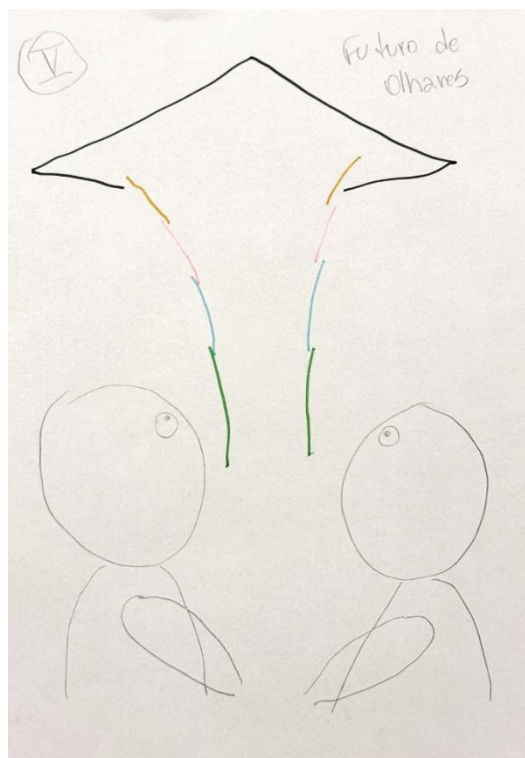
Porque hoje eu enxergo que o desejo está para além do meu parceiro. Sempre enxerguei, mas hoje, para mim, tem muito mais segurança. E que o fato disso acontecer não quer dizer que a nossa relação não existe, que ele não me ama mais ou que eu não amo mais ele, enfim tudo, todo... essa formação de regra que tem você consegue então enxergar uma diferença entre desejo e afeto. Sim (Fortunato).

Alcides também relata um processo semelhante quanto à negociação junto ao parceiro sobre o sexo com outros homens sem que isso afete a relação. A Figura 17 demonstra a UP 4

do PDE-Tema de Alcides e nela o participante reflete sobre as possibilidades futuras do casamento. São incluídas as novas formas de relação e, sobretudo, a negociação de uma possível abertura para outras pessoas; isto é, a questão já está presente nas discussões do casal.

Figura 17

UP 4 do PDE-Tema de Alcides



Do jeito que está, está feliz atualmente, mas também nada que não possa mudar lá na frente. Tem um que o desejo sexual pode decair por um período, outro continuar numa levada de querer e isso a gente repensar lá na frente a questão da monogamia. Tanto que temos vários amigos que tem relacionamento aberto e conversamos muito sobre isso. E eles conversam com a gente sobre relacionamento fechado. Temos bastante essa troca. Novos tipos e formatos de casamento. Temos casais começando agora e casais com muito mais tempo que a gente. Estamos sempre de olho, pegando o

que funciona para nós e talvez e a gente fala “talvez seja interessante a gente aderir a esse tipo de relacionamento de casal” e olhar para outro e falar “não vai funcionar nunca esse tipo de relacionamento pra gente”. E sempre procurar uma evolução que a gente consiga sempre estar mais confortável (Alcides).

Essa fala de Alcides mostra que o nível de negociação no casal já está avançado para além de uma mera ideia, como apontou Fortunato. Ele entende, ainda, que é essa capacidade de diálogo que possibilita ao casal ajustar esse tipo de possibilidade:

Eu vejo muito essa questão da conversa. Eu acho que a gente, tendo essa abertura de sempre conversar quando não tá bom ou quando tá bom, sempre é mais importante conversar com o nosso parceiro do que buscar informações extras e jogar na mesa sem a outra pessoa estar sabendo de nada (Alcides).

Pe. Aranha e Antônio já avançaram nesse ponto e vivem relações em que há a prática sexual com outros homens. O uso da estratégia de uma relação não monogâmica veio com o objetivo de trazer mais honestidade para a relação. Pe. Aranha relata que encontrou conversas íntimas entre seu marido e homens em aplicativos de relacionamento:

Passou um mês, dois meses. Do terceiro para o quarto mês, ele conversando em aplicativo e eu não tinha aplicativo essas coisas de relacionamento e ele tinha já e eu não sabia, eu nunca mexi no celular dele e ele também nunca mexeu no meu, ele tinha a privacidade dele e eu tinha a minha, aí foi que eu acabei descobrindo uma traição da parte dele (Pe. Aranha).

Ao descobrir a traição, o casal passou por um término temporário e reataram após uma conversa sobre limites e novas regras.

Ele pegou e chamou para conversar, eu falei: não, a conversa é a seguinte, a gente conversou, falei, a minha conversa com você é o seguinte, a gente pode até voltar, mas a partir do momento que eu falar que a gente voltou, o relacionamento é

aberto. Se você não quiser, eu vou viver a minha vida, porque na cachorrada não. Não vou falar que é fechado e eu virar as costas e você botar homem dentro de casa ou ir correr atrás de outro no meio de rua. Não aceito. Se é fechado é fechado. Se é aberto, bora para pegar os dois (Pe. Aranha).

Segundo Pincus e Dare (1981), em relacionamentos longos, pode haver complementaridade das necessidades e medos. Pe. Aranha relatou ter sofrido notáveis violências físicas, psicológicas e sexuais. Tais acontecimentos no curso de seu desenvolvimento deixam marcas que podem criar uma necessidade de segurança e previsibilidade em suas relações. A constituição de um lar seguro, com regras claras, previsíveis, afeto e acolhimento são pontos primordiais para uma relação.

Na conjugalidade, os parceiros revivem situações ocorridas em suas famílias de origem e que podem evocar as mesmas respostas aprendidas com essas situações. Os acordos implícitos e inconscientes feitos pelo casal a fim de sanar as necessidades dos parceiros podem elaborar vivências infantis ou até construir novas soluções para antigas questões (Pincus & Dare 1981).

Bowen (1966, 1993; Nichols e Schwartz, 2007) também contribui para explicar o mecanismo de projeção que o casal tende a realizar para se manter unido. Para o autor, esse processo de projeção acontece quando os pais transmitem aos filhos a sua pouca ou nenhuma diferenciação do Self. Essa fusão emocional no casal tende a criar conflitos ou distância emocional. Pe. Aranha cresceu em um lar instável e violento e a busca por um parceiro que proporcione algo diferente disso é uma característica da complementaridade do casal. Isto é, buscar um ambiente seguro, afinal, a insegurança e a violência eram cotidianas. O autor ainda contribui que, quanto maior a diferenciação do self, maiores serão as chances da pessoa se regular emocionalmente e tomar decisões independentes daquilo que é vivenciado com os pais e irmãos na família de origem (Bowen, 1963, 1993; Nichols e Schwartz, 2007).

E, por fim, trazemos Antônio como um exemplo de como as novas configurações familiares e acordos conjugais claros na relação podem construir diferentes caminhos na conjugalidade. O participante relata acreditar que a abertura da relação para que ambos pudessem ter relações sexuais contribui para a longevidade do casal. Isto é, a possibilidade de praticarem sexo com outros homens possibilita que a relação não enfrente término por motivos de traição ou até ciúmes.

Tavora (2009) apresenta dois importantes pilares para o casamento. O primeiro deles é o contrato emocional, que é definido como algo não explícito e parte inconsciente que define como o casal performa seus papéis e se relaciona no cotidiano. O segundo é o código de ética, instrumento que objetiva reunir as regras que regem a conduta dos cônjuges. É, nesse código, que os limites são traçados, os tratamentos são definidos e a comunicação é acertada.

Antônio e Alcides se definem como mais sexuais (com mais desejo sexual) que seus maridos e isso, de alguma forma, mobiliza o comportamento deles na relação no quesito sexo. Para Alcides, o código de ética é sinalizar para o esposo que quer sexo. Isso é feito com convites para jantar ou até saídas para baladas e festas. A partir dessas interações, o espaço é preparado para o sexo, já que a relação ainda segue o modelo monogâmico, conforme já explorado anteriormente.

Já Antônio está em uma relação não monogâmica e vê a prática sexual com pessoas fora do casamento como uma forma de se aliviar e de proporcionar mais tempo ao marido para se dedicar em outros pontos da vida, como estudo e carreira: “Eu sou mais aberto, eu sou mais sexuado, entendeu? E ele tá na fase que ele já tá mais focado nos estudos, então ele já não, entendeu? Tipo, então ele não tá tanto, assim, aberto de sua mente, entendeu?” (Antônio).

Acerca do código de ética descrito por Tavora (2009), Antônio e seu marido acordaram que:

A gente pode ficar com caras que a gente vai beijar, que a gente, né, que a gente pode acontecer, que a gente mais, que seja ali mesmo com responsabilidade emocional, mas assim, a gente não quer ferir nosso relacionamento (Antônio).

Dentro das regras construídas por eles, há uma clara divisão entre sentimento e desejo sexual. Não deve existir envolvimento além do sexo, que deve ser sem compromisso. E, claro, o diálogo é constantemente reforçado como uma estratégia de manutenção desses acordos e regras. A temática do diálogo – acordos do código de ética conjugal – também surge nos discursos de Fortunato, Alcides e Maurício.

Antônio compara seu relacionamento atual com o anterior como forma de exemplificar que a não monogamia adotada pelo casal atua como um importante fator de proteção para a relação de modo a contribuir para que o casal continue junto. Segundo o participante, reiteradas vezes constatou episódios de traição e isso foi decisivo para que o casal se separasse. A traição não era apenas sobre a prática sexual com outros homens, mas a quebra de confiança entre eles. Pe. Aranha também relata situação semelhante, não apenas nos relacionamentos anteriores, mas também no atual antes de adotarem a não monogamia como forma de se relacionar. Os episódios de traição vieram tanto dele, quanto dos parceiros. A partir dessa nova forma de se relacionarem, eles relatam tranquilidade nesse aspecto. Ao ser questionado, Pe. Aranha disse que isso é uma característica relevante para que eles continuem na relação.

Tanto Antônio, quanto Pe. Aranha se consideram felizes e satisfeitos na relação e creditam isso à comunicação clara e honesta do casal – inclui-se aqui, conforme destacado por eles, a prática da não monogamia. Scorsolini-Comin et al. (2018) afirmam que casais precisam se reorganizar a fim de lidar com as novas possibilidades que surgem na contemporaneidade. Não é uma rejeição dos modelos de conjugalidade aprendidos, mas a adaptação necessária à realidade social, cultural e do casal. Os autores refletem que a

conjugalidade é uma entidade viva e que muda com o decorrer do tempo, cultura e espaço. Esse conceito evolui para as novas demandas familiares sejam atendidas e perpetuadas. Não somos os mesmos desde sempre, mas mudamos à medida que adquirimos experiências e vivências, assim como é a relação conjugal.

Maurício não abordou a não monogamia como um modelo futuro de relação ou em possibilidade de negociação. Segundo ele, a intimidade e segurança restrita entre os cônjuges proporciona a saciedade do desejo sexual e o atendimento de demandas afetivas e psicológicas. As realidades diversas vivenciadas pelos casais vão ao encontro do que descrevem Carter e McGoldrick (1995) em sua teoria do ciclo vital familiar e posteriormente atualizada em outros trabalhos como McGoldrick (2016), McGoldrick e Shibusawa (2016) e McGoldrick et al. (2020), bem como ao que foi proposto por Andolfi (2019), Bowen (1966, 1993) e aos achados de pesquisa mais atuais como as realizadas por Silva et al., (2011), Rodriguez, (2012) e Porreca (2019).

Ressalta-se aqui que apenas Antônio e Pe. Aranha, homens autodeclarados pretos ou pardos das duas faixas de renda (A1 e A2, respectivamente), vivem formalmente relações não monogâmicas com acordos definidos em seus contratos conjugais e códigos de ética. Entendem e separam o desejo sexual do afeto e conseguem lidar com essa divisão sem que gere conflitos conjugais. Alcides e Fortunato ainda se encontram em processo de negociação com seus esposos e entendem que o modelo monogâmico é oficialmente escolhido por eles.

Considerações Finais

A construção e manutenção da conjugalidade de casais formados por dois homens enfrenta os desafios comuns a qualquer casal, como a necessidade de acordos, ajustes e adaptações para a convivência, mas também são acometidos por questões específicas que esbarram em suas particularidades, como a convivência com violências relacionadas à

sexualidade (homofobia), rejeição e aceitação parcial da família, além das pressões sociais machistas que determinam como os papéis de gênero devem ser vivenciados.

Após a realização da pesquisa, coleta e análise dos dados, apontamos como fatores de proteção a esse tipo de relação a renda média dos participantes. Isto ajuda a explicar, inclusive, a dificuldade para encontrar voluntários dentro das faixas menores de renda nos dois recortes de raça.

Os acordos realizados pelos casais em seus contratos conjugais e códigos de ética acerca da prática sexual com outras pessoas e do respeito sobre os sentimentos deles e dos homens externos à relação, cito aqui o exemplo de Antônio, são baseados no diálogo e na valorização da honestidade entre eles. Os participantes apresentam uma divisão consciente do desejo e do afeto. Não foram identificados achados que corroborem a expectativa de que eles possam formar relações sérias ou consolidadas com mais de uma pessoa (popularmente chamado de trisal). A presença de outras pessoas na relação objetiva apenas a satisfação sexual dos cônjuges que podem praticar o sexo em conjunto ou não. Os participantes que não adotaram a não monogamia como um modelo, mas que sinalizaram pretender percorrer este caminho, entendem que essa é uma possibilidade para que não ocorram traições conjugais e a relação perpetue.

Outra característica relevante é que apenas os participantes autodeclarados pretos ou pardos – das duas faixas de renda B1 e B2 – possuem a formalização, dentro do código de ética do casal, para praticar sexo com outras pessoas. Os participantes autodeclarados brancos (Alcides e Fortunato) – das categorias A1 e A2, apenas manifestaram a intenção e o processo de negociação com o parceiro para que outras pessoas pudessem ser inseridas para as práticas sexuais.

A própria formação do casal e constituição da família exercem um papel protetivo para esses homens. Isso não se dá apenas como uma resposta à homofobia intrafamiliar, mas

como um processo de composição de renda, de rede de apoio social e da saúde mental dos participantes.

Como fator de risco, a homofobia ocupa o papel de destaque. Os participantes relataram profundas dores relacionadas à rejeição da família e não aceitação do cônjuge pelo sistema familiar de origem. Inclusive, relataram que relações anteriores não avançaram pela não aceitação da família. A aceitação parcial da homossexualidade pelo sistema familiar de origem provoca intenso sofrimento em homens homossexuais. Os achados de Sá (2021) corroboram a conclusão desta pesquisa nesse sentido. Afinal, um novo membro só será aceito no sistema caso ele permita.

O diálogo, o amor relatado por eles e a transparência na relação foram características apontadas por todos os participantes, tanto pelos que adotam a tradicional monogamia como modelo de relação, quando os declarados não monogâmicos. Além do modelo aprendido nas famílias de origem sobre o que é um casamento e o que esperar dele, esses homens acrescentaram que precisaram buscar em relações fora da família modelos próximos à realidade que pretendiam construir. Afinal, se desenvolveram em lares com referências de casais heterossexuais formados por homem e mulher cisgêneros.

A família de origem ocupa um papel importante sobre como entendemos o mundo, criamos expectativas sobre ele e lidamos com os outros nas interações cotidianas. Ela nos ensina como enfrentar conflitos, inclusive conjugais, e o que é necessário para que sejamos pertencentes ao sistema familiar. Identificou-se uma relevante influência nesses casais sobre a construção de sua conjugalidade, o que eles esperam de uma relação, suas negociações e como lidam com os conflitos dentro do casamento (Scorsolini-Comin et al., 2018). As adaptações desses modelos aprendidos passam por um momento solitário, pois esses homens carecem de referências claras que se aproximem de sua realidade, afinal, seus pais são heterossexuais e pessoas cisgênero. O que fazer quando se é um homem que deseja, ama e

quer estar com outro homem afetiva e sexualmente? É preciso adaptar o que é aprendido para que seja possível percorrer o caminho escolhido por eles.

O racismo e o machismo também influenciam como esses homens entendem seu papel na sociedade. A reflexão sobre os papéis de gênero e a influência da raça nessa dinâmica foi identificada nas falas de Alcides, Antônio e Maurício. Não foi possível identificar nenhuma fala direta que indique a vivência machista, misógina ou racista pelos participantes. Tal fato pode ser compreendido pela ausência de intimidade e confiança entre o pesquisador e os participantes. Isso funciona como um filtro social sobre o que pode ou não ser falado publicamente. Antônio, participante que apresenta maior conhecimento de letramento racial e de gênero, entende seu privilégio por ser um homem cisgênero e os desafios que vive por ser negro. Isso impacta como a sociedade enxerga e encara não apenas como indivíduo, mas como casal.

Fernandes e Bandeira (2025), refletem sobre uma possível conjectura que a constatação de que apenas homens autodeclarados pretos e pardos vivem relações formalmente não monogâmicas pode indicar. Historicamente os corpos negros passam por hipervigilância e hiperssexualização. Isto é, são vistos como potencialmente violentos e com seus corpos relacionados à satisfação de prazer sexual de pessoas brancas. Zanello (2020b) também apontou achados semelhantes relacionados aos corpos de mulheres pretas e pardas. O racismo estrutural atravessando esses corpos negros pode explicar o porquê estes homens vivenciam uma prática sexual menos velada e com acordos mais explícitos em relação à variabilidade de parceiros sexuais, afinal, durante séculos, o afeto foi negado e em troca, recebiam a fetichização e animalização que os reduziam à pura virilidade e ao tamanho de seus pênis. Ponto este que é um reforçador de masculinidades e, no caso de homens, identidade (Zanello, 2020b). Este caminho é uma sugestão para que novas pesquisas sejam realizadas a fim de investigarem essa constatação.

Pesquisar e refletir acerca da desconstrução de estereótipos e preconceitos e o reconhecimento da diversidade dos modelos conjugais, além da possibilidade de conhecer a influência intergeracional nas relações conjugais atuais de homens homossexuais é ponto primordial para a nossa evolução como sociedade. Destaca-se como benefícios diretos aos participantes a possibilidade de conhecerem e compreenderem a própria história utilizando os instrumentos de pesquisa como o genograma sexual e o procedimento desenhos-estórias com a orientação de um profissional psicólogo e, caso necessário, o recebimento um encaminhamento à psicoterapia. No entanto, tal pedido não foi realizado por nenhum deles.

Considerar o contexto desses casais a fim de melhor compreender suas realidades a partir das heranças intergeracionais recebidas de suas famílias de origens é um caminho capaz de mitigar parte das violências historicamente recebidas por essa parcela da população. Ademais, a demonstração prática dos instrumentos aqui utilizados – genograma sexual e PDE-Tema – são possibilidades para a clínica psicológica no atendimento de casais homossexuais que podem ser utilizadas por estes profissionais.

As limitações encontradas no decorrer da realização desta pesquisa versam acerca do orçamento disponível, aqui executado com recursos próprios dos pesquisadores. Além disso, a questão da regionalização em um país de dimensões continentais e de origens culturais tão diversas como o Brasil sugere a necessidade de abarcar outras localizações brasileiras e suas tão multifacetadas manifestações subjetivas de cultura, costumes, comportamentos e heranças.

Um adendo importante sobre o processo de busca dos participantes foi a dificuldade de encontrar voluntários que se encaixassem na categoria de um homem autodeclarado branco e com a renda média mais baixa (A2) e um homem autodeclarado preto ou pardo do mesmo recorte de renda média (B2). Tal desafio pode ser explicado pelo que Allan (2016) exemplifica como uma ponte à aceitação pela família e sociedade. Muitas vezes, homens gays precisam investir muito em carreira, emprego, escolaridade e no próprio corpo como forma de

compensação pela sua sexualidade. Essa é uma marca deixada pela homofobia que é internalizada na pessoa e provoca sofrimentos importantes.

A Pesquisa Nacional de Saúde realizada pelo IBGE (2019) foi a primeira pesquisa oficial brasileira a levantar dados sobre autodeclaração da sexualidade de brasileiros. Mesmo a pesquisa não fazendo a intersecção acerca de raça e sexualidade – lacuna importante na literatura oficial brasileira – podemos interpretar os dados entendendo que 2,9 milhões de pessoas de 18 anos ou mais se declaram lésbicas, gays ou bissexuais. Ainda sobre os dados oficiais do IBGE (2022), pessoas pretas (renda média de R\$ 2.061,00), pardas (R\$ 2.186,00) e indígenas (R\$ 1.683,00) recebem uma renda média significativamente menor do que a média nacional registrada de R\$ 2.851,00.

Para homens gays, a questão da renda não é apenas uma forma de sustento, mas de possibilidade para constituir a própria identidade em uma perspectiva de segurança psicológica e integridade física. Não é apenas uma compensação por sua sexualidade, mas uma forma de construir um espaço social, físico e psicológico seguro que contemple a vivência plena de ser quem se é.

Outra questão encontrada pelos pesquisadores foi a aplicação e interpretação do Procedimento Desenhos-Estórias com Tema. Trinca (2010) e Visintin et al. (2023) descrevem, com detalhes minuciosos, as etapas para a aplicação do PDE-Tema, que consiste na elaboração de uma história após terminar cada unidade de produção. Contudo, identificou-se a dificuldade dos participantes para acessar espaços lúdicos que possibilitassem a criação dos enredos e as histórias criadas mais se pareceram com descrições e explicações sobre os desenhos.

A dificuldade de adultos para criar e contar histórias não é um fenômeno isolado desta pesquisa e tampouco do PDE-Tema. Torres et al. (2024), ao analisarem 18 artigos que utilizam o Teste de Apercepção Temática (TAT), no Brasil, identificaram um cenário

semelhante ao encontrado durante o uso do PDE-Tema: a dificuldade dos adultos ao elaborarem histórias com conteúdo lúdico e fantasioso. Os pesquisadores explicam que esse achado pode indicar o uso de mecanismos de defesa que impedem o participante de sair do contato com a realidade.

Conti e Souza (2010) contribuem para explicar que essa resposta à solicitação de criar histórias seria um modo encontrado pela pessoa para lidar com seu mundo de fantasia. Acessar esse espaço simbólico e lúdico exige um esforço e disponibilidade do ego para simbolizar suas angústias e ansiedades. Em outras palavras, a dificuldade para criar e contar essas histórias encontra alicerce na própria psicanálise freudiana. A teoria de Freud (1974) explica que esses acessos dependem intimamente da mediação do ego entre aquilo que é interno (subjetividade) e aquilo que possibilita a passagem para o conteúdo consciente. Sem esse repertório disponível ou a segurança necessária para acessar o que é íntimo, interno e recalcado, manifesta-se a dificuldade (defesa) de expressar, mesmo que seja em espaço lúdico, simbólico ou fictício.

No contexto deste trabalho, o conteúdo acessado a partir da terceira UP veio acompanhado de maior profundidade psíquica e de conteúdo inconsciente. Nas UP 1 e 2, os participantes pensam, elaboram, constroem e dirigem o processo de produção de modo a gerar uma história ou explicação do desenho com um discurso mais polido, bonito e rígido. Da mesma forma pudemos perceber que, nas UP 3 a 5, talvez até combatidos pelo cansaço que a atividade exigiu, os participantes elaboraram de forma menos caprichada no aspecto visual, porém, mais rica em conteúdo inconsciente e mais profundo no processo de inquérito.

Os resultados destacados nesta pesquisa pretendem promover reflexões sobre a prática clínica de psicólogos e psicólogas que atendem casais formados por dois homens sobre as suas especificidades. Mesmo que a literatura aponte que esses casais enfrentem desafios semelhantes aos casais heterossexuais, a contextualização sobre as dores, desafios e

especificidades desses homens é essencial para que o atendimento em psicologia seja ético, técnico em humanizado.

Falar sobre homoconjugalidade sem falar da experiência de mulheres sáficas é uma lacuna importante desta pesquisa. Considerando que o processo de socialização de mulheres se dá de uma forma distinta de homens, conforme preconiza Zanello (2020a). Portanto, sugere-se ainda que pesquisas futuras investiguem o fenômeno da homoconjugalidade e da homoparentalidade sob o viés de outros agentes: mulheres e homens cisgênero, mulheres e homens transgênero, pessoas não binárias e famílias diversas formadas por mais de dois membros em uma relação conjugal.

Referências

- Akotirene, C. (2018). *O que é interseccionalidade*. Letramento.
- Andolfi, M. (2019). *A terapia familiar multigeracional. Instrumentos e recursos do terapeuta*. Artesã Editora.
- Associação Brasileira de Empresas de Pesquisa. (2026). *Alterações na aplicação do Critério Brasil, válidas a partir de 05/02/2026*.
- Baére, F. de, Zanello, V., & Romero, A. C. (2015). Xingamentos entre homossexuais: Transgressão da heteronormatividade ou replicação dos valores de gênero? *Revista Bioética*, 23(3), 623–633.
- Batista, T. S., Tavares, F. M. de P., Gonçalves, G. P., & Torres, J. L. (2024). Homofobia internalizada e depressão em mulheres e homens homossexuais e bissexuais: Inquérito de saúde LGBT+, 2020. *Ciência & Saúde Coletiva*, 29(9), e05412023.
<https://doi.org/10.1590/1413-81232024299.05412023>
- Bennett, L. A., Wolin, S. J., & Mcavity, K. J. (1988). Identidad de la familia, ritual y mito: Una perspectiva cultural de las transiciones en el ciclo vital. In C. J. Falicov (Ed.), *Transiciones de la familia* (pp. 299–329). Amorrortu.

- Bertoncello, D. (2023). Valores e crenças do terapeuta diante do tema da infidelidade conjugal. *Revista Brasileira de Terapia Familiar*, 10(1) (pp. 99-113).
<https://doi.org/10.60114/rbtf.v10i1.20>
- Borrillo, D. (2010). *Homofobia: História e crítica de um preconceito* (G. J. de F. Teixeira, Trad.). Autêntica.
- Boszormenyi-Nagy, I., & Spark, G. (2012). *Lealtades invisíveis*. Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1973)
- Botwin, M. D., Buss, D. M., & Shackelford, T. K. (1997). Personality and mate preferences: Five factors in mate selection and marital satisfaction. *Journal of Personality*, 65(1), 107–136. <https://doi.org/10.1111/j.1467-6494.1997.tb00531.x>
- Bowen, M. (1966). The use of family theory in clinical practice. *Comprehensive Psychiatry*, 7(5), 345–374.
- Bowen, M. (1993). *Family therapy in clinical practice*. Jason Aronson.
- Caillé, P. (1994). *Um e um são três: O casal se auto-revela* (J. de S. e M. Werneck, Trad.). Summus. (Obra original publicada em 1990)
- Campos, S. O., Scorsolini-Comin, F., & Santos, M. A. (2017). Transformações da conjugalidade em casamentos de longa duração. *Psicologia Clínica*, 29(1), 69-89.
http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-56652017000100006&lng=pt&tlng=pt
- Carpenter, J., & Treacher, A. (1993). *Problemas y soluciones en Terapia Familiar y de Pareja*. Paidós.
- Carter, B., & McGoldrick, M. (1995). As mudanças no ciclo de vida familiar (M. A. V. Veronese, Trad.). Artes Médicas.
- Cervený, C. M. O., & Berthoud, C. M. E. (1997). *Família e ciclo vital: Nossa realidade em pesquisa*. Casa do Psicólogo.

- Choi, E. and Jung, S.Y. (2021), Marital Satisfaction and Depressive Symptoms Among Korean Couples With Young Children: Dyadic Autoregressive Cross-Lagged Modeling. *Fam Relat*, 70: 1384-1398. <https://doi.org/10.1111/fare.12570>
- Chapadeiro, C. A., Andrade, H. Y. S. O., & Araújo, M. R. N. (s. d.). *A família como foco da Atenção Básica*. Nescon/UFMG. <https://www.nescon.medicina.ufmg.br/biblioteca/registro/referencia/0000002370>
- Cicco, S. Y. J. D. (2020). Categorias homossexuais: Alguns problemas de pesquisa na perspectiva da rotulação da homossexualidade: some research problems in the labelling perspective of homosexuality. *Plural*, 27(1), 305-332. <https://doi.org/10.11606/issn.2176-8099.pcs0.2020.150573>
- Connell, R. W., & Messerschmidt, J. W. (2013). Masculinidade hegemônica: Repensando o conceito. *Revista Estudos Feministas*, 21(1), 241–282.
- Conti, F. D., & Souza, A. S. L. de . (2010). O momento de brincar no ato de contar histórias: Uma modalidade diagnóstica. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 30(1), 98–113. <https://doi.org/10.1590/S1414-98932010000100008>
- Cowan, P. A., Cowan, C. P., & Schulz, M. S. (1996). Thinking about risk and resilience in families. In E. M. Hetherington & E. A. Blechman (Eds.), *Stress, coping, and resiliency in children and families* (pp. 1-38). Lawrence Erlbaum.
- da Silva Oliveira Neto, J., & Júnior Ferreira Moura, J.. (2023). Homofobia internalizada: revisão sistemática de estudos em contextos universitários (2000-2020). *Folios*, (58), 3-16. Epub January 27, 2024. <https://doi.org/10.17227/folios.58-15905>
- Dallos, R. (1996). *Sistemas de creencias familiares*. Paidós.
- Del Priore, M. (2006). *História do amor no Brasil* (2a ed.). São Paulo: Contexto.

- Duarte, L. de A., Rodrigues, C. M. L., & Bernardes, E. de F. (2025). Redpill no Reddit: Discursos de misoginia, rejeição e identidade masculina em comunidades digitais. *Mal-Estar e Sociedade*, 15(2), 49–64. <https://revista.uemg.br/gtic-malestar/article/view/10207>
- Elliott, J. (2005). *Using narrative in social research: Qualitative and quantitative approaches*. Sage.
- Falcke, D., Wagner, A., & Mosmann, C. P. (2008). The relationship between family-of-origin and marital adjustment for couples in Brazil. *Journal of Family Psychotherapy*, 19(2), 170-186. <https://doi.org/10.1080/08975350801905020>
- Falcke, D., & Wagner, A. (2014). A dinâmica familiar e o fenômeno da transgeracionalidade: Definição de conceitos. In A. Wagner (Ed.), *Como se perpetua a família? A transmissão dos modelos familiares* (pp. 24-45). EDIPUCRS.
- Féres-Carneiro, T., & Magalhães, A. S. (2005). Conjugalidade dos pais e projeto dos filhos frente ao laço conjugal. In T. Féres-Carneiro (Org.), *Família e casal: Efeitos da contemporaneidade* (pp. 111-121). Editora da PUC-Rio.
- Fernandes, R., & Bandeira, M. (2025). Não monogamia e estigma racial: O estereótipo de “player” (“pegador”) sobre homens negros poliamorosos. *Diversidade e Educação*, 13(2), 264–287. <https://doi.org/10.63595/dedu.v13i2.20079>
- Forgearini, B. C., & Hintz, H. C. (2012). Genograma sexual: Uma estratégia de intervenção em terapia de casal. *Pensando Famílias*, 16(1), 91-110. <https://domusterapia.com.br/revista-pensando-familias/pensando-familias-vol-16-no-1/>
- Foucault, M. (1984). *História da sexualidade 2: O uso dos prazeres* (M. T. da C. Albuquerque, Trad.). Edições Graal. (Trabalho original publicado em 1984).
- Foucault, M. (1988). *História da sexualidade I: A vontade de saber* (M. T. da C. Albuquerque & J. A. G. Albuquerque, Trans.). Edições Graal. (Trabalho original publicado em 1976)

- Freud, S. (1974). Escritores criativos e o devaneio. In S. Freud, *Edição eletrônica das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* [CD-ROM] (J. L. Meuer, Trad.). Imago.
(Trabalho original publicado em 1908)
- Gomes da Costa, L., & Nabarro, S. (2024). Gênero e patriarcado: Contribuição do machismo estrutural para a insegurança das mulheres urbanas. *Revista Geoaraguaia*, 14(Especial), 90-99. <https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/geo/article/view/17067>
- Gonzalez, L. (2020). *Por um feminismo afro-latino-americano: Ensaio, intervenções e diálogos* (F. Rios & M. Lima, Orgs.). Zahar.
- Hof, L., & Berman, E. (1986). The sexual genogram. *Journal of Marital and Family Therapy*, 12(1), 39–47.
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. (2020). *Classificação nacional de atividades econômicas: Subclasses para uso da administração pública* (Versão 2.3). Comissão Nacional de Classificação (CONCLA), Subcomissão Técnica para a CNAE-Subclasses. <https://www.ibge.gov.br>
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. (2022). *Censo Brasileiro de 2022*. IBGE.
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. (2019). *Pesquisa Nacional de Saúde 2019* [Base de dados]. Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Pesquisas por Amostra de Domicílios.
- Lagarde, M. (2005). *Los cautiverios de las mujeres. madresposas, monjas, putas, presas y locas*. Coyotean.
- Lima, D. M., & Couto, E. S. (2022). Prazer e risco: Corpos e pedagogias bareback no Twitter. *Contrapontos*, 22(1), 8-27. <https://doi.org/10.14210/contrapontos.v22n1.p8-27>
- Maesima, G. M., Falcke, D., Costa, C. B., & Wagner, A. (2024). Repercussões transgeracionais em casais na etapa de formação: Estudo de casos múltiplos. *Psicologia em Pesquisa*, 19, pp. 1-28. <https://doi.org/10.34019/1982-1247.2024.v19.39474>

Marin, A. H., Schaefer, M. P., Lima, M., Rolim, K. I., Fava, D. C., & Feijó, L. P. (2021).

Delineamentos de pesquisa em psicologia clínica: Classificação e aplicabilidade.

Psicologia: Ciência e Profissão, 41, e221647. [https://doi.org/10.1590/1982-](https://doi.org/10.1590/1982-3703003221647)

[3703003221647](https://doi.org/10.1590/1982-3703003221647)

Martins, L. F., Souza, F. R., & Freitas, J. M. (2024). *requalify.ai* (Version 0.1) [online software]. <https://requalify.ai>

Matos, M.. (2008). Teorias de gênero ou teorias e gênero? Se e como os estudos de gênero e feministas se transformaram em um campo novo para as ciências. *Revista Estudos Feministas*, 16(2), 333–357. <https://doi.org/10.1590/S0104-026X2008000200003>

McGoldrick, M., Gerson, R., & Petry, S. (2020). *Genograms: Assesment and treatment*. WW Norton & Company.

McGoldrick, M. (2016). Becoming a couple: the joining of families. In M. McGoldrick, N. G. Preto, & B. Carter (Orgs.), *The expanding family life cycle: individual, family and social perspectives* (5º ed, pp. 259–279). Pearson.

McGoldrick, M., & Shibusawa, T. (2016) O ciclo vital familiar. In F. Walsh (Ed.), *Processos normativos da família: Diversidade e complexidade* (pp. 438-462). Artmed.

Meletti, A. T., & Scorsolini-Comin, F. (2015). Conjugalidade e expectativas em relação à parentalidade em casais homossexuais. *Psicologia: Teoria e Prática*, 17(1), 37-49.

[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-36872015000100004&lng=pt&tlng=pt)
[36872015000100004&lng=pt&tlng=pt](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-36872015000100004&lng=pt&tlng=pt)

Nichols, M. P., & Schwartz, R. C. (2007). *Terapia Familiar: Conceitos e Métodos* (7ª ed.). Artmed.

Núñez, G. (2023). *Descolonizando os afetos: Experimentações sobre outras formas de amar*. PAIDÓS.

Patton, M. Q. (2015). *Qualitative research & evaluation methods*. SAGE Publication.

- Pincus, L. e Dare, C. (1981). O contrato secreto do casamento. In L. Pincus & C. Dare (Eds.), *Psicodinâmica da família* (pp. 34-48). Artes Médicas.
- Poletto, M., & Koller, S. H. (2008). Contextos ecológicos: Promotores de resiliência, fatores de risco e de proteção. *Estudos De Psicologia (Campinas)*, 25(3), 405–416.
<https://doi.org/10.1590/S0103-166X2008000300009>
- Porreca, W. (2019). Relação conjugal: Desafios e possibilidades do “nós”. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 35(spe), e35nspe7. <https://doi.org/10.1590/0102.3772e35nspe7>
- Prandini, R. (2010). Soggettività sociali riflessive. La costituzione di un "Noi" riflessivo. *Sociologia e Politiche Sociali*, (1), 79-111. <https://doi.org/10.3280/SP2010-001005>
- Ribeiro, D. (2017). *O que é: lugar de fala?* Letramento.
- Rodriguez, B. C. (2012). A representação parental de casais homossexuais masculinos [Dissertação de mestrado, Universidade de São Paulo].
<https://doi.org/10.11606/D.47.2012.tde-07022013-092525>
- Sá, F. N. d. (2021). Vivência de casais homoafetivos no contexto caipira paulista. [Dissertação de mestrado, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo]. Repositório Institucional da PUC_SP. https://oasisbr.ibict.br/vufind/Record/PUC_SP-1_f9a5a0f2f31b2754df18a9b7e8149252
- Santana, A. D. S., Galdino, A. S., & Araújo, E. C. (2024). A superação à família monogâmica é pela coletividade! Parentalidades não-monogâmicas de pessoas sexo-gênero-diversas. *Ciência & Saúde Coletiva*, 29, e19692023. <https://doi.org/10.1590/1413-81232024296.19692023>
- Santana, L. W. G. de, & Felizmino, T. de O. (2026). Sociedade patriarcal religiosa: O homem afeminado, sexualidade e expressões de gênero. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 46, e287890. <https://doi.org/10.1590/1982-3703003287890>

- Scheeren, P., & Wagner, A. (2019). Predizendo a infidelidade conjugal. *Psicologia Clínica*, 31(2), 387–406. <https://doi.org/10.33208/PC1980-5438V0031N02A09>
- Scorsolini-Comin, F., Alves-Silva, J. D., & Santos, M. A. dos .. (2018). Permanências e Descontinuidades nas Concepções Contemporâneas de Casamento na Perspectiva de Casais Longevos. *Psicologia: Teoria E Pesquisa*, 34, e34423. <https://doi.org/10.1590/0102.3772e34423>
- Silva, A., Guzzon, R., & Saad, T. (Produtores Executivos). (2026). *Dona Beja* [Série de TV]. Floresta Produções; HBO Max.
- Silva, I. M. da., Menezes, C. C., & Lopes, R. de C. S. (2010). Em busca da "cara-metade": Motivações para a escolha do cônjuge. *Estudos de Psicologia (Campinas)*, 27(3), 383–391. <https://doi.org/10.1590/S0103-166X2010000300010>
- Silva, L. O., & Ramos Filho, A. F. (2026). “Um negrão de tirar o chapéu”: Hipersexualização e hipererotismo de corpos negros em um aplicativo de relacionamento gay. *CORDIS: Revista Eletrônica de História Social da Cidade*, (37), e75156. <https://doi.org/10.23925/2176-4174.37.2026e75156>
- Souza, M. T. de, Silva, M. D. da, & Carvalho, R. de. (2010). Integrative review: What is it? How to do it?. *Einstein (São Paulo)*, 8(1), 102-106. <https://doi.org/10.1590/S1679-45082010RW1134>
- Stake, R. E. (2006). *Multiple case study analysis*. Guilford Press.
- Steinglass, P., Bennett, L. A., Wolin, S. J. & Reiss, D. (1987). *The alcoholic family*. Basic
- Tavora, M. T. (2009). Contrato emocional e código de ética: Pilares da reconstrução conjugal. *Psico*, 40(1). <https://revistaseletronicas.pucrs.br/revistapsico/article/view/3999>
- Torres, M. de S., Amorim, P. T., Martins, H. A., & Resende, G. C. (2024). Análise de artigos sobre o Teste de Apercepção Temática (TAT) no Brasil. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 44, e260223. <https://doi.org/10.1590/1982-3703003260223>

- Trinca, W. (Org.). (2020). *Formas lúdicas de investigação em psicologia*. Vetor.
- Twine, F. W., & Steinbugler, A. C. (2006). The gap between whites and whiteness: Interracial intimacy and racial literacy. *Du Bois Review: Social Science Research on Race*, 3(2), 341-363.
- Vasconcelos, N. M. de, Alves, F. T. A., Andrade, G. N. de, Pinto, I. V., Soares Filho, A. M., Pereira, C. A., & Malta, D. C. (2023). Violence against LGB+ people in Brazil: Analysis of the 2019 National Survey of Health. *Revista Brasileira de Epidemiologia*, 26, 1-8.
<https://doi.org/10.1590/1980-549720230005.supl.1>
- Vassalo B. (2022). O desafio poliamoroso: Por uma nova política dos afetos. Elefante.
- Visintin, C. D. N., Ambrosio, F. F. e, & Aiello-Vaisberg, T. M. J. (2023). O Procedimento de Desenhos-Estórias com Tema em pesquisas qualitativas sobre imaginários coletivos. *Estilos da Clínica*, 28(1), 98-114. <https://doi.org/10.11606/issn.1981-1624.v28i1p98-114>
- Wagner, A., Tronco, C., & Armani, A. B. (2011). Introdução: Os desafios da família contemporânea. In A. Wagner (Ed.), *Desafios psicossociais da família contemporânea: Pesquisas e reflexões* (pp. 19-35). Artmed.
- Wahba, L. L., & Simão, J. B. (2020). Sexo Casual: Motivações, atitudes e comportamentos de homens e mulheres heterossexuais adultos. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 40, e213871.
<https://doi.org/10.1590/1982-3703003213871>
- Walsh, F. (2016). Processos normativos da família: Diversidade e complexidade (4ª ed.; S. M. Mallmann da Rosa & C. P. Mossmann, trads.). Artmed.
- Wendt, N. C., & Crepaldi, M. A. (2008). A utilização do genograma como instrumento de coleta de dados na pesquisa qualitativa. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 21(2), 302-310.
<https://doi.org/10.1590/S0102-79722008000200016>

Welzer-Lang, D. (2001). A construção do masculino: Dominação das mulheres e homofobia.

Revista Estudos Feministas, 9(2), 460–482. <https://doi.org/10.1590/S0104-026X2001000200008>

Zanella, V. (2020a). *Saúde mental, gênero e dispositivos: cultura e processos de subjetivação*. Editora Appris.

Zanella, V. (2020b). Masculinidades, cumplicidade e misoginia na “Casa dos Homens”: Um estudo sobre os grupos de WhatsApp masculinos no Brasil. In L. Ferreira (Ed.), *Gênero em perspectiva* (pp. 79-102). CRV.

Considerações Finais da Dissertação

O estudo 1: *Eles e Nós: Uma Revisão Integrativa da Literatura sobre a Influência dos Pais na Construção da Conjugalidade de Casais Formados por Dois Homens* teve como objetivo geral investigar como a herança intergeracional influencia a conjugalidade de casais do mesmo sexo masculinos. Especificamente, examinados se a heteronormatividade familiar afeta o conceito de conjugalidade de homens que se casaram com outros homens e quais as características dessa influência. As análises apontaram que há influência na construção de conjugalidade de casais formados entre dois homens, principalmente na perpetuação de valores familiares, que proporcionam o pertencimento a partir do compartilhamento de características das famílias de origem, ou seja, da continuidade de legados, mitos e segredos.

O estudo 2: *“E vivemos como os nossos pais”: construção e manutenção da conjugalidade em casais homossexuais formados por dois homens* teve como objetivo investigar e conhecer os fatores de risco e proteção para a construção e manutenção da conjugalidade de casais formados por dois homens. A pesquisa identificou como fatores de proteção dessas relações a renda do casal, a própria relação conjugal e a não monogamia; como fatores de risco a homofobia, racismo e machismos foram apontados.

A realização da revisão integrativa da literatura (Estudo 1) possibilitou os autores a identificarem de forma objetiva a influência da intergeracionalidade na construção da conjugalidade dos casais gays formados por dois homens e, além disso, as características relevantes, como a questão da troca de sobrenomes entre os casais (Underwood, 2023) e a aceitação parcial da família de origem, além da vivência privada do afeto para que sejam admitidos na convivência (Sá, 2021). O levantamento desses dados foi importante para a realização e compreensão dos achados no estudo empírico (Estudo 2), que evidenciaram os fatores de risco – a homofobia intrafamiliar, o racismo e o machismo - e proteção – a renda, a

comunicação e a não monogamia - das relações e sobre como os casais lidam com o seu cotidiano.

É necessário ressaltar que uma pesquisa semelhante ao objeto desta dissertação foi encontrada no curso de levantamento bibliográfico. O objetivo do trabalho de Rodriguez (2012) foi “investigar as representações parentais de casais homossexuais masculinos, por meio das imagens parentais e legados geracionais, atualizados pelo processo de transmissão psíquica (p. 6). A autora utiliza uma derivação do Procedimento Desenhos-Estórias descrito por Trinca (2010) como Desenhos de Famílias com Estórias.

Esta pesquisa se diferencia da dissertação de Rodriguez (2012), para além do uso do referencial psicanalítico para a análise dos dados, em pontos importantes como: (a) explora a herança intergeracional na construção da noção de conjugalidade de homens gays em relação com outros homens há pelo menos cinco anos; (b) o uso do Procedimento Desenhos-Estórias com Tema; (c) o uso, também, do Genograma Sexual como um instrumento auxiliar da coleta, (d) da realização de entrevistas narrativas devidamente direcionadas para responder aos objetivos do trabalho e (e) tem como viés teórico para a análise dos dados a teoria sistêmica familiar. Ressaltamos que a pesquisadora aplicou o procedimento para o casal a fim de levantar as representações parentais de casais homossexuais na sua noção de parentalidade, enquanto esta pesquisa optou por coletar dados apenas de um dos cônjuges de cada casal.

O estudo da temática LGBTQIAP+ não se restringe apenas a um interesse científico e profissional, afinal, como psicólogo, entendo que a família está presente na prática profissional não só em sessões familiares ou conjugais, mas nas projeções, dores, vitórias, anseios, desejos, gostos, comportamentos, medos e sonhos de cada paciente atendido. Estudá-las e contextualizá-las não é apenas um preceito ético e técnico, mas compreender de um ponto de vista mais real sobre o que e quem é a família real brasileira – incluindo a minha. Entendo, ainda, que a realização dessas pesquisas possibilitou, em algum nível, a produção de

material científico capaz de promover reflexões para terapeutas familiares que precisam atender essas demandas em sua rotina clínica. Mesmo a literatura especificando que famílias no espectro da diversidade enfrentam desafios semelhantes às consideradas dentro do padrão, a homofobia, o racismo e o machismo precisam ser enxergados com o seu potencial devastador na construção das nossas identidades individuais, da nossa conjugalidade e da vivência da parentalidade.

Após a realização dessas pesquisas, concluí que a sensação de não saber surgida após as leituras é um processo natural de um pesquisador, afinal, a cada resposta alcançada, outras dúzias de perguntas surgiam: como é a influência intergeracional em casais formados por mulheres? Como elas enxergam a não monogamia? Como é a adaptação do modelo de parentalidade desses casais ao terem filhos? Quais estratégias são adotadas por esses casais na divisão do cuidado de crianças? Talvez algumas dessas curiosidades, assim como foi o caso desta pesquisa, se tornem outros caminhos acadêmicos a serem percorridos.

Estudar famílias é entender que cada uma delas é um universo único, complexo, particular, mas, tomando emprestado o postulado da competência de Ausloo (2003): as famílias são as maiores especialistas nelas mesmas e só se colocam em problemas que possuem ferramentas para resolver. É pertinente aquilo que vem da família e a ela retorna. A existência e resistência de pessoas LGBTQIAP+, como eu e os voluntários deste estudo, se dá pela ocupação de espaços físicos, sociais e acadêmicos, mobilizando a produção de conhecimento capaz de proporcionar os avanços de direitos às minorias sexuais, às mulheres, às pessoas pretas, pardas, indígenas, quilombolas, amarelas, às religiões marginalizadas, às crianças e aos que de alguma forma são silenciados pela opressão patriarcal e capitalista.

Referências

Andolfi, M. (2019). *A terapia familiar multigeracional. Instrumentos e recursos do terapeuta*. Artesã Editora.

- Andolfi, M., & Angelo, C. (1989). *Tiempo y mito em la psicoterapia familiar*. Ediciones Paidós Ibérica.
- Ausloos, G. (2003). *A competência das famílias: Tempo, caos, processo* (2ª ed.). Climepsi Editores
- Baére, F. de, Zanello, V., & Romero, A. C. (2015). *Xingamentos entre homossexuais: Transgressão da heteronormatividade ou replicação dos valores de gênero?* Revista Bioética, 23(3), 623–633.
- Bowen, M. (1966). The use of family theory in clinical practice. *Comprehensive Psychiatry*, 7(5), 345–374.
- Bowen, M. (1993). Family therapy in clinical practice. Jason Aronson.
- Carter, B., & McGoldrick, M. (1995). As mudanças no ciclo de vida familiar (M. A. V. Veronese, Trad.). Artes Médicas. (Original publicado em 1989).
- Esteves de Vasconcellos, M. J. (2002). Pensamento sistêmico: O novo paradigma da ciência. Papirus.
- Falcke, D., & Wagner, A. (2014). A dinâmica familiar e o fenômeno da transgeracionalidade: Definição de conceitos. In A. Wagner (Ed.), *Como se perpetua a família? A transmissão dos modelos familiares* (pp. 24-45). EDIPUCRS.
- Fernandes, R., & Bandeira, M. (2025). Não monogamia e estigma racial: O estereótipo de “player” (“pegador”) sobre homens negros poliamorosos. *Diversidade e Educação*, 13(2), 264–287. <https://doi.org/10.63595/dedu.v13i2.20079>
- Marin, A. H., Schaefer, M. P., Lima, M., Rolim, K. I., Fava, D. C., & Feijó, L. P. (2021). Delineamentos de pesquisa em psicologia clínica: Classificação e aplicabilidade. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 41, e221647.

- Matos, M.. (2008). Teorias de gênero ou teorias e gênero? Se e como os estudos de gênero e feministas se transformaram em um campo novo para as ciências. *Revista Estudos Feministas*, 16(2), 333–357.
- McGoldrick, M., & Shibusawa, T. (2016). O ciclo vital familiar. In F. Walsh (Ed.), *Processos normativos da família: Diversidade e complexidade* (pp. 438-462). Artmed.
- Núñez, G. (2023). *Descolonizando os afetos: Experimentações sobre outras formas de amar*. PAIDÓS.
- Rodriguez, B. C. (2012). A representação parental de casais homossexuais masculinos [Dissertação de mestrado, Universidade de São Paulo].
<https://doi.org/10.11606/D.47.2012.tde-07022013-092525>
- Sá, F. N. d. (2021). Vivência de casais homoafetivos no contexto caipira paulista. [Dissertação de mestrado, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo]. Repositório Institucional da PUC_SP. https://oasisbr.ibict.br/vufind/Record/PUC_SP-1_f9a5a0f2f31b2754df18a9b7e8149252
- Silva, I. M. da., Menezes, C. C., & Lopes, R. de C. S. (2010). Em busca da "cara-metade": Motivações para a escolha do cônjuge. *Estudos de Psicologia (Campinas)*, 27(3), 383–391.
- Souza, M. T. de, Silva, M. D. da, & Carvalho, R. de. (2010). Integrative review: What is it? How to do it?. *Einstein (São Paulo)*, 8(1), 102-106.
- Stake, R. E. (2006). *Multiple case study analysis*. Guilford Press.
- Trinca, W. (Org.). (2020). *Formas lúdicas de investigação em psicologia*. Vetor.
- Underwood, C. R. (2023). Multiple approaches to examining gender norms in romantic relationships (Publication No. 36114819) [Doctoral dissertation, University of Nevada, Las Vegas]. UNLV Theses, Dissertations, Professional Papers, and Capstones.
<https://doi.org/10.34917/36114819>

- Vasconcelos, N. M. de, Alves, F. T. A., Andrade, G. N. de, Pinto, I. V., Soares Filho, A. M., Pereira, C. A., & Malta, D. C. (2023). Violence against LGB+ people in Brazil: Analysis of the 2019 National Survey of Health. *Revista Brasileira de Epidemiologia*, 26, 1-8.
- Wagner, A., Tronco, C., & Armani, A. B. (2011). Introdução: Os desafios da família contemporânea. In A. Wagner (Ed.), *Desafios psicossociais da família contemporânea: Pesquisas e reflexões* (pp. 19-35). Artmed.
- Welzer-Lang, D. (2001). A construção do masculino: Dominação das mulheres e homofobia. *Revista Estudos Feministas*, 9(2), 460–482.
- Zanello, V. (2020a). *Saúde mental, gênero e dispositivos: cultura e processos de subjetivação*. Editora Appris.
- Zanello, V. (2020b). Masculinidades, cumplicidade e misoginia na “Casa dos Homens”: Um estudo sobre os grupos de WhatsApp masculinos no Brasil. In L. Ferreira (Ed.), *Gênero em perspectiva* (pp. 79-102). CRV.

Apêndices

Apêndice A - Roteiro da Entrevista Narrativa

Perguntas abertas:

- 1) Gostaria que você me contasse a história da sua vida. Fique bem à vontade para falar o que julgar importante. Caso haja necessidade, eu farei perguntas adicionais.
- 2) Agora eu gostaria que você me contasse a história do seu relacionamento conjugal.
- 3) O que você aprendeu sobre o que é ser homem?
- 4) Qual homem da sua família é esse referencial?
- 5) Como era vista a homossexualidade na sua família?
- 6) Existem outras pessoas homossexuais na família? Como é a sua relação com elas?
- 7) Como é a relação da sua família com você e essas pessoas homossexuais?
- 8) Você é a primeira pessoa da sua família a oficializar uma relação homossexual? Como foi esse processo?

Apêndice B - Roteiro de perguntas para a construção do genograma sexual

O genograma sexual é uma ferramenta capaz de representar graficamente as relações familiares e como a temática de relação conjugal e sexual é tratada na sua família.

1. Me fale sobre os seus pais, irmãos (caso tenha), tios e avós. Seus nomes e idades.
2. Existe mais alguma pessoa que seja importante para você para adicionarmos ao genograma? Por exemplo: primos, tios-avôs, bisavós, amigos importantes. Com nomes e idades.
3. Como o tema sexo foi tratado na sua família? Seus pais ou responsáveis falaram sobre isso?
4. Existiam regras para a prática sexual na sua família? Por exemplo: sexo só após o casamento ou sexo só com preservativo para evitar gravidez indesejada ou infecções sexualmente transmissíveis.
5. Existem casos conhecidos de infidelidade conjugal na sua família? Como sua família lidou com isso?
6. E o que você sabe sobre como o sexo era tratado na família do seu parceiro?
7. Vocês conversam sobre sexo? O que significa sexo para vocês?
8. Quais são as regras da sua relação? Vocês são monogâmicos? Se relacionam com outras pessoas?
9. O que discordam e concordam na relação?
10. Você tem um modelo de casal? Qual e por qual motivo?
11. Você tem algum modelo de casal que não gostaria de seguir? Qual e por qual motivo?

Apêndice C - Roteiro com as instruções para a realização do procedimento de desenhos-estórias com tema

1. Vamos começar uma atividade chamada: Desenho-Estória com Tema. Vou te passar o tema: casamento e família. Você deverá utilizar as folhas e lápis disponíveis na mesa para elaborar 5 desenhos. É necessário que em todos os desenhos existam figuras humanas. Cada desenho terá uma estória sobre ele que você me contará.
2. Inquérito: perguntas realizadas pelo pesquisador a partir das estórias contadas.
3. Agora você deverá dar um título para esse desenho (unidade de produção).
4. Esse procedimento será repetido até que cinco unidades de produção sejam realizadas.

Apêndice D - Formulário on-line para participação na pesquisa

Pesquisador: Ronald Henrique Leal Acipreste

Nome do participante:

E-mail:

Contato telefônico:

Identificação de gênero:

Está em um relacionamento estável com outro homem? () Sim () Não

Há quanto tempo estão juntos? De 0 a 5 anos () 5 a 10 anos () Mais de 10 anos ()

Seus pais ou cuidadores estão ou estiveram durante a sua criação em um relacionamento heterossexual?

Sim () Não ()

Qual é a sua cor ou raça? Amarelo () Branco () Indígena () Pardo () Preto ()

Apêndice E - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Você está sendo convidado a participar da pesquisa ““HERANÇA, MACHISMO E AMOR: ESTRATÉGIAS E DESAFIOS PARA A CONSTRUÇÃO DA CONJUGALIDADE ENTRE CASAIS FORMADOS POR DOIS HOMENS”, de responsabilidade de *Ronald Henrique Leal Acipreste*, estudante de *mestrado* da *Universidade de Brasília*. O objetivo desta pesquisa é investigar e conhecer os fatores e risco e proteção para a construção e manutenção da conjugalidade de casais formados por dois homens. Assim, gostaria de consultá-lo sobre seu interesse e disponibilidade de cooperar com a pesquisa.

Você receberá todos os esclarecimentos necessários antes, durante e após a finalização da pesquisa, e lhe asseguro que o seu nome não será divulgado, sendo mantido o mais rigoroso sigilo mediante a omissão total de informações que permitam identificá-lo. Os dados provenientes de sua participação na pesquisa, tais como questionários, entrevistas, arquivos de gravação, ficarão sob a guarda do pesquisador responsável pela pesquisa em computador com senha.

Serão realizados seguintes procedimentos: uma entrevista narrativa, a construção de um genograma sexual e um Procedimento de Desenhos-Estórias com Tema e é para esses procedimentos que você está sendo convidado a participar. Sua participação na pesquisa pode implicar em sofrimento ao relembrar experiências delicadas. No entanto, caso isso aconteça, você poderá solicitar a realização de uma sessão de acolhimento comigo, que também sou psicólogo, bem como informações sobre onde buscar atendimento psicológico em sua região. Caso você opte por acolhimento remoto, será criado um link para atendimento, de acordo com as especificações técnicas vigentes determinadas pelo Conselho Federal de Psicologia.

Espera-se que esta pesquisa contribua para o preenchimento de lacunas da literatura, desconstrução de estereótipos e preconceitos e o reconhecimento da diversidade dos modelos conjugais, além de conhecer a influência intergeracional nas relações conjugais atuais de

homens homossexuais. Também se espera que esta seja uma oportunidade para que você elabore suas experiências, acompanhado por um profissional da área de saúde mental.

Sua participação é voluntária e livre de qualquer remuneração ou benefício. Você é livre para recusar-se a participar, retirar seu consentimento ou interromper sua participação a qualquer momento. A recusa em participar não irá acarretar qualquer penalidade ou perda de benefícios. Se você tiver qualquer dúvida em relação à pesquisa, você pode me contatar através do telefone 61 99284-8794 ou pelo e-mail ronald.acipreste@gmail.com.

A equipe de pesquisa garante que os resultados do estudo serão devolvidos aos participantes por meio de um resumo dos principais resultados por e-mail. Os resultados serão divulgados em publicações acadêmicas direcionadas à comunidade científica, sendo resguardada a identidade dos participantes.

Este projeto foi revisado e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa em Ciências Humanas e Sociais (CEP/CHS) da Universidade de Brasília. As informações com relação à assinatura do TCLE ou aos direitos do participante da pesquisa podem ser obtidas por meio do e-mail do CEP/CHS: cep_chs@unb.br ou pelo telefone: (61) 3107 1592.

Este documento foi elaborado em duas vias, uma ficará com o pesquisador responsável pela pesquisa e a outra com você.

Brasília, ____ de _____ de 2026.

Assinatura do participante

Ronald Henrique Leal Acipreste

Apêndice F - Exemplo de Análise dos dados do Participante 4 - Antônio

Contexto familiar

A família segue o modelo considerado tradicional cristão católico formado por pai, mãe e duas irmãs e o participante. Seus pais não tiveram contato com as gerações anteriores, portanto, informações sobre seus avós não foram acessadas. Durante sua infância todos foram muito próximos, sendo eles mesmos a principal forma de apoio. A religião católica ocupou durante muito tempo o lugar central da mobilização moral e ética da família, logo, comportamentos que não se adequavam às expectativas eram desencorajados ou punidos.

A vivência da sua sexualidade a busca pela identidade se dá a partir dos 17 anos quando “sai do armário” e entra na Universidade. Espaço este que possibilitou conhecer outras realidades e entender que era possível estabelecer o próprio espaço fora das expectativas da família.

É casado há quatro anos e dez meses com seu marido. Relatam uma relação aberta com a participação de outros homens para a prática sexual. A relação deles é construída na base de diálogo e negociações constantes, o que provoca proximidade entre o casal.

Genograma Sexual

O tema sexo na família foi tratado como um assunto proibido. Tanto sobre a prevenção de gravidezes não desejadas ou fora do contexto conjugal ou sobre a prevenção de infecções sexualmente transmissíveis. As orientações religiosas dos dogmas católicos mobilizaram o comportamento da família acerca do tema.

Mesmo baseando-se nos preceitos de que o sexo era apenas com fins reproduzidos e restrito à instituição do casamento heteronormativo há casos notáveis na família de infidelidade conjugal. Histórias partem de ambos os lados familiares - materno e paterno, e conhecidamente vindo de homens. A poligamia não consentida por parte dos homens é uma

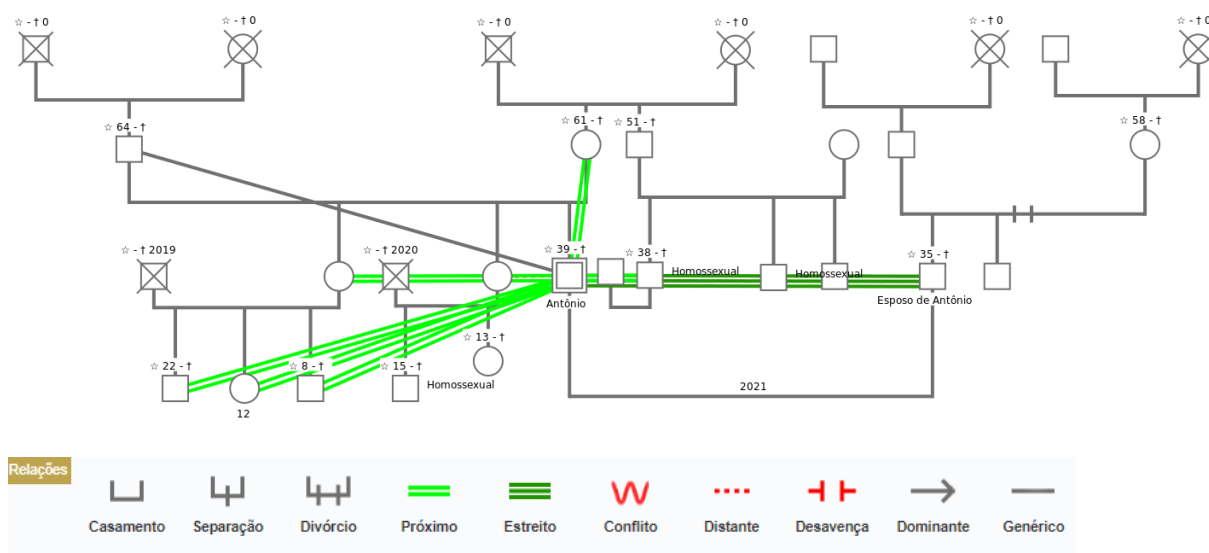
característica do exercício dos papéis de gênero que são socialmente construídos e herdado de gerações anteriores.

Os casais heterossexuais que tiveram este comportamento de infidelidade foram apontados como não referência dentro da concepção do ideal de um casamento. Nota-se que a relação conjugal dos pais foi referida como modelo a não ser seguido e como relação inspiradora um tio materno ocupa esta posição. Características como um casal que é companheiro e se apoia foram apontadas como norteadoras em uma relação.

A família do esposo é originada do centro-oeste do Brasil e o tema sexo e sexualidade foi ainda menos tratado na família. Sua criação durante a infância foi apoiada pela avó materna que é evangélica e esse tipo de discussão nunca teve espaço na família. Contudo, não tem muitas informações sobre esses detalhes na história familiar.

Sobre a relação conjugal, o participante se define como mais sexual que o esposo e por isso tem mais facilidade para falar sobre sexo. Esse é destacado como um ponto de divergência na relação, pois se encontram em momentos diferentes na vida. Enquanto o participante está em uma fase mais sexual e expansiva para conhecer e se relacionar com outras pessoas, o marido está focado na carreira e estudos.

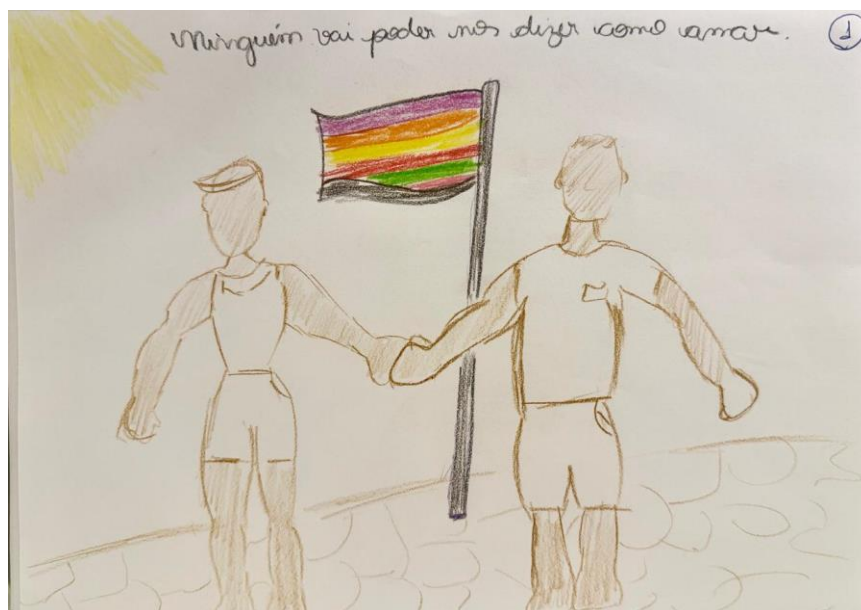
Sobre o ponto de convergência, o companheirismo do casal e a comunicação alinhada foram ressaltados.



Procedimento Desenhos-Estórias

O procedimento seguiu o roteiro planejado com a confecção das cinco unidades de produções. O participante demonstrou interesse na atividade e demonstrou gostar de desenhar.

Unidade 1:



Verbalização: “É a história de dois homens gays que criaram já caminhos de vida, tiveram relacionamentos, alegrias, felicidades, perdas, dores, que viveram situações, em lugares com homofobia, com privação de direitos, de liberdade, de autoconhecimento, foram privados de algumas situações, mas também que viveram bastante, conseguiram superar muitas questões pessoais, que se estabeleceram, tiveram trabalho estável e se encontraram e assumiram relacionamento e estão juntos aí. De mãos dadas, olhando para o horizonte e para os caminhos que vão vir, para as estradas que vão construir. Lutando por uma família diversa, mas por uma família que existe, que é válida até mesmo na nossa sociedade que tenta aniquilá-los e dizer que não é válido, mas que estão de mãos dadas lutando para o melhor.”

Inquérito: Entrevistador: “quem são esses homens?”

Entrevistado: “Real? Eu e o meu marido.”

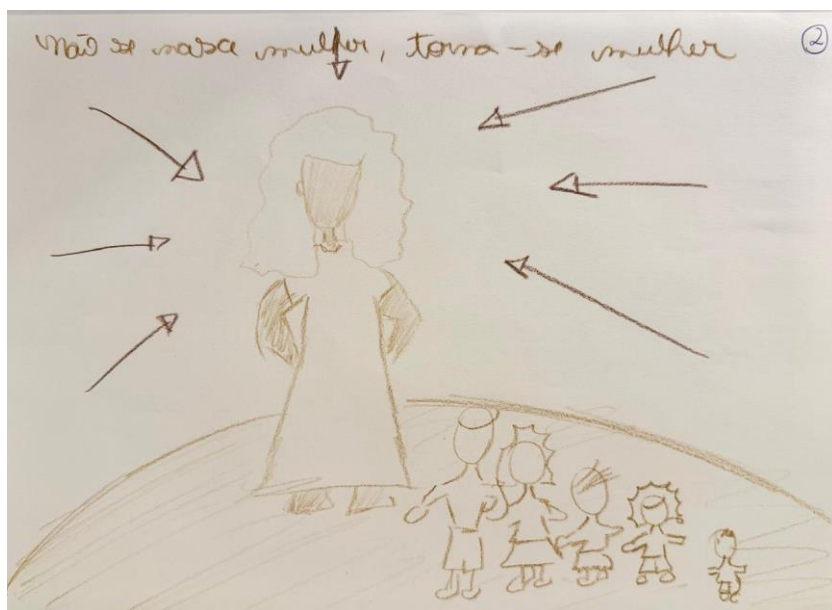
Entrevistador: “Você disse que eles estão olhando para horizonte andando de mãos dadas. O que eles estão vendo?”

Entrevistado: “futuro que eles estão planejando. Os sonhos concretos. Eles têm objetivos, eles querem ainda ascender mais profissionalmente e ter mais estabilidade. Eles querem adotar filhos, querem adotar crianças negras. Além de ser um compromisso pessoal, um compromisso social que isso vai se fundindo também de acordo com as nossas histórias, as nossas referências. A gente quer, eles, quer ter mais estabilidade para ter os filhos. Mas também fazer as nossas viagens e viver bem.”

Título: Ninguém vai poder nos dizer como amar

Interpretação: a UP evidencia dois pontos relevantes: a questão financeira como um parâmetro importante de proteção e as dores profundas que a homofobia causa no participante. Ao mesmo tempo que o desenho apresenta cores vivas, contornos e formas físicas preenchidas, o que indica forte contato com sentimentos mais profundos em relação à identidade, as marcas desse espaço conquistado também aparecem como pontos importantes no trajeto de vida. O desejo da transição para a parentalidade do casal por meio da adoção demonstra uma visão de futuro fortalecida do casal.

Unidade 2:



Verbalização: “Essa estória pra mim reflete muitas mulheres brasileiras que elas... a responsabilidade está em cima dela, da família. Essa, no caso, foi abandonada pelo marido e os filhos ela cria sozinha. Como outras assume mais responsabilidades, criam ou que não têm o pai presente, seja fisicamente ou deixa a mulher sozinha para cuidar dos filhos. Ela é cobrada demais pela sociedade e vive uma jornada tripla aí, às vezes ela tem que trabalhar fora, tem que se virar e é muito cobrado dela o cuidado, a responsabilidade com os filhos e mesmo o homem sendo considerado o chefe da família, ela quem sustenta a família. Ela é a chefe de fato. E violada. Uma mulher muito violada.”

Inquérito: Entrevistador: “Ela está sendo apontada. Por quê?”

Entrevistado: “coloco aí como referências externas. Ela tem que segurar toda a ‘marimba’ e ainda é exigido dela um perfil e a responsabilidade. É o peso da sociedade.”

Entrevistador: “quem é essa mulher?”

Entrevistado: “pra mim é várias mulheres. Diante do público que atendo. É a mulher periférica, a mulher negra. Uma mulher pobre. Reflete essa mãe sobrecarregada.”

Entrevistador: “Em algum aspecto essa mulher te representa?”

Entrevistado: “Eu vejo algumas dores minhas nela. Quando a gente vê que tudo que é relacionado ao feminino e é ridicularizado pela sociedade.”

Título: Não se nasce mulher, torna-se mulher.

Interpretação: A UP foi construída sem o uso de cores, apenas o lápis marrom sem contrastes e preenchimento das formas desenhadas. Pode indicar pouco acesso a esses sentimentos mais profundos relacionados à homofobia internalizada, ao apontamento por não viver sua sexualidade dentro das expectativas familiares e à segregação social que um homem gay não branco vive. Pode indicar, ainda, a distância afetiva que possui com o pai e como a mãe teve, sozinha, a responsabilidade de lidar afetivamente com a família. Outro traço identificado na UP foi o racismo estrutural como uma ferida latente na busca do seu local na sociedade.

Unidade de Produção 3:



Verbalização: “Essa é a família tradicional brasileira diante de tudo que estamos conversando aqui. É a família branca, heteronormativa, é a família do padrão a ser seguido, mas difícil a ser alcançado. A mulher bela, recatada e do lar. É o pai presente, família composta pela

mulher e os filhos. Mas é uma família que tem dinheiro, tem fé, muita fé em Deus e que está acima dos mortais. E que é um padrão que vem ainda sendo colocado como normal na nossa sociedade.”

Inquérito: Entrevistador: “Esse é o primeiro desenho que você coloca rosto nas pessoas. Elas aparentemente estão sorrindo.”

Entrevistado: “Sim, estão rindo da cara dos outros, da sociedade. Eu coloquei saindo fogo dos olhos. Então é muito bem retratado, eles têm noção de onde eles estão, do status que ocupam na sociedade e não querem sair de lá, então fazem de tudo para continuar no poder. Os corpos que merecem ou não dignidade na sociedade são eles que vão dizer. Quais as famílias que são dignas, quais as famílias que podem acessar os melhores lugares, a cor da família digna de sobreviver”

Entrevistador: “Que sentimento você tem por essa família?”

Entrevistado: “Tenho ódio. Tenho nojo. Tenho... e revolta, pois continua e está diante de todas essas mazelas da sociedade ela continua se favorecendo.”

Entrevistador: “A sua família está neste desenho?”

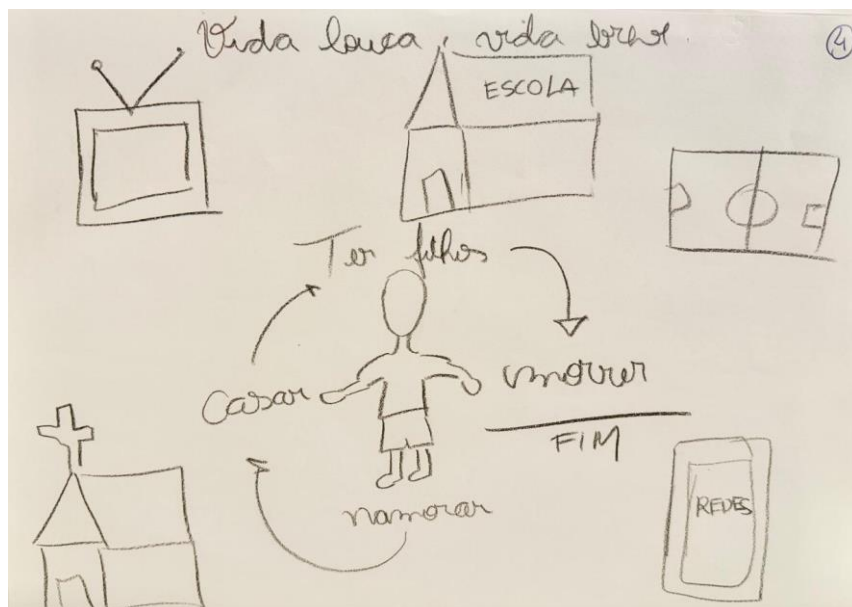
Entrevistado: “Não. Sim. Em alguns aspectos, sim. Sim e não, porque assim, se for por uma questão de família... é complexo. Mas em alguns aspectos sim, pois a gente vê a religiosidade. Mas tem reflexos dela aí. Tem ramificações.”

Título: A burguesia fede.

Interpretação: A UP retrata cenas de repulsa e violência descritas pelo participante. O que pode refletir em marcas profundas deixadas pela homofobia internalizada e pelo racismo estrutural. Enxerga nessa família violenta a parte de sua família tradicionalmente constituída dentro do roteiro esperado: homem, mulher, pai e mãe, filhos e filhas e netos religiosos, heterossexuais e cisgênero. O racismo estrutura é uma marca importante no desenho, o que

demonstra como violências relacionadas à raça, sexualidade e gênero deixam marcas e dores latentes.

Unidade de Produção 4:



Verbalização: “Queria representar o ciclo da vida e às vezes o que é muito exigido. Que você nasça, que você more, que case, que tenha filhas e que você morra. E daí de como todos os espaços têm se propagado isso. As religiões, as mídias, a escola, os espaços de lazer, as redes sociais, enfim. Como se fosse um fluxo natural, que você nasça, encontre alguém, que se case, que você tenha filhos, que você morra. Como se talvez fosse a possibilidade mais certa de se viver, como se fosse um caminho. Quem foge a esse ciclo que é um caminho bem projetado e está meio que fora do mundo, está destoando de alguma coisa. Acho que essa pessoa representa isso. Que foge um pouco dessas projeções que temos na sociedade.

Inquérito: Entrevistador: “esse menino está no meio do desenho e está sozinho. Por que ele está sozinho?”

Entrevistado: “São as opções que ele está recebendo aí. Essas opções externas e aí ele vai cumprir isso? Ou não vai? Tudo levando ele a isso, mas ele pode não ir.”

Entrevistador: “É o primeiro desenho que você faz que não tem cores. Por quê?”

Entrevistado: “Eu não quis dar uma cor para esse, pois pode ser qualquer cor, qualquer homem, menino, mulher. Eu quis deixar bem sem caracterizar, sabe? Mais um padrão aqui mesmo. O ser humano em si. Nem homem, nem mulher, nem rico, nem pobre.”

Entrevistador: “o que você sente por este menino?”

Entrevistado: “cara, coitado, olha onde ele está.”

Entrevistador: “você sente pena dele?”

Entrevistado: “um pouco”

Entrevistador: “você sente vontade de ajudá-lo?”

Entrevistado: “sim... sim... é muita coisa, né? É muito estímulo, muita cobrança, muita pressão...”

Título: Vida louca, vida breve.

Interpretação: A UP evidencia a influência dos modelos de parentalidade e conjugalidade herdados das gerações anteriores e como o não encaixe dentro das normas, legados e características aprendidas na família de origem gera sofrimento e sentimento de não conformidade. Como relatado na entrevista e em UP anterior, o desejo de transição para a parentalidade encontra alicerce nos modelos aprendidos na família. Além de ser uma forma de se adequar às expectativas familiares, é um movimento de dar continuidade àquilo aprendido durante o curso do desenvolvimento. Além dessas influências, a UP evidencia o sentimento de ansiedade que essa pressão causa no participante, pois o desenho indica a projeção de si dentro do roteiro de vida descrito.

Unidade de Produção 5:



Verbalização: “Talvez não tenha conseguido retratar tão bem quanto os outros, mas eu tentei retratar aqui as famílias que estão temporariamente ou estão em situação de rua. E aí as pessoas estão em suas casas à noite, as famílias e pra mim são famílias invisibilizadas e por serem pessoas invisibilizadas não são famílias? Devem ser vistas como famílias? Remete toda essa escada que vou colocando sobre famílias e me faz refletir sobre a dignidade das famílias. Qual família merece dignidade, qual família não merece? Quais são as opções que temos dentro desse ciclo que é instaurado e vejo essas pessoas. São famílias? Não são famílias? Têm famílias? Não têm famílias?”

Inquérito: Entrevistador: “A família anterior foi uma família idealizada e aqui, em suas palavras, é uma família invisível. O que é família?”

Entrevistado: “vai do que eu acho que é família. Eu acho que é onde existe vínculo e proteção e essa configuração de estarem no mesmo ambiente e dessa relação de vínculo. E para a sociedade depende, então o que é considerado e o que não é considerado? Mas para mim é onde existe vínculo, afeto.”

Título: Fomilha.

Interpretação: Esta UP marca um ponto de rejeição importante sobre o que a sociedade e família entendem sobre o conceito de família. Evidencia o quão famílias fora da idealização (formação por homem e mulher cisgêneros e heterossexuais) sofrem com a falta de reconhecimento e espaço. Essa projeção pode ser aplicada, inclusive, na própria noção de constituição de família, afinal, o desejo de pertencimento e aceitação é uma característica humana.

Análise Final

O Procedimento Desenhos-Estórias foi realizado dentro do que Trinca (2010) preconiza com a confecção de cinco unidades de produção no período de até uma hora. Após a análise das UPs, encontrou-se evidências da forte influência dos modelos de parentalidade e conjugalidade aprendidos e herdados das gerações anteriores, principalmente dos pais, haja vista o não contato dos pais com seus genitores. Além disso, a homofobia internalizada e o racismo estrutural deixam marcas claras de sentimentos de rejeição, não adequação e não permissão sobre a possibilidade de se conhecer no aspecto social, sexual, psicológico e afetivo. A relação conjugal é vista como um ponto forte de segurança, pois é a primeira referência de casal e família demonstrado pelo participante. A participação de outras pessoas para a prática sexual não foi demonstrada de forma clara nas produções, o que pode indicar uma divisão sobre o que é afetivo, marcado, herdado e idealizado sobre família e o que é uma demanda fisiológica, pontual e reforço da masculinidade ao estar com outros homens com fins sexuais.

Apêndice G - Parecer Consubstanciado do CEP nº 7.992.670

INSTITUTO DE CIÊNCIAS
HUMANAS E SOCIAIS DA
UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA -
UNB



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: HERANÇA, MACHISMO E AMOR: ESTRATÉGIAS E DESAFIOS PARA A CONSTRUÇÃO E MANUTENÇÃO DA CONJUGALIDADE EM CASAIS FORMADOS POR DOIS HOMENS

Pesquisador: RONALD HENRIQUE LEAL ACIPRESTE

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 91831525.7.0000.5540

Instituição Proponente: Instituto de Psicologia - UNB

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 7.992.670

Apresentação do Projeto:

Sem modificação conforme o projeto avaliado em 27 de Outubro de 2025.

Objetivo da Pesquisa:

Sem modificação conforme o projeto avaliado em 27 de Outubro de 2025.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Riscos: Sem modificação conforme o projeto avaliado em 27 de Outubro de 2025.

Benefícios: Os benefícios diretos aos participantes compreendem conhecer sobre a própria história utilizando os instrumentos de pesquisa como o genograma sexual e o procedimento desenhos-estórias com a orientação de um profissional psicólogo e, caso necessário, receber um encaminhamento à psicoterapia.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Sem modificação conforme o projeto avaliado em 27 de Outubro de 2025.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Sem modificação conforme o projeto avaliado em 27 de Outubro de 2025.

Recomendações:

Ver Lista de Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações.

Endereço: CAMPUS UNIVERSITÁRIO DARCY RIBEIRO - FACULDADE DE DIREITO - SALA BT-01/2 - Horário de
Bairro: ASA NORTE **CEP:** 70.910-900
UF: DF **Município:** BRASILIA
Telefone: (61)3107-1592 **E-mail:** cep_chs@unb.br

**INSTITUTO DE CIÊNCIAS
HUMANAS E SOCIAIS DA
UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA -
UNB**



Continuação do Parecer: 7.992.670

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

O projeto de pesquisa está adequado às exigências das Resoluções CNS 466/2012, 510/2016 e complementares. Foram especificados os benefícios para os participantes do estudo e a data de início da coleta de dados foi alterada para o período de 15/12/2025 e 30/01/2026. Foram atendidas as falhas apontadas e o parecer é favorável à aprovação deste projeto.

Considerações Finais a critério do CEP:

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_2595437.pdf	29/10/2025 13:15:51		Aceito
Parecer Anterior	PB_PARECER_CONSUBSTANCIADO_CEP_7928191.pdf	29/10/2025 13:14:33	RONALD HENRIQUE LEAL ACIPRESTE	Aceito
Outros	ANEXO_F_beneficios_diretos_aos_participantesassinado.pdf	29/10/2025 13:13:22	RONALD HENRIQUE LEAL ACIPRESTE	Aceito
Cronograma	cronograma_ronald_acipresteassinado.pdf	29/10/2025 13:12:50	RONALD HENRIQUE LEAL ACIPRESTE	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	projeto_completo_ronald_acipreste.pdf	29/10/2025 13:08:40	RONALD HENRIQUE LEAL ACIPRESTE	Aceito
Outros	Lattes_Isabela_Machado_da_Silva.pdf	29/08/2025 14:42:30	RONALD HENRIQUE LEAL ACIPRESTE	Aceito
Outros	Lattes_Ronald_Henrique_Leal_Acipreste.pdf	29/08/2025 14:41:50	RONALD HENRIQUE LEAL ACIPRESTE	Aceito
Outros	TERMO_DE_ACEITE_INSTITUCIONAL_ronald.pdf	22/08/2025 17:58:45	RONALD HENRIQUE LEAL ACIPRESTE	Aceito
Outros	cep_CHS_modelo_carta_de_encaminhamento_ronald_henrique_leal_acipresteassinado.pdf	22/08/2025 17:54:37	RONALD HENRIQUE LEAL ACIPRESTE	Aceito
Outros	CARTA_DE_REVISAO_ETICAassinado.pdf	21/08/2025 18:18:38	RONALD HENRIQUE LEAL ACIPRESTE	Aceito
Folha de Rosto	folhaDeRosto_Ronald_Henrique_Leal_Acipresteassinado.pdf	04/07/2025 18:08:57	RONALD HENRIQUE LEAL ACIPRESTE	Aceito

Endereço: CAMPUS UNIVERSITÁRIO DARCY RIBEIRO - FACULDADE DE DIREITO - SALA BT-01/2 - Horário de
Bairro: ASA NORTE **CEP:** 70.910-900
UF: DF **Município:** BRASILIA
Telefone: (61)3107-1592 **E-mail:** cep_chs@unb.br

**INSTITUTO DE CIÊNCIAS
HUMANAS E SOCIAIS DA
UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA -
UNB**



Continuação do Parecer: 7.992.670

Outros	Anexo_Eroteiro_de_perguntas_para_o_procedimento_desenhos_estorias_Ronald_Henrique_Leal_Acipreste.pdf	03/07/2025 17:01:54	RONALD HENRIQUE LEAL ACIPRESTE	Aceito
Outros	Anexo_Droteiro_de_perguntas_para_o_genograma_sexual_Ronald_Henrique_Leal_Acipreste.pdf	03/07/2025 17:00:34	RONALD HENRIQUE LEAL ACIPRESTE	Aceito
Outros	Anexo_C_formulario_online_para_participacao_na_pesquisa_Ronald_Henrique_Leal_Acipreste.pdf	03/07/2025 16:59:34	RONALD HENRIQUE LEAL ACIPRESTE	Aceito
Outros	AnexoBroteiro_de_entrevista_narrativa_Ronald_Henrique_Leal_Acipreste.pdf	03/07/2025 16:57:29	RONALD HENRIQUE LEAL ACIPRESTE	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	Anexo_A_TCLE_RonaldHenriqueLealAcipreste.pdf	03/07/2025 16:46:16	RONALD HENRIQUE LEAL ACIPRESTE	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

BRASILIA, 21 de Novembro de 2025

Assinado por:
André Ribeiro da Silva
(Coordenador(a))

Endereço: CAMPUS UNIVERSITÁRIO DARCY RIBEIRO - FACULDADE DE DIREITO - SALA BT-01/2 - Horário de
Bairro: ASA NORTE **CEP:** 70.910-900
UF: DF **Município:** BRASILIA
Telefone: (61)3107-1592 **E-mail:** cep_chs@unb.br